



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA – PPGP
MESTRADO EM PSICOLOGIA

EVANILDO LOPES MONTEIRO

SIM, QUERO SER PAI!
SIGNIFICADOS DA PATERNIDADE PARA HOMOSSEXUAIS
DE ULIANÓPOLIS/PARÁ

BELÉM

2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA – PPGP
MESTRADO EM PSICOLOGIA

EVANILDO LOPES MONTEIRO

Sim, quero ser pai!

Significados da paternidade para homossexuais de Ulianópolis/Pará

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Pará como requisito conclusivo para obtenção de título de Mestre em Psicologia.

Linha de pesquisa: Prevenção e tratamento.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Adelma Pimentel

BELÉM

2011

EVANILDO LOPES MONTEIRO

Sim, quero ser pai!

Significados da paternidade para homens homossexuais de
Ulianópolis/Pa

Dissertação apresentada à Universidade Federal do Pará como requisito
conclusivo para qualificação no Mestrado em Psicologia.
Linha de pesquisa: Prevenção e tratamento

BANCA EXAMINADORA

Prof^a.Dr^a. Adélma Pimentel

Orientadora

Prof^a.Dr^a. Cristina Donza Cancela-UFPA

Prof^o.Dr^o. Carlos Maciel-UFPA

Aprovado em ___/___/___

Conceito: _____

“Esta pesquisa pode ajudar a sociedade como um todo, na verdade, acho que ajuda mais o meio heterossexual, sai um pouco do alegórico gay. E esse tipo de estudo serve para contribuir com isso, para mudar a visão de como os gays são vistos e tratados. Mostrar que gay não é sinônimo de sexo, de vulgaridade, que gay pode ser também – e é – sinônimo de amor, de afeto, de trabalho dedicação, companheirismo, amizade, família, responsabilidade, honestidade, e por aí vai...”

Italo

AGRADECIMENTOS

A Deus, meu grande amigo, que sempre me escuta e me ama incondicionalmente, ajudando-me na construção desta pesquisa, e fazendo refletir a minha missão para ajudar a humanidade, o que seria de mim sem a sua presença, seu conforto, sua proteção nas diversas fases da minha vida. Quero chegar ao final da minha vida com tua ajuda e dizer para mim mesmo: Evanildo, é um prazer te conhecer!!!!

A minha mãe que me compreende, me aceita da maneira que eu sou, meu carinho especial, pelas conversas, confidências e revelações que transmitimos um ao outro, somos verdadeiros cúmplices dessa relação de amor entre mãe e filho, nossa amizade se fortalece a cada dia, meu obrigado por você ser este exemplo de dedicação e de amor incondicional, que admiro!

Ao meu pai, homem honesto, trabalhador, que me surpreendeu com seu carinho nesta nova fase da minha vida, exemplo de que amor entre pai e filho não está submisso a discursos morais e religiosos, meu muito obrigado pela sua presença nas fases da minha vida.

Aos meus irmãos (Evandro, Evanilza, Evanilson, Evaneide e Evaldo) que demonstraram total apoio nesta nova fase da minha vida, me incentivando a ser feliz independente de minhas decisões, obrigado pela sinceridade, amizade e conforto nos momentos mais difíceis que precisei nas fases da minha vida.

A Marinalva Correia, exemplo de mulher para mim, obrigado pela consideração, pelo amor, pela dedicação, pela compreensão, pela paciência, pela ajuda nos momentos que precisei, pelo incentivo desde o momento que expressei a minha vontade de entrar no PPGP da UFPA, por ser esta pessoa que jamais esquecerei na minha vida e que guardarei nas minhas melhores lembranças.

A Adriano Monteiro, pela amizade, paciência, companhia, doação, sinceridade, companheirismo e momentos ao teu lado que não me esquecerei, pelo conforto durante o período que estive no Mestrado, por me escutar nos momentos que precisei, pelas orientações e opiniões na minha vida, muito obrigado pelo incentivo na minha qualificação profissional.

À grande amiga Érica Marçal, que sempre me incentivou nos estudos, ajudando-me a enxergar meu potencial para a pesquisa, orientando-me em vários momentos que precisei: da construção do projeto à aprovação no mestrado em Psicologia, em todos os momentos você sempre ao meu lado, meu muito obrigado!

As minhas amigas e irmãs **Vânia Sardinha e Aline Sardinha** por compartilharem vários momentos comigo, pela amizade sincera, pelos diálogos na casa dos “Sardinhas”, o quanto vocês são apoio e diferencial neste sentimento que é a amizade, meu muito obrigado porque sei que são sinceras comigo, e que estarão sempre na torcida pelo meu sucesso profissional.

A minha amiga Vilma Brício, pelas reflexões em relação à minha dissertação, pelas orientações bibliográficas, pela amizade, pela preocupação, por ser uma verdadeira amiga, direcionando-me sempre para a construção desta pesquisa, saiba que neste período de nossa amizade aprendi muito ao teu lado, obrigado!

A minha amiga e pesquisadora Kamilly Vale, que sempre nas tempestades era a calma e tranquilidade, obrigado pelos momentos na UFPA, na PUC no Rio de Janeiro e no NUFEN, te admiro muito por ser esta pessoa tão especial que me dá alegria em saber que sou seu amigo.

Aos professores e Doutores Maurício Souza, Ernani Chaves, Cristina Donza, Carlos Marciel, pois em suas aulas pude compreender e aperfeiçoar meus conhecimentos acerca da minha pesquisa.

Aos Entrevistados, que com suas simplicidades se dispuseram a participar da entrevista, permitindo que o pesquisador escutasse suas intimidades e projetos de vida, tenho a certeza que serão verdadeiros pais para seus filhos, dedicando-se incondicionalmente.

A minha orientadora, amiga, mãe, confidente Adelma Pimentel, pela confiança depositada em mim desde o período da seleção, pela compreensão nas minhas decisões e que apesar dos meus erros continuou com a sua amizade, meu muito obrigado, pelas contribuições para meu crescimento pessoal, ajudando-me a trilhar o caminho do sucesso nesta tarefa árdua e prazerosa que é produzir ciência.

RESUMO

Este trabalho é fruto do interesse por estudos e ações relacionados com a homossexualidade masculina. Investigou-se o interesse dos homossexuais vivenciarem a paternidade, visando discutir a ampliação do conceito de família na sociedade. Na atualidade, ocorre o avanço de ações e atitudes dos homossexuais contribuindo decisivamente para uma maior visibilidade deles na sociedade. Os homossexuais estão se colocando, eles querem viver livremente suas sexualidades, nas esferas públicas e privadas, querem paternidade, união civil, direito à família e assistência à saúde. Dentre as diversas manifestações homossexuais, existe a questão das uniões homoafetivas, como entidade familiar e a crescente possibilidade de exercerem a parentalidade, pois se entende que a conjugalidade entre homem e mulher deixa de ser a garantia da reprodução da espécie, a reprodução biológica pode ocorrer fora dos contextos da conjugalidade, e mesmo da sexualidade. Desta maneira, aumentam as possibilidades de um/a homossexual ser pai/mãe, pois com os processos de adoção, tecnologias de reprodução (inseminação artificial e fecundação *in vitro*) e o envolvimento com o sexo oposto, surge a possibilidade de constituir família, principalmente quando vive o fenômeno da união homoafetiva. Baseada em uma pesquisa do tipo qualitativa, apoiamos-nos nos subsídios teóricos da abordagem fenomenológica existencial hermenêutica, da gestalt-terapia e da terapia ocupacional social. A parte prática da pesquisa foi realizada com homens homossexuais que residem no município de Ulianópolis, sudeste do estado do Pará. A pesquisa utilizou para coleta de dados a entrevista do tipo estruturada que serão gravadas e os discursos dos entrevistados estudados a partir da análise do discurso proposta em Paul Ricoeur e do suporte teórico-metodológico da gestalt-terapia. O resultado confirma que os homens homossexuais querem vivenciar a paternidade e é necessário que os profissionais da saúde reflitam mais sobre o assunto.

Palavras-Chave: Sexualidade. Homossexualidade. Família. União. Homoafetiva. Paternidade. Gestalterapia e Terapia Ocupacional.

ABSTRACT

This work is the result of interest in studies and actions related to male homosexuality, based on a qualitative study, obtaining theoretical background in existential hermeneutic phenomenological approach, gestalt therapy and occupational therapy, social, and the practical part of the research will be conducted with gay men residing in the city of Ulianópolis, southeastern state of Pará. The research proposes to investigate the interest of those they experience parenthood, aiming to discuss the expansion of the concept of family in society. Currently, there is the progress of actions and attitudes of gay men helped lead to greater visibility of the same society. Homosexuals are putting themselves, they want to live their sexuality freely, in public and private spheres, they want to paternity, civil union, right to family and health care. Among the various manifestations is the issue of gay marriages homoafetivas as a family entity and the increasing possibility of the same exercise in parenting, it is understood that the conjugal relationship between man and woman no longer guarantee the reproduction of the species, biological reproduction can occur outside the contexts of marital and even sexuality. Thus, the possibilities of a / to be homosexual parent, because the procedures for adoption, reproductive technologies (artificial insemination and in vitro fertilization) and involvement with the opposite sex this character has the possibility of a family, especially lives when the phenomenon of marriage homoafetivas. The research will use to collect data and the structured interview of the type that will be recorded and studied the speeches of the interviewees from the discourse analysis proposed in Paul Ricoeur and theoretical-methodological support of gestalt therapy. The result confirms that gay men want to experience parenthood and it is necessary that health professionals reflect more on the subject.

Keywords: Sexuality. Homosexuality. Family. Homoafetivas Union. Paternity. Gestalterapia and Occupational Therapy.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I - SEXUALIDADE HETERONORMATIVA E HOMOSSEXUAL: UM PANORAMA DO HORIZONTE MODERNO E PÓS-MODERNO	19
1.1 OS ESTUDOS SOBRE A SEXUALIDADE	19
1.2 GÊNEROS E PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO.....	22
1.3 PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO HOMOSSEXUAIS	29
CAPÍTULO II – ARRANJOS FAMILIARES E PATERNIDADE HOMOSSEXUAL ...	37
2.1 PATERNIDADE	48
CAPÍTULO III – ABORDAGEM GESTALTICA E OCUPACIONAL DA PATERNIDADE	54
CAPÍTULO IV – A PESQUISA	58
CAPÍTULO V – QUERO SER PAI? RESULTADOS E DISCUSSÃO	62
5.1 PERFIS DOS INFORMANTES	62
5.2 UNIDADES DE SIGNIFICAÇÃO.....	64
5.2.1 Percepção da homossexualidade.....	64
5.2.2 Vivência do sexo e o afeto	73
5.2.3 Participação da mulher na subjetivação da sexualidade	79
5.2.4 Paternidade.....	85
CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
REFERÊNCIAS	104
ANEXOS	113

INTRODUÇÃO

A concepção e elaboração de uma pesquisa em qualquer campo de produção do conhecimento (tccs, mestrado, linha de investigação em grupos de afiliação institucional) há sempre uma série de motivações e significados que inquietam os pesquisadores. Nesta dissertação de mestrado em psicologia, um ensejo que integra o fundo que impulsionou o mergulho no estudo sobre a problemática da homossexualidade surgiu a partir do desejo de compreender melhor minha própria homossexualidade.

No decorrer da minha formação profissional em Terapia Ocupacional, ao cursar uma disciplina denominada *Atividades e Recursos Terapêuticos*, durante uma vivência em grupo foi proposto, através de dinâmica de colagem, verbalizar como era a vida afetiva de cada um. Durante meu relato, me surpreendi, quando percebi a emoção provocada pela exposição desta dimensão da minha vida, compreendi que era um indício que minha afetividade não estava em equilíbrio dinâmico. Precisava de ajuda de um psicólogo.

Procurei um Psicólogo e iniciei sessões de psicoterapia, a fim entender minha própria subjetividade. O acompanhamento psicológico iniciou no ano de 2003 e, com as sessões, passei pela experiência de aceitar minha própria orientação sexual, desconstruindo o medo e o preconceito que tinha.

A psicoterapia permitiu uma maior expressividade dos meus sentimentos e emoções, fazendo-me superar a neutralidade positivista. Com os *insights* das sessões, vieram as reflexões quanto à convivência social, como dificuldades enfrentadas por ser homossexual: o medo de “descobrirem” (familiares, amigos e colegas de profissão) a orientação sexual, a culpa por sentir atração por pessoas do mesmo sexo e o preconceito sofrido durante a adolescência.

Assim, foi despertado em mim o interesse em realizar uma pesquisa relacionada à homossexualidade. Apesar de sentir-me mais amadurecido, ainda esbarrava no medo e receio de abordar o assunto, pois ainda não tinha saído do “armário”. Minha orientação sexual já estava totalmente aceita por mim, entretanto, não estava preparado, socialmente, para revelar minha homossexualidade e relatar

os motivos subjetivos que me levaram a pesquisar esta temática.

No ano de 2007, ao cursar a especialização em Saúde Mental não desenvolvi nenhum estudo em relação à temática homossexualidade, decidi escrever uma monografia sobre a intervenção da terapia ocupacional com pacientes esquizofrênicos, entretanto não se deixei de problematizar o interesse por pesquisar algo significativo existencialmente e socialmente no campo da homossexualidade, a fim de contribuir, desta forma, com elementos empíricos para a compreensão da homossexualidade.

Em seguida, o mergulho na literatura, relacionada à homossexualidade, permitiu recortar a questão da paternidade homossexual. Ao realizar uma busca sobre o assunto em diversas bibliotecas públicas e privadas de Belém, percebi uma escassez de materiais, poucas referências encontradas e nas obras consultadas, os autores indicavam que era necessário que estudantes e profissionais pesquisassem mais sobre o assunto. Tal recomendação confirmava a motivação e disposição para realizar a pesquisa.

Considerando o indispensável retorno social das pesquisas em ciências humanas à sociedade, ponderam-se algumas metas para a dissertação: colaborar para a ampliação da sensibilidade e empatia pública e compreensão do sofrimento psicossocial de alguns homossexuais, cuja inserção existencial é reduzida a dimensão da sexualidade; produzir em Terapia Ocupacional um estudo que possa orientar homossexuais masculinos na atualização dos seus relacionamentos familiar e social.

Em 2008, assisti na Universidade Federal do Pará (UFPA) / Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) / Mestrado em Psicologia (PPGP), uma palestra promovida pelo Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas (NUFEN), coordenado pela Prof^a Dr^a Adelma Pimentel, intitulada “Gênero, masculinidade e pesquisa qualitativa fenomenológica”, proferida pela professora Dr^a. Maria de Toledo Bruns. A audição me despertou uma identificação com a metodologia fenomenológica existencial hermenêutica. Nesta atividade houve um debate e ao final da palestra fui interpelado também pela ponderação de uma participante do Grupo Orquídea (Grupo Homossexual de Belém), que relatou a importância de refletirmos mais sobre assuntos relacionados à homossexualidade. Durante o

debate e após o evento, fiz contato e diálogo com alguns integrantes do grupo expressando o meu interesse em pesquisar sobre a paternidade homossexual.

Esse conjunto de experiências cooperou para refinar meu problema de pesquisa, e fortalecer ainda mais a motivação para estudar. Além disso, constatei durante as leituras bibliográficas prévias, para a construção do projeto de pesquisa que ocorre o reconhecimento, em pequena escala, de uniões estáveis que apontam para a consolidação das relações afetivas homossexuais por meio da união homoafetiva, ou seja, vinculação entre pessoas do mesmo sexo. A importância e uma consequência desta consideração têm sido a modificação e ampliação do conceito de família, que com o declínio do patriarcalismo, avanço da engenharia genética para a reprodução e a valorização do sentido de liberdade dos sujeitos, contribui para que a família passe a ser concebida como o espaço do companheirismo, do amor e da livre expressão do afeto (BRASILIANENSE, 2001; PIMENTEL; FRANCO, 2005).

As pesquisas sobre homossexualidade e paternidade muito embora estejam apenas iniciando, progressivamente conquistam interesse acadêmico, o que antes não acontecia (TARNOVSKI, 2008). Para Zambrano *et al* (2006), as questões relativas à homossexualidade estiveram soterradas pelo preconceito e pelo temor; e as estatísticas registravam baixo índice de produção de uma literatura geral e científica sobre o tema.

Este panorama vem se alterando e cada vez mais estudos relacionados à paternidade homossexual (UZIEL (2002), SANTOS (2004), SCOTT (2005), DE JESUS (2005), GONTIJO (2005), ZAMBRANO (2006), TARNOVSKI (2008)), ganham o cenário acadêmico contribuindo para entender que a paternidade supera questões relacionadas à biologia, ou seja, pai sempre foi unicamente quem, por meio de uma relação sexual, fecunda uma mulher, a qual, levando a gestação a termo, dá à luz um filho. Desta maneira, presunções de paternidade afastam-se do fato natural da procriação, visto que o homem homossexual pode referendar hoje a denominada “posse de estado de filho” ou “filiação socioafetiva”, no caso de adotar uma criança, ou então fazer uso das tecnologias reprodutivas, co-parentalidade e ainda envolver-se com o sexo oposto.

O alargamento da concepção de família, as proposições dos legislativos

internacionais para o reconhecimento do casamento e/ou do contrato civil entre homossexuais, como, por exemplo, legislações na Holanda, Portugal, Argentina, Itália, Alemanha, Suécia, Dinamarca, da mesma forma no Brasil, como é o caso de uma decisão judicial no Rio Grande do Sul, concedendo o direito de parceiros homossexuais terem pensão por morte ou prisão (DE JESUS, 2005), veem alterando a percepção social e instituindo a garantia dos direitos fundamentais aos sujeitos independentes do sexo e da orientação sexual.

Dentro desse novo contexto de pensar a família, é importante pesquisar se os homens homossexuais sentem o desejo de vivenciar a paternidade. Portanto, a questão norteadora desta pesquisa de mestrado é: o homossexual deseja vivenciar a paternidade em sua futura união homoafetiva?

Desta questão principal derivam indagações secundárias que também nortearão a pesquisa: O que significa a paternidade para o homem homossexual? Quais as maneiras que os informantes avaliam adequadas para a vivência da paternidade? A adoção, o uso das técnicas de reprodução genética, o envolvimento com o sexo oposto são as formas possíveis de ser pai?

A busca de conhecer mais profundamente a realidade que o sujeito que vive na região norte, espaço inserido na Amazônia legal, requer um deslocamento geográfico da pesquisa para o interior do estado do Pará. Nesta perspectiva, a questão será respondida por homens homossexuais não integrantes de movimentos sociais e que moram na cidade de Ulianópolis, município do Pará, circunscrito na região sudeste do estado. A escolha do local é devida ao exercício pelo pesquisador de suas atribuições funcionais de terapeuta ocupacional neste município durante 3 anos.

O processo de colonização, da área que hoje é o município de Ulianópolis, iniciou-se no ano de 1958, na época da construção da Belém-Brasília. Várias famílias vieram para a Amazônia, atraídas pelos grandes projetos implantados na década de 1960, que facilitavam a aquisição de terras na região. Família como a dos Ulianas, que ocuparam a área onde hoje está localizado o município de Ulianópolis, e que no passado era chamado de Gurupizinho dos Capixabas (PMU, 2005).

As obras de abertura da rodovia Belém-Brasília trouxeram imigrantes de várias partes do país, principalmente, do Espírito Santo e Maranhão. Aos poucos, a

região foi ocupada por causa da exploração da madeira, na década de 1980. Nesse período, a atividade madeireira era tão forte que 20 serrarias foram instaladas na região. Entretanto, inicialmente, Ulianópolis era distrito de Paragominas. O crescimento da cidade está estritamente relacionado com o aquecimento da economia, que na época era fortemente ligada à exploração da madeira.

Foi então que, em 1988, começou um movimento de emancipação e, quatro anos depois, Ulianópolis tornou-se independente de Paragominas (SMSU, 2009). Elevado a categoria de município, com a denominação de Ulianópolis, pela lei estadual nº 5679, de 13 de dezembro de 1991, desmembrado do município de Paragominas, construído distrito sede, instalado no dia 01 de Janeiro de 1993. Atualmente, o município tem uma população de aproximadamente 36.020 (trinta e seis mil e vinte) habitantes. E a previsão, é que esse número já tenha aumentado no ano de 2010, pelo fato do surgimento de outras colônias dentro do município (IBGE, 2010).

A base econômica de Ulianópolis deu-se pelo extrativismo vegetal, mineral, na pecuária e agricultura. O rebanho bovino do município já chegou a contabilizar mais de 100 mil cabeças de gado, com o aproveitamento para o abate, produção de leite e derivados. Porém, nos últimos anos, a economia ficou baseada em sua maior parte na pecuária e agricultura – inclusive familiar (PMU, 2005).

A cidade de Ulianópolis possui uma área de 5.103, 669 km², constituída de 6 bairros (Rezende I, Resende II, Diácono Uliana, Boa Vista, Caminho das árvores e Palmeiras) e de 12 colônias, localiza-se a uma latitude de 03°44'31" sul e a uma longitude 47°29'41" oeste, estando a uma altitude de 130 metros. Situa-se na mesorregião do sudeste paraense. Sua população atual é de 36.020 habitantes.

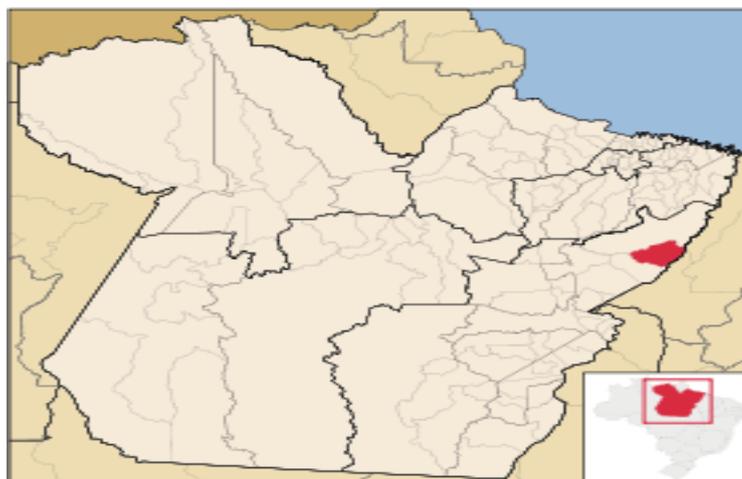


Figura 1 - Em destaque Ulianópolis
Fonte: IBGE, 2010.

Quanto à estrutura de atendimento em saúde à população, Ulianópolis possui um Hospital Municipal (HMU), um Posto de saúde da família (PSF I), localizado no bairro Resende II, um Posto de saúde da família (PSF II) situado na Vila Arco-Íris, um posto de saúde situado no bairro Palmeiras e o Núcleo de Reabilitação Mateus Sampaio dos santos, que oferecem atendimento nos turnos da manhã e da tarde, sendo que são atendidos nas unidades ambos os sexos, nas diversas faixas etárias em diversos programas de saúde elaborados pela Secretaria de Saúde. Esta conta com uma equipe multiprofissional composta de quatro Médicos, quatro Enfermeiros, quatro Odontólogos (4), um Assistente Social, um Nutricionista, dois Psicólogos, um Fisioterapeuta, um Terapeuta Ocupacional, um Farmacêutico, um Biomédico, um Pedagogo (SMSU, 2009).

A Secretaria de Saúde de Ulianópolis desenvolve um programa denominado “arte de amar com sabedoria” que envolve educação e saúde no que diz respeito à sexualidade, envolvendo a questão do planejamento familiar e prevenção às doenças sexualmente transmissíveis. Observei que este projeto não inclui nenhuma ação voltada para o atendimento aos homossexuais com finalidade terapêutica, além de não serem elaborados projetos e programas destinados aos homossexuais, e que ainda no município a temática é discutida em contextos discriminatórios e estigmatizantes, portanto, é crucial a necessidade desta pesquisa neste referido município, contribuindo para diminuir o preconceito e o isolamento social do homossexual.

Em 2009, o ingresso no Programa de Pós-graduação em Psicologia (PPGP) permitiu a reconfiguração e refinamento da apreensão do problema de pesquisa. Atualmente, ao conjunto das situações que me interpelaram agrego aprendizagens como o treinamento em metodologia de pesquisa qualitativa fenomenológica; análise do discurso; estudos teóricos acerca da gestalt-terapia, da sexualidade, homoerotismo, família, paternidade e homoparentalidade, temas que atravessam transversalmente a questão de pesquisa. Todos estes insumos fornecem suportes e construtos para as posteriores análises empíricas.

A Psicologia e a Terapia Ocupacional na atuação prática objetivam a saúde do indivíduo e a busca de sua qualidade de vida para o mesmo alcançar autonomia de acordo com sua subjetividade¹. A saúde é compreendida como a busca da qualidade de vida. Entende-se que esta “qualidade de vida” seja algo intrínseco, só possível de ser avaliado pelo próprio sujeito. Desta maneira, prioriza-se a subjetividade, considerando-se a realidade de cada um, por isso, o enfoque de saúde tem uma visão mais ampliada, relacionada com a autonomia do ser humano, em que supostamente existe uma “vontade”, fazendo parte de uma “*psyque*” (alma) e que o estado de harmonia entre o sujeito e sua própria realidade garante a realização destas vontades e dá liberdade ao indivíduo (SEGRE; FERRAZ, 1997).

Respeitando as singularidades das ciências mencionadas, realizamos um exercício transdisciplinar articulando a comunicação entre os dois sistemas para responder a questão investigada: o homossexual deseja vivenciar a paternidade em sua futura união homoafetiva?

Na Psicologia entrelaçamos a fenomenologia existencial e a metodologia gestáltica do contato, da *awareness* e da relação. Na Terapia Ocupacional a fenomenologia existencial subsidia análises de cunho qualitativo, que se interessam pela subjetividade dos sujeitos que executam determinada ocupação significativa, em um determinado contexto sócio-histórico-cultural, em especial no campo social. Tanto em Terapia Ocupacional quanto em Psicologia, a fenomenologia das linguagens verbais e não verbais são veículos que ajudam a desvelar as significações e os sentidos singulares e intersubjetivos. A metodologia gestáltica permite o esclarecimento da consciência das necessidades que cada um tem de si mesmo, das interações e relações que estabelece, do contexto geográfico e suas

¹ O recorte desta pesquisa é a subjetividade; entretanto, ressaltamos a importância de uma leitura da saúde no horizonte das políticas públicas.

repercussões psicológicas, da inserção em uma cultura e da sua historicidade. Os modos que delimita o esclarecimento são construídos e desconstruídos na cotidianidade existencial. Em se tratando de linguagem não verbal, a atividade artística, lúdica, pictórica, a escultura e o desenho, são algumas formas de expressão e expressividade; enquanto que em se tratando de linguagem verbal, agregamos a metodologia ricoeuriana para a compreensão do discurso e do texto (PIMENTEL; OLIVEIRA; ARAÚJO 2009, p. 31)

Os procedimentos de obtenção dos dados caracterizam-se pelas seguintes etapas: a) submissão do projeto ao comitê de ética do centro de ciências da saúde²; seleção dos sujeitos por meio da rede de relações do pesquisador; contato telefônico ou presencial preliminar com os informantes para obter a concordância verbal em participar da pesquisa; b) encontro pessoal com os sujeitos para explicar os objetivos da pesquisa e entregar o termo de consentimento livre e esclarecido, documento explicativo que resume os objetivos da investigação e realização das entrevistas.

A psicologia clínica de base Gestáltica e a abordagem gestáltica na UFPA, através do NUFEN, tem produzido conhecimento no campo das violências de e intragêneros. Tem realizado com a terapia ocupacional diálogos interdisciplinares no campo da saúde. Nesta interlocução surge esta investigação sobre a paternidade homossexual.

Este estudo pretende oferecer aos homossexuais masculinos que vivem em Ulianópolis, e aos profissionais de saúde, material bibliográfico para elaborar ações e programas de terapia ocupacional e psicologia que permitam aos clientes das unidades de saúde expressarem seus sentimentos e emoções acerca da paternidade, sem discriminações e preconceitos. É, também, uma maneira de se refletir acerca da diversidade, e composição de uma sociedade justa e igualitária.

Metodologicamente, ressaltamos que a pesquisa é de orientação qualitativa. Gravamos entrevistas e os discursos dos entrevistados foram transformados em textos, conjugando-os, na medida do possível, a metodologia da interpretação de Ricoeur (1975), a conceitos da abordagem gestáltica, da terapia ocupacional social, das teorias de gêneros e da paternidade. A metodologia de análises do conteúdo do discurso, enquanto significação, visa à interpretação da linguagem por meio da

² C.f. Parecer do Comitê no Anexo A

identificação das funções e dos atos de elocução focalizados em três momentos: locucionário (ato de dizer), ilocucionário (linguagem corporal e simbólica) e perlocucionário (reflexo da linguagem no outro) (RIBEIRO, 2006).

A dissertação é organizada em cinco capítulos integrados: o primeiro descreve a sexualidade heteronormativa e homossexual: um panorama do horizonte moderno e pós-moderno; o segundo traz uma síntese acerca dos arranjos familiares e paternidade homossexual; o terceiro descreve a abordagem gestáltica e ocupacional da paternidade; no quarto, apresenta-se a pesquisa e no quinto os resultados e discussão.

CAPÍTULO I - SEXUALIDADE HETERONORMATIVA E HOMOSSEXUAL: UM PANORAMA DO HORIZONTE MODERNO E PÓS-MODERNO

1.1 OS ESTUDOS SOBRE A SEXUALIDADE

A partir das últimas décadas do século XVIII foram iniciados estudos sistematizados sobre a sexualidade, culminando na “revolução” sexual, conduzindo muitos pesquisadores a refletirem sobre o campo. O termo sexualidade surgiu tardiamente, no início do século XIX para estabelecer o campo de conhecimentos diversos, que cobriam tanto os mecanismos biológicos da reprodução como as variantes individuais ou sociais do comportamento (FOUCAULT, 2005).

Na elaboração da história da sexualidade, Foucault utiliza a expressão denominada de “a hipótese repressiva”, cujo ponto de vista afirma que as civilizações modernas organizam o controle dos impulsos interiores, gerando assim disciplina, castigo suportes de sustentação da civilização.

Nesta perspectiva, a vida social moderna é vinculada à ascensão do “poder disciplinar”, instância moderadora presente nas instituições como prisão, asilo, organizações, empresas comerciais, escolas e hospitais. O poder disciplinar produz “corpos” (e vontades) “dóceis”, controlados e regulados em suas atividades, em vez de espontaneamente capazes de atuar sobre os impulsos de desejo (PASSOS, 2008).

Assim, entre o século XIX e o início do século XX, o poder emergia como uma força de repressão. Neste período, sexualidade e o poder imbricavam-se de muitas maneiras distintas, por exemplo, a sexualidade desenvolveu-se como um campo de segredos, que deviam ser incessantemente guardados, além de suscitar precaução dos atores no que se refere às práticas e ao desejo.

Outro exemplo apontado por Foucault refere-se à masturbação. Campanhas foram criadas por médicos e educadores para conter esta prática e “esclarecer” suas consequências. Entretanto, a atenção dada pelo estado e igreja a este assunto tinha como objetivo a organização e o desenvolvimento “adequado” físico e mental dos indivíduos.

Do mesmo modo, numerosas perversões sexuais foram conceituadas por psiquiatras, médicos e outros profissionais, sendo expostas ao público e transformadas em princípios de classificação da conduta, da personalidade e da auto-identidade individual, com o propósito de constituir as perversões em modos de conduta indignos.

Em síntese, foi instaurado um conjunto de regras e de normas tradicionais e novas apoiadas em instituições religiosas, judiciárias, pedagógicas e médicas, para conduzir o modo pelo qual os indivíduos dariam sentido e valor à sua conduta, seus deveres, prazeres, sentimentos e sonhos.

É importante salientar que muitas culturas e civilizações tradicionais elaboraram escritas sobre o erotismo humano, mas somente a sociedade ocidental moderna desenvolveu uma ciência da sexualidade. Foucault (2005) relaciona este surgimento à associação do princípio da confissão com o acúmulo de conhecimento sobre o sexo.

Sobre as prescrições religiosas, é oportuno lembrar que o sexo passou a ser assunto principal de um confessionário moderno. A pastoral cristã inscreveu como dever fundamental, a tarefa de fazer passar tudo o que se relaciona com o sexo pelo crivo interminável da palavra. A interdição de certas palavras, a decência de expressões, todas as censuras dos vocabulários considerados escandalosos, procurava produzir efeitos específicos sobre o desejo, pelo simples fato de colocá-lo integral e aplicadamente em discurso: efeito físico de dores bem-aventuradas por sentir no seu corpo as ferroadas da tentação e o amor que lhe resiste (FOUCAULT, 2005).

O confessionário católico foi um meio de controle da vida sexual dos fiéis. Não significava apenas as verbalizações das indiscrições sexuais, mas muito mais que isso, uma maneira do padre e o penitente interpretarem a confissão de delitos em termos de uma estrutura ética.

Na contra-reforma, a igreja torna-se mais insistente com a confissão regular, e esta dinâmica é intensificada. Não somente os atos, mas também os pensamentos, as fantasias e todos os detalhes relacionados ao sexo deveriam ser trazidos à tona e examinados. Isto significava uma imensa preocupação com o desejo sexual, transformando a confissão penitencial em confissão interrogatória.

As práticas sexuais descritas na confissão foram transformadas em diversos discursos, como os registros de caso e panfletos escandalosos. A confissão, desta maneira, envolveu procedimentos, através dos quais o sujeito era estimulado a falar a verdade a respeito da sua sexualidade, capaz de produzir efeitos sobre o próprio sujeito.

Durante o século XVIII, o sexo não cessou de provocar uma espécie de erotismo discursivo generalizado. E tais discursos sobre o sexo não se multiplicaram fora do poder ou contra ele, porém, lá onde se exercia e como meio para o seu exercício, criaram-se em todos os cantos incitações a falar; em toda parte, dispositivos para observar, interrogar e formular (PAIVA, 2007).

No fim do século XVIII, e por motivos que será preciso determinar, nascia uma tecnologia do sexo inteiramente nova; nova, porque sem ser realmente independente da temática do pecado escapava basicamente à instituição eclesiástica. Através dos estudos da pedagogia, da medicina e da economia, o sexo não era só uma questão leiga, mas negócio de estado, ainda melhor, uma questão em que todo corpo social e quase cada um de seus indivíduos eram convocados a porem-se em vigilância (FOUCAULT, 2005).

O prazer erótico se transforma em “sexualidade” na proporção que sua investigação produz textos, manuais e estudos que distinguem a “sexualidade normal” de seus domínios patológicos. A verdade e o segredo do sexo foram determinados pela busca e pelo acesso fácil a tais “descobertas”.

A partir de inúmeros discursos, multiplicaram-se as condenações judiciais das perversões menores, anexou-se a irregularidade sexual à doença mental; da infância à velhice foi definida uma norma de desenvolvimento sexual e cuidadosamente caracterizados todos os desvios possíveis, organizaram-se controles pedagógicos e tratamentos médicos, em torno das mínimas fantasias, os moralistas e, também, sobretudo, os médicos, trouxeram todo o vocabulário enfático da abominação (PASSOS, 2008).

Então, a história da sexualidade pode ser enquadrada em dois momentos: o primeiro no decorrer do século XVII com o nascimento das grandes proibições, valorização exclusiva da sexualidade adulta e matrimonial, imperativos de decência, esquivas obrigatórias do corpo, contenção e pudores imperativos da linguagem; a

outra, no século XX, menos ruptura, aliás, é o momento em que os mecanismos da repressão teriam começado a se enfraquecer (PAIVA, 2007).

Isto fez aparecer, por exemplo, uma relativa tolerância a propósito das relações pré-nupciais ou extramatrimoniais, a desqualificação dos perversos teria sido atenuada e, sua condenação pela lei, eliminada em parte; começam a ser eliminados os grandes tabus que pesavam sobre a sexualidade.

As mudanças que afetam a sexualidade são, na verdade, revolucionárias e muito profundas, a vida pessoal tornou-se um projeto aberto, criando novas demandas e novas ansiedades. Nossa existência interpessoal está sendo completamente transfigurada, envolvendo a todos nós naquilo que denominamos de experiências sociais do cotidiano, com as quais as mudanças sociais mais amplas nos obrigam a nos engajar (GIDDENS, 1993).

Hoje, a sexualidade tem sido descoberta, revelada e propícia ao desenvolvimento de estilos de vida bastante variados. É algo que cada um de nós tem, ou cultiva, não mais uma condição natural que um indivíduo aceita como um estado de coisas preestabelecido. De algum modo, que tem de ser investigada, a sexualidade funciona como um aspecto maleável do eu, um ponto de conexão primário entre o corpo, auto-identidade e as normas sociais.

É neste contexto que surge o conceito de sexualidade plástica, descentralizada, liberta das necessidades de reprodução, vinculada no interior do relacionamento, entendido como interação de igualdade sexual e emocional, que provoca um afastamento das tradicionais localizações sexuais / sociais / subjetivas dos gêneros, e da dominação masculina (GIDDENS, 1993).

1.2 GÊNEROS E PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO

Os estudos acerca da sexualidade mostraram a complexidade do tema, bem como a obsolescência do estado em elaborar políticas públicas para educação sexual baseadas em diferenças sexuais; ainda tornou arcaico o conceito de papel sexual. Desta forma, para lidar com questões de poder, as pesquisas ofereceram

A categoria gênero, que incorpora o poder como articulador fundamental, e permite uma crítica mais radical da relação

Natureza/Cultura, criando condições para o rompimento da constância com que se uniam o biológico e o social. Portanto, trata-se de desconstruir a própria noção de "sexo", a fim de fugir das armadilhas colocadas na presunção da existência de "fatos" biológicos inquestionáveis, dados *apriori*, anteriores e exteriores à significação humana, como suporte do gênero (MEDRADO; LYRA, 2002, p. 63).

Em síntese, a partir dos anos 1960, começava a ruir a distinção entre homens e mulheres pautada no que podiam "fazer sexualmente" (ADELMAN, 2000); bem como desconstruir as premissas do "curso natural" do encontro e da atração pelo "sexo oposto" que dividia o mundo entre heterossexuais e homossexuais. (LINS; BRAGA (2005); HALL (2005); ADELMAN (2000); SPENCER (1996)). Incidir um olhar crítico sobre a história dessas noções teóricas, a partir de sua utilização pela medicina, anatomia e biologia, mostra-nos que seu aparecimento é extremamente recente.

Gênero abrange a identidade de gênero que diz respeito à experiência subjetiva de pertencer a um grupo de homens ou de mulheres que praticam papel de gênero, ou seja, comportamentos, atitudes e traços de personalidade que são designados em uma sociedade femininos ou masculinos, em determinada cultura e período histórico.

A identidade de homens e mulheres e os significados de gênero são construções históricas e socioculturais, [...] decorrem, entre outros motivos, do modo como o mundo lhes foi apresentado, da educação, recebida, da cultura dominante, das relações que trava, de como é reconhecido pelo grupo e como conduz seus atos. Apesar das muitas conquistas do movimento feminista e das mulheres, no Brasil ainda convivemos com desigualdades de gênero marcantes: tradicionalmente, homens e mulheres recebem educação diferenciada, não por respeito às diferenças entre os sexos e sim para torná-los desiguais e com isto marcá-los, rotulá-los e destiná-los a lugares e papéis. (PIMENTEL *et al*, 2010 p. 60).

O conceito de gênero surge nas ciências humanas e sociais como uma tentativa de aglutinar interesses comuns e ampliar a compreensão das relações entre os sexos, apoiando-se não na ideia de que existem machos e fêmeas na espécie humana, mas que o sentido de masculino e feminino, em nossa sociedade, é definido em termos da relação entre ambos e do contexto sócio-histórico mais amplo, em que coexistem outras categorias, tais como raça /etnia, idade e classe social. Categorias essas que, de certo modo, orientam, mas não determinam o

processo de desenvolvimento pessoal de cada um (MEDRADO, LYRA, 2002).

Em última instância, os estudos pioneiros neste campo têm em comum a proposta de demarcar uma distinção clara entre os atributos biológicos e as prescrições sociais, constituindo-se como marco inicial dos trabalhos sobre gênero, que ainda se mostra presente nas produções contemporâneas.

De um modo geral, a distinção entre sexo e gênero acarretou diferenciar características físico-anatômicas das características sociais, psíquicas e históricas das pessoas, sendo que estas últimas são particularmente importantes para aquelas sociedades ou momentos da história de uma sociedade, em que padrões de identidade, os modelos, as posições, e os estereótipos do que é ou deve ser uma pessoa, obedecem a uma bipolaridade, mais ou menos rígida, em função do sexo a que pertença (IZQUIERDO, 1994).

Em outras palavras, a distinção entre sexo e gênero consiste em que o primeiro corresponderia ao aspecto biológico, relacionado à esfera reprodutiva entre homens e mulheres, enquanto gênero faria referência aos significados socialmente construídos. Gênero seria, portanto, uma categoria social imposta sobre a subjetividade e corpos sexuais.

Para Pelúcio (2004), sexo e gênero devem ser tratados como categorias distintas, porém relacionadas. Para ela, o gênero se constrói a partir de outras formas de diferença como as de classe, raça e etnia, e não só de sexo.

Scott (1995) pondera gênero como uma categoria útil para análise histórica da sexualidade e inserção pública da mulher e do homem. O núcleo da definição proposta integra dois fatores: a) um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas/ construídas sobre os sexos e uma forma primária de dar significado às relações de poder; b) um campo primário no interior do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado. Para a autora, o conceito estrutura a percepção e a organização concreta e simbólica da vida social, na medida em que estabelece a construção e distribuição do poder.

Por sua vez, Judith Butler, na obra *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*, publicada em 1990, desenvolve reflexões em base as orientações foucaultianas e teorias feministas de gênero. Objetiva explorar modelos

“naturalizados” e normativos de gênero e de heterossexualidade (SPARGO, 2006). O estudo de Butler recoloca o conceito de gênero em uma posição central da análise dos desejos e relações sexuais. Ela adota o argumento de Foucault de que “sexualidade” é produzida discursivamente e o amplia para incluir o gênero. Desta maneira, afirma que gênero só pode denotar uma unidade de experiência, de sexo, gênero e desejo, quando se entende que o sexo, em algum sentido, exige um gênero - sendo um gênero uma designação psíquica e/ou cultural do eu - e um desejo - sendo o desejo heterossexual e, portanto, diferenciado mediante uma relação de oposição ao outro gênero que ele deseja (BUTLER, 2003).

Butler (2003) apresenta, também, a reflexão sobre “gêneros inteligíveis”, categoria aplicada aos sujeitos que instituem e mantêm relações de coerência e continuidades entre sexo, gênero, prática sexual e desejo. Nesta perspectiva, os homens homossexuais não integram à matriz de normas de gêneros “coerentes”, isto é, ligadas a uma heterossexualidade compulsória.

Acerca da homossexualidade, Butler (2003) entende que são “identidades de gênero” que não se conformam às normas de inteligibilidade. São elas que “criam oportunidades críticas de expor os limites e objetivos reguladores desse campo de inteligibilidade e, conseqüentemente, de disseminar, nos próprios termos dessa matriz de inteligibilidade, matrizes rivais e subversivas de desordem de gênero.

A heterossexualidade no entendimento de Connel (1995) é exercida por alguns homens líderes, cuja masculinidade é hegemônica; e por outros codificados como subalternos. É nesta categoria que o homossexual está associado ao masculino.

A masculinidade hegemônica é aquela, específica em cada sociedade, que acima de tudo, coloca o homem em uma situação nitidamente superior em termos de poder social em relação às mulheres, gerando uma dominação e uma subordinação não só em relação às mulheres especificamente, mas a tudo o que possa ser associado ao “feminino” (incluindo aqui os homossexuais).

As relações de gênero influenciam diretamente nos processos de subjetivação masculinos. Para Venturoli (1999), isto acontece na vivência do dia-a-dia, nas interações sociais e ideológicas, categorizações morais, enfim, no conjunto de comportamentos socialmente sancionados e constantemente reavaliados,

negociados, lembrados. Pesquisar a condição masculina implica em refletir a forma como o gênero tem configurado as relações entre homens e mulheres; entre homens e homens; entre hetero e homossexuais.

Recortando as questões voltadas à saúde mental e reprodutiva, percebemos que o cuidado consigo mesmo e com o outro é também um direito e não apenas uma obrigação, visto que os homens não têm sido levados a desenvolver esta competência em sua socialização e em seu cotidiano. Do ponto de vista social e político, não existe uma ideologia masculina linear e igual em todo o mundo. Existe uma abundância etnográfica e cultural que nos permite inferir vários tipos de ideologias masculinas. Como existem intensas diferenças culturais, as vivências, crenças e representações sobre a existência masculina e a existência feminina variam bastante.

Os estudos sobre a condição masculina e sobre os homens tratam não da masculinidade no singular, mas de “masculinidades”, no plural. Falar em masculinidade no singular sugere a ideia de homogeneidade. Masculinidades e feminilidades podem ser entendidas como construções sociais que variam espacialmente, de uma cultura para outra; temporalmente, numa mesma cultura, através do tempo; longitudinalmente, no curso da vida de cada indivíduo; e, na relação entre os diferentes grupos de homens de acordo com sua classe, raça, grupo étnico e etário. Neste cenário, uma das propostas básicas dos estudos tem sido demarcar como se situam os homens homossexuais frente às transformações culturais impostas pelos movimentos feminista e gay.

Nolasco (2001), afirma que os atributos masculinos podem variar em cada uma das sociedades; porém, para tornar-se homem, um menino terá que passar por algum tipo de teste, que envolve algum dos seguintes elementos: o homem como protetor, provedor, potente e viril; e, nas culturas latinas, competitivo, vigoroso, que bebe muito e domina a mulher. A imagem ancestral do homem guerreiro e forte, aquele que dá segurança a sua família e a sua comunidade, parece também que se encontra no substrato de muitas percepções sobre o que é ser homem.

Na sociedade ocidental, em geral, a socialização do homem é dirigida ao mundo social mais amplo da economia, da política e das interações sociais, além do âmbito da família. No caso específico dos meninos, é transmitida desde cedo uma

imagem do homem como autossuficiente e independente.

Os processos de subjetivação masculinos são configurados através do medo e do pavor: o menino é instado a negar veementemente a sensibilidade e a expressividade para ser o que a sociedade quer que ele seja, ou ele será considerado “um não homem”: um homossexual, “mulher” e passivo. Persiste ainda na cultura ocidental uma matriz machista que influencia comportamentos e ações. O machismo e a dominação masculina, como denomina Bourdieu (2003), continuam a influenciar a subjetividade de gêneros.

A subjetividade homossexual e as relações homoafetivas não estão de acordo com o conceito de masculinidade e heterossexualidade, os sujeitos homossexuais não são validados pela sociedade como modelos de aprendizagem e socialização, prevalece, ainda, a cultura patriarcal.

Os processos de subjetivação dos gêneros incluem os seguintes conceitos: corporeidade, liberdade, autoestima, autoconceito positivo, aceitação social, cognição, sentimentos, sexualidade, trabalho, privacidade obtida através da aquisição ou usufruto de um espaço físico que permite vivenciar a intimidade, amigos, família consangüínea, etc (PIMENTEL *et al*, 2010).

Esta compreensão rompe com a perspectiva reducionista que enquadra o homossexual no limite da sexualidade e nega que a expressão plena: imaginação, criação, assumir cargos de poder e a comunicabilidade sejam reconhecidos como dimensões da subjetividade, e contribuição para a transformação social e ética dos lugares em que vivemos.

De acordo com Braz (2001), a subjetividade masculina é baseada na força, no domínio e no machismo, não é constituída sozinha, já que o homem nasce e cresce num caldo cultural que o empurra para esse papel. Por sua vez, Boris (2000, p. 4) em investigação fenomenológica sobre a subjetividade masculina na contemporaneidade afirma que “não existe masculinidade única, mas que as manifestações viris apresentam-se numa tal diversidade que se torna praticamente impossível tratar de uma essência ou de uma identidade masculina universal”.

A subjetividade homossexual, desde o primeiro uso do significante no século XX, carrega significações pejorativas: desvio, patologia, perversão, pecado.

(FOUCAULT, 2005). As conotações negativas agregaram-se a científica e a moral retificando cada vez mais os lugares do escondido e do diferente em oposição ao heterossexual, referência da “normalidade” sexual. Assim, o menino homossexual desde cedo aprende que tornar-se homem socialmente aceito implica em adotar os referenciais heterossexuais. Tal exigência pode ser o estopim da deflagração ou da cronicidade das dissonâncias afetivas, psicológicas e no papel de gênero ou do adoecimento psicopatológico (PIMENTEL *et al*, 2010).

Cass (1984), Eliason (1996), Troiden (1984) sugerem etapas na formação da identidade homossexual: 1. Saída do armário; 2. Opção social; 3. Desejo; 4. Crescente aceitação do autoconceito. Destacamos que as fases descritas são proposições teóricas. A subjetividade não se configura linearmente e sim em processos contínuos e espirais. O fortalecimento do autoconceito é fruto do cuidado e da nutrição psicológica que contribuem para superar embates íntimos e sociais entre o sujeito e os grupos que frequenta (família, escola, trabalho, etc.).

Adorno (1999) considerou que não é possível conceber um modelo de identidade único desde que os movimentos sociais foram constituídos e deram início às pesquisas sobre gênero, etnia, exclusão social, etc. Por sua vez Bauman (2001), explorando a perspectiva pós-moderna da formação da identidade cultural, destaca o conceito de “fluidez” das identidades – consideramos que esta apreciação não se aplica aos processos psicológicos de subjetivação do eu. A identificação sexual do homossexual masculino e do heterossexual não é marcada pela liquidez, sim por vivências conflituosas do reconhecimento e autoaceitação na medida em que, ainda, há grande rejeição social do sujeito pleno pelo enclausuramento da subjetividade na dimensão da sexualidade e pela confusão entre os conceitos de orientação sexual e identidade de gênero (PIMENTEL *et al*, 2010).

Tal constituição não vai necessariamente corresponder ao sexo anatômico. O homossexual masculino, por exemplo, se reconhece como homem e alimenta sentimentos de ser homem, não necessariamente de ser mulher. Por isso, é incorreta e incomum afirmação de que o homem homossexual gostaria de ser mulher, ou de que não seria homem. O objeto de desejo erótico-afetivo do homossexual masculino é alguém do mesmo sexo, caracterizando a orientação sexual homossexual. Logo, identidade de gênero e orientação sexual são duas

coisas diferentes, referindo-se a aspectos distintos. Tanto o homem heterossexual quanto o homem homossexual, em tese, possuem identidade de gênero masculina. O que os difere, então, é o objeto de desejo erótico-afetivo (PIMENTEL *et al*, 2010).

O homossexual não é mais visto como o homem emasculado por sua passividade sexual, mas por outra perspectiva, totalmente desmedicalizado:

É em torno dos anos de 1970 que dá-se o aparecimento do novo ideal do homem superviril - “o macho”. Tal figura passa por um resgate da representação masculina marcadamente viril. Desse modo, a redefinição da imagem social do homossexual encerra alguns paradoxos: por um lado, a sua desmedicalização é acompanhada por uma liberação das práticas sexuais seguindo “de perto o discurso normativo sexológico” que, ao conceder um valor equivalente às diferentes práticas sexuais, institui uma “certa contabilidade do prazer”, norma por excelência da revolução dos costumes; por outro lado, a indiferenciação valorativa que o termo gay expressa, ao substituir as denominações tradicionais dos homossexuais alusivas a traços femininos, é correlata ao enaltecimento da masculinização (HEILBORN, 2004, p.130).

1.3 PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO HOMOSSEXUAIS

Os processos de subjetivação homossexuais estão sendo reconfigurados. No bojo das transformações, incluímos a paternidade. Segundo Tarnovski (2008) as pesquisas sobre famílias constituídas por gays e lésbicas no Brasil, muito embora estejam apenas iniciando, vêm progressivamente conquistando interesse acadêmico, o que antes não acontecia.

Conforme Brandão (2002), o homossexual é aquele que se relaciona sexualmente, quer de fato, quer de forma fantasiosa ou imaginária, com pessoas pertencentes ao mesmo sexo que o seu, manifestando satisfação com o seu sexo biológico, não se confundindo com qualquer outra variante comportamental. Para SEDH (2008), a homossexualidade é a atração afetiva e sexual por uma pessoa do mesmo sexo, depende da orientação sexual de cada pessoa.

Visualizamos hoje na sociedade uma maior expressividade dos homossexuais, o que culmina na multiplicação de iniciativas no campo legislativo, da justiça e da extensão de direitos, o crescimento e aceitação de lugares que antes eram considerados “guetos” como boates e bares associados ao “mundo” gay,

aumento da comunicação sobre o homoerotismo (revistas, livrarias, editoras e festivais de cinema, sites na internet); criação de novas entidades de defesa dos homossexuais reivindicando direitos enquanto cidadãos de pleno direito, o que antes não acontecia, e que merece atenção de diversos estudiosos das ciências humanas (RAMOS, 2005; MOUTA, 2007).

Durante o século XVIII, a discussão dos processos de subjetivação homossexuais era limitada ao enfoque em termos de atos sexuais cujas práticas estariam associadas a uma psicopatologia subjacente. Ademais, os atores eram definidos, ora como fóbicos em relação ao sexo oposto, ora como pessoas que desejavam assumir as características do sexo oposto (HART; RICHARDSON, 1983).

Atualmente, definições estigmatizantes e preconceituosas sobre o homossexual estão sendo desconstruídas e redefinidas, consequências de um processo histórico de visibilidade dos homossexuais, a partir de intensas reivindicações, organizações em movimentos sociais e lutas por respeito à livre expressão da orientação sexual afetiva, contribuindo estas ações para a construção de uma subjetividade homoerótica descolada da heterossexual.

Para compreendermos o estágio atual das discussões referentes à homossexualidade, faz-se necessário examinar as representações e os acontecimentos históricos para se obter indícios de que a subjetividade e visibilidade do homossexual não surgiram por acaso, mas são consequências da luta pelo reconhecimento à cidadania, da ruptura as formas de opressão, preconceito, estigmatização que o colocavam e comparavam a pessoas sem valor social, que deveriam ser excluídas da sociedade, pois suas práticas sexuais eram contrárias às “leis naturais” (MIRIAM, 2005).

Lançando um rápido olhar para a história, constatamos que antes do cristianismo, já havia condenações à prática da homossexualidade como foi o caso da legislação romana condenatória às práticas sexuais entre pessoas do mesmo sexo, não permitindo de forma alguma as trocas afetivas, relacionamentos sexuais e todo ato homossexual era totalmente proibido (JURKEWIZ, 2005).

A expansão do cristianismo fez intensificar a condenação da homossexualidade. A igreja chegou a aplicar penas máximas como queimar vivos na fogueira aqueles que cometiam delitos. A homossexualidade e seus atos como

toques, afetos, masturbação, homossexualidade ativa, passiva, habitual e ocasional eram considerados como pecados graves, abomináveis, e aqueles que sentiam prazer pelo mesmo sexo teriam que pela vida toda se culpar por tais desejos que eram contrários às leis divinas, pois o sexo era considerado para fins de procriação (LOURO, 2004).

Na idade média, Santo Tomás de Aquino inclui a homossexualidade entre os pecados contra natureza, junto com a masturbação e a relação sexual com animais. Para ele, a ordem natural foi fixada por Deus, e sua violação constituía uma ofensa ao criador, de maior gravidade em relação ao adultério, violação e sedução. Na época, o comportamento homossexual era avaliado como uma atividade contrária a Deus, à ordem natural disposta por ele, já que no âmbito cristão a relação sexual não estava orientada para o prazer, conhecimento do corpo e de expressão dos desejos sexuais (SPARGO, 2006).

Ao longo deste processo histórico, as relações afetivo-sexuais entre pessoas do mesmo sexo passaram a ser vistas como um misto de pecado, crime e doença, sem que o surgimento de uma nova condição eliminasse por completo a anterior. O indivíduo homossexual era “obrigado” a permanecer no silêncio, no anonimato, muitas vezes com medo do que poderia acontecer se caso alguém descobrisse seus reais desejos homoeróticos, e para ser aceito no convívio social era mais fácil seguir e adotar as doutrinas cristãs da época (MELLO, 2005).

À conceituação negativa do cristianismo somaram-se as prescrições derivadas do contexto médico-patologizante em relação à homossexualidade que contribui através de suas conceituações para o campo semântico da homossexualidade, descrevendo o indivíduo homossexual como uma pessoa doente, com um distúrbio, aquele que é anormal, que não teve um desenvolvimento humano adequado, chegando ao ponto de compará-lo às pessoas que tinham problemas mentais. Tal concepção teve origem na Europa da segunda metade do século XIX (WEEKS, 2000).

Percebemos, desta maneira, que os estudos que lançaram as primeiras conceituações em relação à homossexualidade tiveram uma característica comum: não se preocuparam em escutar as opiniões e expressões do homossexual: o que sentia, pensava dúvidas, e angústias.

As primeiras teorias foram construídas a partir de um saber que levava em consideração a questão religiosa e social vigente na época de que o homem foi feito para a mulher e vice-versa. Qualquer outra forma de relação afetiva era vista como aberração, criminosa, amoral, desrespeitosa, vergonhosa, sem pudores, que não deveria ser comentadas entre as pessoas.

O saber religioso e o médico-patologizante acabam por caracterizar o homossexual como um indivíduo estranho, inferior, construindo o mito de que só pensava em sexo, de que era promíscuo, uma pessoa não confiável, não considerando suas qualidades, o que Foucault (2005) destaca:

O homossexual do século XIX torna-se um personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida; também é uma morfologia com uma anatomia indiscreta e talvez, uma fisiologia misteriosa. Nada daquilo que ele é, no fim das contas, escapa à sua sexualidade. Ela está presente nele todo, subjacente a todas as suas condutas, já que ela é o princípio insidioso e infinitamente ativo das mesmas inscritas sem pudor na sua face e no seu corpo já que é um segredo que se trai sempre. (FOUCAULT, 2005, p. 48)

Assim, neste contexto, a homossexualidade apareceu como uma das figuras da sexualidade, uma espécie de androgenia interior, agora o homossexual era uma espécie que devia ser estudada, a fim de elaborar para a sociedade respostas sobre este tipo de comportamento inaceitável (FOUCAULT, 2005).

No século XIX, na psiquiatria, na jurisprudência e na própria literatura, surgiu toda uma série de discursos sobre as espécies e subespécies de homossexualidade, o que permitiu, certamente, um avanço na construção de um vocabulário com categorias em relação à homossexualidade, pelas quais era desqualificada e desapreciada do ponto de vista médico e também controles sociais nessa região de “perversidade”.

Segundo Paiva (2007), as primeiras definições relacionadas à homossexualidade tiveram um caráter patológico, estigma, marca impressão, letra maldita, as várias formas de criminalização referida à espécie, prevalecendo a estigmatização, o preconceito preferindo muitos homossexuais a invisibilidade, o anonimato, por segurança e também para estarem seguros socialmente agindo desta maneira.

Duas modalidades de discurso contribuíram de forma mais sistematizada e decisiva para a construção de uma visibilidade da homossexualidade: o médico-psiquiátrico, da passagem do século XIX para o século XX, particularmente no contexto europeu; e o ativista militante, da última metade do século XX, oriundo dos Estados Unidos e Europa (MELLO, 2005).

Em relação ao primeiro, houve uma aceitação, através de uma estratégia política, por parte dos homossexuais dos discursos médicos e de suas condições supostamente patológicas, pois se aliando ao conhecimento médico os homossexuais visaram assegurar a descriminalização de suas vivências afetivo-sexuais, já que em determinadas situações poderiam chegar a serem presos pela prática de seus atos homoeróticos (PASSOS, 2008).

É importante ressaltar que além dos médicos construírem uma identidade homossexual como materialização de uma doença que condicionava e determinava todas as demais características individuais dos doentes, também contribuíram decisivamente para a afirmação de uma identidade estruturada numa proclamada e valorizada diferença entre uma “essência homossexual” e uma “essência heterossexual” (MELLO, 2005).

A partir da década de 1960 e início da de 1970, os homossexuais passam a ser os principais responsáveis pela reivindicação de uma nova identidade. A homossexualidade, como um misto de desejos e não mais um sintoma ou um diagnóstico, passou a ser reinventada pelos próprios homossexuais, consequência direta do movimento de liberação gay.

Este movimento contestou as atitudes sociais predominantemente negativistas, desmascarou os falsos estereótipos e pressupostos errôneos a respeito da vida, dos sentimentos e das ações de indivíduos gays, o que mudou toda a conceituação tanto social como individual da homossexualidade (SEDH, 2008).

Segundo Phillipi (2005), uma série de iniciativas e acontecimentos, heterogêneos e não articulados entre si, foram responsáveis por mudanças consideráveis no quadro defensivo e de baixa visibilidade em que a temática homossexual esteve anteriormente, mas todos esses acontecimentos tinham em comum o fato dos homossexuais reivindicarem na sociedade respeito pela suas orientações homoafetivas, diminuição do preconceito, da estigmatização e violência

contra o homossexual.

Na segunda metade dos anos 1990, mudanças importantes no panorama dos temas ligados à homossexualidade aconteceram, contribuindo para a construção de representações da homossexualidade, assim como novas formas de ganhar visibilidade social começaram a surgir, e os homossexuais ganharam espaço e conquistas políticas.

Neste contexto, destaca-se o alargamento crescente, ao longo do século XX, do campo semântico da própria homossexualidade, que passou progressivamente a representar tanto a atividade quanto a passividade nas relações afetivo-sexuais entre iguais biológicos, contribuindo, assim, para uma nova identidade homossexual (MELLO, 2005).

O homossexual não é mais visto como o homem emasculado por sua passividade sexual, mas por outra perspectiva, totalmente desmedicalizado:

Um homossexual é gay quando ele se vê feliz de ser alguém dotado de capacidade de enxergar as pessoas romanticamente belas. Ser gay é ser livre de vergonha, culpa e remorso de ser homossexual. Ser gay é vislumbrar a sua sexualidade como o heterossexual sadio enxerga a dele. (VIANA, LACERDA, 2004 p. 53).

Desta maneira, a identidade homossexual/gay ou homossexual/lésbica não é mais percebida, portanto, como intrinsecamente excludente das identidades de macho/homem e de fêmea/mulher, respectivamente, mas são assumidas como uma particularidade a mais, própria a cada um dos sexos (MELLO, 2005).

Vários estudos relacionados nesta época tentam mostrar que ser gay ou lésbica não significa renunciar às identidades de homem e de mulher, respectivamente, nem também em contrapartida, enquadrarem-se incondicionalmente nos limites das representações sociais dominantes acerca do masculino e do feminino (BANDITER, 1993).

Destaca-se, também, como marco histórico nesta visibilidade da homossexualidade, o advento da AIDS e suas nefastas consequências, ao revelar a existência de muitas vivências homossexuais – passivas e ativas – camufladas sob o manto de uma heterossexualidade doméstica.

Isto provocou na sociedade espanto por constatar que mesmo homens, que

constituíram famílias com mulheres para serem aceitos socialmente mantinham clandestinamente suas relações sexuais homoafetivas, demonstrando que a homossexualidade era uma realidade bem próxima da sociedade, e que não acontecia com poucos, mas com um número considerável.

É a partir de meados dos anos 1990 que o movimento homossexual passa a ter visibilidade social e ostensiva a partir do momento que a discussão sobre cidadania e os direitos humanos de gays e lésbicas ganharam espaço nos diversos lugares do mundo e que a equação “homossexualidade=AIDS=morte” já estava parcialmente desconstruída, em virtude da aplicação do raio de incidência da epidemia para outros grupos sociais, particularmente mulheres e jovens heterossexuais (LOURO, 2004).

Em pelo menos cinco esferas distintas é possível identificar acontecimentos importantes relacionados à visibilidade dos homossexuais no Brasil e no mundo (PHILLIPPI, 2005):

1. A multiplicação de iniciativas no campo legislativo, da justiça e da extensão de direitos. Entre elas, as iniciativas de projetos de lei e de leis municipais nas grandes cidades, também nos médios municípios, especialmente legislações destinadas a criminalizar diversas formas de discriminações de homossexuais;

2. Crescimento do número de boates, revistas, livrarias, editoriais, festivais de cinema e grifes associadas ao mundo gay e lésbico. Juntamente com sites na internet, essas iniciativas passaram a constituir mais do que novos espaços de sociabilidade, inscrevendo-se com alguma frequência, como um “mercado” gay e lésbico. Em várias cidades, a mistura de internet, sites e publicações especializadas, cinema, moda e, especialmente, à noite e o lazer, fez surgir novas expressões comerciais e associativas da homossexualidade;

3. A criação de novas entidades de defesa de homossexuais e a convivência de estilos heterogêneos de associação e agregação. Em julho de 2004, o secretário da Associação Brasileira de Gays, lésbicas e travestis (ABGLT), Cláudio Nascimento, estimava em 140 entidades filiadas à organização e consideravam que estas representavam aproximadamente 90% dos grupos existentes no país;

4. A adoção por ativistas e por homossexuais não organizados no Brasil da

política da visibilidade massiva e o surgimento das paradas do orgulho, na segunda metade da década passada. Entre a festa e o orgulho, quase dez anos após as primeiras experiências, estima-se que, em 2004, esses eventos tenham reunido aproximadamente quatro milhões de pessoas, nas 42 cidades nas quais eles se realizaram. Vinte deles contaram com suporte do Ministério da Saúde, dois com suporte do Ministério da Cultura, diversos com apoios de prefeituras e instâncias estaduais, e alguns tiveram a parceria de empreendimentos privados.

5. Incorporação dos temas relacionados à homossexualidade e ao “homoerotismo” nas pautas de pesquisas sociais e humanas em centros de estudos e universidades. No país, por exemplo, uma busca na Plataforma Lattes do CNPQ, com as palavras “homoerotismo”, “homossexualidade”, “gay”, “lésbicas” e “queer” resultou em nada menos do que 3.520 trabalhos, associados a 1.420 pesquisadores. No âmbito acadêmico parece estar superada a ideia do gueto sacrificial em que se imolavam pesquisadores vítimas do preconceito e da segregação universitária – imagem associada aos poucos intelectuais militantes dedicados aos temas da homossexualidade nos anos 1980.

Diante disso, é notório que a mudança chegou ao social e traz novas discussões por uma sociedade mais equitativa que precisa reforçar ações em direitos sexuais: aceitando desejos, prazeres e vivências (homo) eróticas, tanto como construções socioculturais, quanto bem afirmativo: o direito universal de usufruir plenamente do próprio corpo e dos prazeres que este pode oferecer, assim como respeitar os projetos de vida do homem homossexual, que pode estar relacionado com o desejo de exercer a paternidade (RIOS, 2004).

Como o objeto de estudo desta pesquisa é o homem homossexual e sua significação em relação à paternidade, é de suma importância discutir neste trabalho questão dos novos arranjos familiares e paternidade homossexual para compreender que mesmo um homem com sua orientação homossexual pode manifestar o desejo de ser pai e de querer construir família, que para uma sociedade heteronormativa não está em consonância.

CAPÍTULO II – ARRANJOS FAMILIARES E PATERNIDADE HOMOSSEXUAL

Segundo Áries (1981), a família, instituição encontrada em todas as sociedades, sofreu alterações historicamente, as quais estão relacionadas com mudanças socioeconômicas e culturais. A família, desta maneira, no decorrer da história de sua organização, passa mudanças na estrutura, nos valores e nas crenças em função de transformações sociais, políticas e econômicas que influenciam aspectos culturais da sociedade, produto da construção humana, que refletem nas relações sociais e familiares.

A partir do século XVII, as alterações pelas quais a família passou foram representadas nas obras dos artistas da época, em seus diversos estágios: a família aristocrática, a camponesa, a burguesa. As representações de família nos remetem aos diferentes modelos de família que emergem, e que, manifestam a cultura de cada época e povo, ao longo da história.

Desta maneira, é importante compreender que a família é constituída a partir das relações que os homens estabelecem entre si em um dado momento histórico, e em condições econômicas, políticas e culturais do lugar em que as famílias estão inseridas. O estudo de Casey (1989), por exemplo, defende que, para a família ser entendida, é preciso ser percebida por meio do domínio do conhecimento da cultura em que a mesma está inserida.

Outro aspecto relevante sobre a história da formação da família é compreendê-la também como espaço de socialização primária com suas implicações no processo de institucionalização de representações sociais, pois como nos assinalam Berger e Luckmann (1985):

Somente depois de ter realizado este grau de interiorização é que o indivíduo se torna membro da sociedade. O processo ontogenético pelo qual isto se realiza é a socialização, que pode ser assim definida como a ampla e consciente introdução de um indivíduo no mundo objetivo de uma sociedade ou de um setor dela. A socialização primária é a primeira socialização que o indivíduo experimenta na infância, e em virtude da qual torna-se membro da sociedade (BERGER; LUCKMAN, 1985, p. 175).

E na família que as pessoas experienciam a socialização primária, por meio das relações interpessoais, em que se instituem valores, formas de agir e de pensar

que vão sendo internalizados, institucionalizados e expressos na relação com a sociedade mais ampla (BERGER; LUCKMAN, 1985). Sob este foco de entendimento, a família seria responsável por modelar as condutas, os comportamentos, os valores e as normas que teríamos, bem como quanto aos papéis sociais que desempenharíamos. E, desta forma, tal processo seria precursor às relações sociais mais amplas, pois o indivíduo inicialmente internaliza e se apropria da realidade objetiva por meio das relações familiares e da socialização e, com isso, constitui sua subjetividade, o que possibilita a sua ação no mundo.

A família exerce função singular na socialização dos indivíduos, o que nos leva concordar com Horkheimer (1990) quando diz que:

A família influencia de modo decisivo a formação psíquica da maior parte de todos os indivíduos, tanto pelos mecanismos conscientes quanto pelos inconscientes. A família cuida, como uma das componentes educativas mais importantes, da reprodução dos caracteres humanos tal como os exige a vida social, e lhes empresta em grande parte a aptidão imprescindível para o comportamento especificamente à sobrevivência da ordem burguesa (HORKHEIMER, 1990, p. 214).

Entretanto, os processos de socialização, que acontecem no decorrer da vida de cada pessoa, não ocorrem de forma contínua e desprovida de conflitos e contradições. Como assinala Maciel (2002):

É no decorrer da seqüência temporal da vida de cada indivíduo que este passa pelo processo de socialização pelo qual se torna membro de uma sociedade. Esta seqüência temporal não pode ser vista como um processo contínuo, em que ocorre uma evolução organizada e harmônica dos indivíduos em patamares estanques de sociabilidade, mas deve ser percebida como um movimento carregado de descontinuidades e contradições tendo em vista a relação contraditória entre os membros da família e desta com as outras instituições sociais (MACIEL, 2002, p. 124).

Na sociedade brasileira, a história da família se constitui na combinação dos processos de sociabilidade ampla e restrita, como nos aponta D'Incao (1996) em sua análise da literatura brasileira. A autora nos mostra que, no início da colonização do Brasil, a sociedade se caracterizou por forte influência da aristocracia portuguesa, de fazendeiros plebeus e do sistema de escravidão, configurando-se ao longo de quatro séculos em um grande país rural.

Na primeira metade do século XIX, o Brasil era pouco urbanizado e alicerçado no regime da escravidão. Essa realidade de um grande país rural expressava uma sociabilidade específica. Na classe alta da época, existia a família patriarcal, em que a casa-grande, a senzala, o patriarca, os filhos sob a autoridade do pai, os agregados, os escravos e os mulatos formavam o estilo de vida da aristocracia colonial brasileira, fundamentadas nas grandes extensões de terras.

Na classe constituída por pessoas com poder aquisitivo menor a sociabilidade das famílias se configurava por uniões legitimadas pela tradição, pelos costumes menos pelas leis. Essas uniões eram baseadas nos interesses da comunidade e não nos interesses individuais, com a ausência do amor romântico que estimula a escolha individual do cônjuge. A educação da criança era uma atribuição compartilhada com outros membros da comunidade, vizinhos, amigos, tios, padrinhos, etc (D'INCAO, 1996). Essa sociabilidade era caracterizada ainda por ausência do cultivo do lar como lugar de privacidade, expressa também na forma de edificação das casas na área urbana, que eram construídas próximas umas às outras e da rua, como nos elucida D'Incao (1996), ao analisar a sociabilidade e a família na literatura brasileira da primeira metade do século XIX

Neste romance, que trata da vida de pessoas simples- como barbeiros, meirinhos, parteira – benzedeira, padre, sacristão, professor, ciganos, mulheres de negócios, fazedoras de fortuna, prostitutas, polícia, funcionários do governo –, a família não é apresentada como uma instituição legalmente constituída. A família é organizada de modo mais ou menos livre e nela coexistem, como membros, filhos, afilhados, agregados, parentes e escravos, estes últimos encontrados nas famílias mais abastadas. Tanto o cultivo do lar como um lugar privado e mantido para a intimidade, quanto o cuidado especial com a educação das crianças, pelos pais, estão ausentes no tempo retratado no romance (D'INCAO, 1996, p. 27).

O processo de socialização dos valores burgueses, quais sejam, individualidade, privacidade, união legal, autoridade do pai pautada na obediência dos filhos e da esposa, o pai trabalhador, a mãe dedicada à educação dos filhos, o espaço da rua destinado aos homens, o espaço da casa à mulher; não são realidades dadas como algo natural, que se instalaram de forma homogênea desde a colonização do Brasil, mas sim um processo constituído a partir da relação social entre os homens, que sofreu influências do processo de produção capitalista e a partir deste se consolidou como forma de socialização hegemônica, ao longo da

histórica

Como tivemos oportunidade de observar (1989) o casamento por livre escolha, por amor, é uma possibilidade que só aparece com a transformação do mundo tradicional em capitalista. Surge em circunstâncias nas quais a família se constitui em unidades distintas das unidades econômicas que eram (D'INCAO, 1996, p. 67).

D'Incao (1996) ainda nos mostra que o romantismo, movimento filosófico e literário ocidental, teve também suas repercussões na sociedade brasileira, expondo a consolidação das bases do individualismo nas relações sociais e na constituição da família, por meio da possibilidade do casamento por livre escolha, em que o amor é pré-condição para sua realização.

Outro valor da família burguesa, a maternidade, como experiência que a mulher deve almejar e vivenciar, para que a criança passe a ser o centro das atenções da família, também surge com o processo de mudança da sociabilidade ampla rumo a uma socialização mais restrita. Assim:

As mudanças que envolvem a chamada família burguesa no Brasil já estavam em curso. Os valores já estão em funcionamento nas mentalidades, mas levarão algum tempo para se tornarem mais gerais e mais fortes (D'Incao: 1989). A maternidade, nesse período, ainda não era o objetivo da mulher. Isso acontecerá mais tarde (D'INCAO, 1996, p. 82).

Dessa forma, os valores da sociedade burguesa como norteadores da constituição familiar hegemônica na atualidade se concretizaram dentro de um processo de modificação das forças produtivas, com o processo de institucionalização do sistema de produção capitalista como sistema econômico hegemônico de produção (D'INCAO, 1996). Decorrente desse processo instituiu-se a família com vários papéis nesse sistema econômico, dentre eles o de formadora de mão-de-obra, na medida em que aquela se estabelece como agente disciplinadora de seus filhos, futuros trabalhadores, por meio de seu processo de socialização, conforme nos afirma Horkheimer (1990):

A família cuida, como uma das componentes educativas mais importantes, da reprodução dos caracteres humanos tal como os exige a vida social, e lhes empresta em grande parte a aptidão imprescindível para o comportamento especificamente autoritário do qual depende amplamente a sobrevivência da ordem burguesa (HORKHEIMER, 1990, p. 214).

Nos processos de socialização, em que os membros são educados dentro dos valores burgueses, consolidam-se as condições necessárias para a garantia da ordem e a organização do sistema econômico vigente, como nos elucida novamente Horkheimer (1990):

Todo pai burguês, mesmo que na vida social ocupe uma posição mesquinha e tenha de curvar o espinhaço, pode agora aparecer em casa como senhor e exercer a função sumamente importante de acostumar os filhos à humildade e obediência. Assim, é possível que, não só das camadas de alta burguesia, mas também muitos grupos de trabalhadores e empregados surjam sempre novas gerações que não questionem a estrutura do sistema econômico e social, mas o aceitem como natural e eterno (HORKHEIMER, 1990, p. 221).

Dessa forma, a família se constitui em uma das instituições sociais com importantes funções para a manutenção, expansão e fortalecimento do sistema de produção capitalista, que sofre as consequências do acirramento das contradições e conflitos desse mesmo sistema econômico, embora mantenha “a condição (e talvez a obrigação social) de continuar a ser um espaço privilegiado de socialização primária e constituição de aprendizagem do sentimento de pertencimento que os indivíduos estão sujeitados socialmente” (MACIEL, 2007, p. 77), o que provoca mudanças na configuração da família e na relação desta com a sociedade mais ampla, que se expressam, inclusive por meio de embates entre valores tradicionais e valores mais modernos, de forma cada vez mais intensa na atualidade.

Nessa realidade, embora se constituam diversos modelos de família que existem na contemporaneidade, a concepção de família predominante ainda é a de família nuclear burguesa, constituída por pai, mãe e filhos biológicos, como nos aponta Levinzon (2005, p. 25): “A maioria das pessoas imagina a relação pais-filhos como decorrente de uma filiação consangüínea, e baseia suas representações de família neste tipo de vínculo”, o que dificulta a compreensão e aceitação de famílias que têm uma constituição fundamentada em bases diferentes, como é o caso de famílias formadas por homossexuais.

No entanto, mesmo existindo um modelo de família hegemônico, a família nuclear consanguínea, que tende a ditar normas e valores morais sobre a experiência familiar, o debate sobre os novos modelos de famílias está se dando em proporções cada vez mais consideráveis, o que pode gerar maior visibilidade aos

diferentes arranjos familiares. Isto coloca em discussão as demandas sociais que emanam desses diversos modelos de família e questiona o modelo e as referências familiares que prevalecem na sociedade.

Assim, esse debate provoca o exercício de reconhecer outras formas de organização familiar e análise crítica dessa realidade social, que estimula a ampliação dos horizontes sobre a concepção de família, além das referências individuais e sociais do pesquisador e dos que trabalham com família, questionando a visão de família somente a partir de um modelo predominante social e ou pessoal, pois, como enfatiza Vitale (2002):

A família, como aponta a maior parte daqueles que a pesquisam ou com ela trabalham, é uma realidade com a qual temos bastante intimidade, pois afinal internalizado', como assinala Laing (1972). Essa intimidade do conceito de família pode causar confusão entre a família com a qual trabalhamos e nossos próprios modelos de relação familiar. Acercamo-nos da família do outro a partir de nossas próprias referências, de nossa história singular. O resultado disso é que tendemos a trabalhar com as famílias desconhecendo as diferenças, ou pior, em muitas situações transformamos essas diferenças em desigualdade ou incompletude (VITALE, 2002, p.46).

Refletindo acerca da família hoje, Symanski (2002) indica que não podemos pensá-la sem levar em consideração as mudanças que ocorrem na sociedade, como estão se construindo as novas relações entre as pessoas e de que forma os sujeitos compreendem e cuidam de suas vidas familiares.

Ainda, para a autora citada, a despeito das definições "oficiais", novos tipos de composição familiar se apresentam em nossos dias e cita nove deles:

- 1-familiar nuclear, incluindo duas gerações, com filhos biológicos;
- 2-famílias extensas, incluindo três ou quatro gerações;
- 3- famílias adotivas temporárias;
- 4-famílias adotivas, que podem ser bi-raciais ou multiculturais;
- 5-casais;
- 6-famílias monoparentais chefiadas por pai ou mãe;
- 7-casais homossexuais, com o sem crianças;
- 8-famílias reconstituídas depois do divórcio;
- 9-várias pessoas convivendo juntas, sem laços legais, mas com forte compromisso mútuo.

Betty Fairchild (1996), ao escrever *Agora que você já sabe - o que todo pai e toda mãe deveriam saber sobre a homossexualidade*, relata seus primeiros pensamentos quando seu filho de 17 anos lhe disse que era homossexual: É difícil encarar o futuro sabendo que o casamento com que todos haviam sonhado nunca se realizará e que os netos nunca virão para serem acariciados, elogiados e exibidos aos parentes.

Os tempos são outros, e esta "fatalidade" já não parece mais ser tão evidente. Talvez nunca tenha sido. Badinter (1985) cita pesquisas da década de 1980 que apontavam para um milhão de pais gays nos Estados Unidos. Tarnovski (2002) descrevem que no Brasil, em uma enquete realizada pela revista G Magazine entre seus leitores em agosto de 2001, 6.402 pessoas responderam à pergunta: "Você pretende ter filhos?", das quais 37,15% escolheram a opção: "Sim, só não decidi se por inseminação, por adoção ou pela forma tradicional", enquanto 20% assinalaram que: "Eu já tenho"². O ponto de novidade é a associação tornada possível entre homossexualidade e paternidade/maternidade, considerando que a revista é voltada para o leitor homossexual masculino, é de se supor que a maioria dos respondentes tenham sido homens.

A visibilidade recentemente dada ao tema das famílias gays, por mais inapropriada que possa ser para uma sociedade heteronormativa tem vindo a reboque das discussões sobre a Parceria Civil Registrada (PCR) acerca do projeto de lei que daria estatuto legal às uniões entre homossexuais.

Nos vários países que estabeleceram algum tipo de legislação favorável às uniões homossexuais, a adoção surge como possibilidade do homem homossexual vivenciar a paternidade. O tema ganha destaque em bandeiras de luta de Paradas Gays em vários lugares do mundo, movimentos de reivindicações políticas e noticiários internacionais. No Brasil, revistas dirigidas ao público homossexual já publicaram matérias sobre o assunto. O direito à adoção parece estar na pauta do dia nos países que aprovaram legislações favoráveis à cidadania homossexual. A mídia brasileira, atenta a essas transformações, dá mostras de um crescente interesse pelo tema, procurando discutir a situação das "famílias gays" (TARNOVSKI, 2002).

Paralelamente, é sintomático que projetos políticos dos movimentos de

militância homossexual dêem mostras de interesse por esse segmento, somado as questões básicas de reconhecimento e existência social. Vale notar que também no campo dos movimentos organizados encontram-se diversas posições políticas, e que a demanda por constituição de famílias pode ser uma experiência positiva para os homossexuais.

Através da militância com ações e reivindicações, é notório o avanço de conquistas e atitudes dos homossexuais que contribuem decisivamente para uma maior visibilidade dos mesmos na sociedade. Os homossexuais estão se posicionando, querem viver livremente suas sexualidades, nas esferas públicas e privadas, querem paternidade, união civil, direito à família, assistência à saúde, prevenção de DST e AIDS (ÁVILA, 2004).

Dentre as diversas manifestações homossexuais, existe a questão das uniões homoafetivas como entidade familiar, que é uma relação afetiva entre pessoas do mesmo sexo, com semelhanças de uma união estável nos termos da lei, representada pelos inúmeros casos de pessoas do mesmo sexo que convivem sob o mesmo teto, de forma contínua e duradoura, esforçando-se para manter uma relação estável, pautada no amor, no respeito e na solidariedade mútua. Negar esses fatos seria como vendar os olhos a uma realidade que já se tornou pública e cotidiana no Brasil e no mundo (AZEVEDO, 2007).

Para Brasiliense (2001), é notório que houve a ampliação do conceito de família, incluindo neste aspecto as uniões homoafetivas que não está relacionada ao selo de casamento, mas a uma instituição afetiva, considerada uma família da modernidade vista como um espaço do companheirismo, do amor e da livre expressão do afeto, a família como célula *mater* da sociedade, é hoje concebida não só como um agrupamento de pessoas unidas por laços de consanguinidade, mas pessoas que dividem despesas e tarefas domésticas, compartilham momentos de dor, alegria, tristeza, numa simbiose de sentimentos múltiplos.

Contemporaneamente, há um novo conceito de famílias existindo, bem como há reivindicações por uma sociedade mais igualitária para todos, em que casais homossexuais obtenham o reconhecimento como família, uma vez que a relação entre reprodução, sexualidade e conjugalidade está sendo dissociada por intensas transformações:

Essas transformações estão na garantia de igualdade formal de direitos e deveres entre homens e mulheres, inclusive no âmbito familiar, a inserção cada vez mais expressiva das mulheres no processo de escolarização e no mercado de trabalho, uma maior e mais explícita valorização do corpo e da sexualidade, a luta contra a opressão do gênero e por orientação sexual desencadeada pelo movimento feminista e homossexual, a crescente influência dos meios de comunicação em massa como difusores de padrões de comportamento e as mudanças ocorridas nos países de capitalismo avançado (MELLO, 2005, p. 33).

Entendemos que a conjugalidade entre homem e mulher deixa de ser a garantia da reprodução da espécie, a reprodução biológica pode ocorrer fora dos contextos da conjugalidade, e mesmo da sexualidade, assumindo visibilidade e aceitação social crescentes, a exemplo da gravidez na adolescência, da paternidade/maternidade solteiras e da gravidez resultante de inseminação artificial e fecundação *in vitro* (UZIEL, 2005).

Desta maneira, aumentam as possibilidades de um/a homossexual ser pai/mãe, pois com os processos de adoção, tecnologias de reprodução e o envolvimento com o sexo oposto este personagem da sociedade atual tem a possibilidade de constituir família, principalmente quando vive o fenômeno da união homoafetiva (MOUTA, 2007).

Estão descritas na literatura quatro formas principais de acesso à parentalidade homossexual. A primeira delas é por filhos tidos em uma ligação heterossexual anterior. Depois do rompimento da união, o pai ou a mãe (ou ambos) podem estabelecer uma relação com parceiro/a do mesmo sexo, constituindo assim uma nova família. A nova configuração será considerada um tipo de família recomposta, cuja especificidade é o contexto homoparental (ZAMBRANO, 2006).

A segunda maneira é pela adoção, podendo ser legal ou informal. Atualmente, a adoção legal por homossexuais é buscada, na maioria das vezes, individualmente. Existe o temor da recusa se o pedido for feito pelo casal, quando ficaria explicitada a homossexualidade. A adoção legal implica o estabelecimento de um vínculo de filiação irrevogável, unindo o adulto adotante e a criança adotada, com os direitos e deveres daí decorrentes. Quando a adoção é informal, não se estabelece vinculação legal entre os participantes, apenas vínculos afetivos, sem os direitos de filiação. Podemos considerar também a chamada “adoção à brasileira”,

quando um adulto registra como sendo seu filho biológico o filho de outra pessoa (UZIEL, 2005).

Uma terceira forma é a busca de filhos pelo uso de novas tecnologias reprodutivas. O método mais utilizado pelas mulheres lésbicas é a inseminação artificial que pode ser com doador conhecido, geralmente um amigo *gay*, ou doador desconhecido, através de um banco de esperma. Os homens *gays* que quiserem filho biológico sem relação sexual com uma mulher têm de fazer uso da “barriga de aluguel”, procedimento considerado ilegal no Brasil. Nesses casos, se for cumprido o anteriormente combinado com o pai, a mãe entregará a ele o filho recém-nascido e abrirá mão dos direitos e vínculos legais com a criança (TARNOVSKI, 2008).

Finalmente, a quarta possibilidade é a chamada co-parentalidade, na qual os cuidados cotidianos são exercidos de forma conjunta e igualitária pelos parceiros, podendo aparecer entrelaçada com as formas de acesso citadas anteriormente. A parceria pode dar-se pelo planejamento conjunto do casal homossexual, no qual os parceiros decidem pela adoção de uma criança ou pelo uso de novas tecnologias reprodutivas para formar uma família, sendo a parentalidade, desde o início, exercida igualmente pelos dois, mesmo que apenas um deles seja o pai biológico ou legal (ZAMBRANO, 2006).

Em outros casos, pode ser uma parentalidade exercida conjuntamente pelo companheiro/a do pai/mãe legal de um filho nascido antes da relação de parceria como, por exemplo, na situação muito comentada na mídia, vivida por Eugênia, parceira da cantora Cássia Eller. O planejamento conjunto pode, também, incluir dois casais homossexuais, um masculino e o outro feminino, que decidem ter um filho através de inseminação artificial caseira (coleta de sêmen do pai e introdução do esperma na vagina da mãe, com o auxílio de uma seringa, sem a presença do médico) ou medicamente assistida (feita em clínica médica especializada). Nesse caso, a criança terá dois pais e duas mães, sendo dois deles pai e mãe biológicos (TARNOVSKI, 2002).

Sendo assim, a possibilidade do homem homossexual ser pai e construir família é uma realidade. Para Hite (1995), toda família é “normal” não importa se estão presentes pai ou mãe, ou ambos, se existem ou não crianças. Uma família pode ser formada por qualquer combinação de pessoas, heterossexuais ou

homossexuais, que partilham as suas vidas de um modo íntimo (não necessariamente sexual). E as crianças podem viver tão felizes em uma família adotiva quanto de pais biológicos.

Assim, cabe aos atores sociais refletirem que as relações amorosas estáveis entre pessoas do mesmo sexo é uma realidade, e com a desconstrução patológica e pecaminosa da homossexualidade, intensifica-se o número de pessoas homossexuais que se inserem na luta por direitos enquanto cidadãos de uma sociedade, incluindo o direito de paternidade.

Ainda é comum a discriminação de alguma forma da homossexualidade, mas a sociedade começa a refletir que o modelo moderno de família não está mais atrelado ao formalismo heterocêntrico, que restringia ao casal formado por indivíduos de sexos diferentes a legitimidade para instituir relações amorosas, matrimoniais e familiares, mas que na construção de sua subjetividade o homossexual se expressa através de relações amorosas estáveis, ampliando o conceito de família (MELLO, 2005).

Para Giddens (1993), o mundo da homossexualidade tem funcionado, particularmente desde a segunda metade do século XX, como um laboratório pioneiro de vivências afetivo-sexuais alternativas ao conjunto de regras da conjugalidade heterossexual. Os homossexuais têm atuado como experimentadores do cotidiano em termos de inovações de relacionamentos amorosos, contribuindo para uma redefinição dos elementos integrantes das práticas socialmente definidas como amorosas e familiares.

A subjetividade homoerótica foi construída a partir de um intenso processo histórico que no início foi marcado por intenso preconceito e estigmatização, mas que agora caminha para um processo de maior aceitação, chamando a sociedade para refletir nas diversas formas de afetividade, incluindo as homossexuais e suas diversas formas de relacionamentos, como a união homoafetiva, na qual muitos homens reivindicam o direito à paternidade. Daí a necessidade de se elaborar práticas na área da saúde que possam contribuir para o homem homossexual se inserir socialmente e com qualidade de vida, livre para fazer suas escolhas e projetos de vida, e um desses projetos pode ser a vivência da paternidade. Por isso, neste estudo, se faz necessário fazer algumas ponderações sobre paternidade.

2.1 PATERNIDADE

Vários pesquisadores vêm se dedicando ao estudo desta temática através de vários enfoques: jurídico, psicologia, psicanálise, sociologia e da antropologia. Em um período recente da história do ocidente, o homem encontrava dificuldades para separar sua individualidade das funções de pai. Manteve-se protegido no silêncio, comprometedor da possibilidade de diálogo com a família, especialmente com os filhos. Foi sempre apoiado pela cultura que, sendo patriarcal, reservou-lhe lugar acima da organização doméstica constituída, sobretudo pela mulher e pela criança.

Esta situação vem-se modificando, lenta e progressivamente, sob a égide de transformações mais amplas, em cujo fluxo imbrica-se, de modo indissociável, sociedade e família. Porém, a mudança de hábitos não acompanha o ritmo da transformação de valores. Antes de assimilar o esboço de nova configuração familiar, modelado no processo que introduziu a mulher no mercado de trabalho, o homem é surpreendido pela ruptura da hierarquia doméstica e pelo constante questionamento de sua autoridade. Tais mudanças não contribuíram para reduzir o vazio instalado na rede de relações afetivas.

O distanciamento entre o homem e os demais membros do núcleo familiar denuncia-se na fragilidade do vínculo estabelecido entre pai e filho, principalmente quando se trata de crianças do sexo masculino. Penetrar este silêncio e entender a questão do pai, tendo como eixo a identidade masculina, culturalmente determinada, tem sido tarefa de estudos, que colocam em perspectiva experiências contemporâneas de paternidade (RESENDE, 1997).

O modelo de família, organizado com base na hierarquia, regido pela severidade de princípios, é substituído por formas diferenciadas de organização, sem deixar lugar para o autoritarismo do antigo pai provedor, que exercia domínio sobre o grupo. A mulher, de modo submisso, tinha os afazeres da casa e o cuidado com os filhos, como ocupação exclusiva. Embora tais transformações repercutam na concepção de paternidade, subsistem, ainda, no imaginário social, marcas da estrutura tradicional. Não se trata apenas de colocar em questão determinado modelo familiar, e sim todos os referenciais de identidade individual, aos quais cada um tende a se moldar. Não há, talvez, em qualquer família, vigência de modelos

homogêneos: contingências sociais, econômicas e culturais articulam-se aos fatores individuais e emocionais, reorientando a organização da família. Redefinem-se as relações internas e externas (RESENDE, 2001).

Adotar formas alternativas de convivência familiar torna-se, cada vez mais, uma prática frequente em nossa sociedade. Criam-se espaços para a manifestação diferenciada da paternidade (HURSTEL, 1999). Se, de um lado, exigências sociais operam pulverizando a figura do provedor, de outro, as famílias buscam a se organizar, formando casais de dupla renda ou de dupla carreira. Emerge então nova figura paterna, não mais ancorada no poder econômico (MONTEIRO, 2001; SOUZA, 1994).

Tais movimentos, que atingem a vida e a intimidade de modo singular, introduzem tema não discutido no universo masculino, embora tenha feito, sempre, parte das preocupações femininas, por referir-se à fertilidade e à concepção. O homem conseguiu manter-se alheio a estas questões, como se fosse possível não ser atingido por elas. Diante do processo que fragiliza a figura do pai, ele se dá conta do risco de ser reduzido ao papel de mero reprodutor. Tanto pode ser utilizado por mulheres que desejam assumir a vida e a educação do filho, de forma independente, sem parceria masculina, como, também, pode submeter-se à tecnologia médica de reprodução humana e tornar-se pai sem dar consentimento, ou, como doador de sêmen, com desconhecimento da existência de um filho. São condições, que ameaçam seu direito de desejar, planejar e se organizar para ser pai, merecem estudo mais aprofundado.

Dada a complexidade envolvida na questão do pai, emerge a figura do *pai presente*, dentro do contexto familiar. As mudanças estruturais da família tradicional não devem ser tidas, unilateralmente, como tendo caráter destrutivo e sim como aspecto positivo da atual fase de transição da família, de modo contrário à insistente abordagem reducionista de modelo patriarcal, monogâmico e nuclear, como assinala Barsted (1987).

É essencial entender e captar o movimento no qual o homem reinventa seu papel e constrói a subjetividade de pai com nova postura, a nova paternidade convive com o processo de transformações em marcha: o pai que transita entre valores novos e arcaicos. Questionam-se o silêncio e o distanciamento impostos por

determinações culturais, através de várias gerações, cria-se, em tal perspectiva, oportunidade para dar a palavra ao pai.

Convém, antes, clarificar, um pouco mais, o entendimento do homem como pai, cuja imagem guarda resquícios de sua origem na atividade familiar do patriarca colonial. Costa (1989) nos auxilia a resgatar o pai antigo, proprietário de bens, escravos e filhos, disposto a impor sua lei e seus direitos e a resguardar seu nome e sua honra. Autoritário, se isentava de maiores compromissos e de manifestações afetivas para com os filhos, cuja relação era marcada pela ideia da diferença, como afirma Figueira (1987), ao se referir à hierarquia familiar: “adulto é diferente de criança, está na posição de quem sabe 'mais e melhor', e pode – e mesmo deve – de quando em quando, mostrar seu poder através do exercício legítimo da disciplina” (FIGUEIRA, 1987, p. 15).

O pai exercia o poder na casa, com força para manter o círculo vicioso em que a família estava secularmente encerrada. Sua autoridade valia tanto para os filhos como para a mulher, que dele dependia economicamente e a quem se submetia de acordo com as regras estabelecidas. A importância do pai, do patrimônio e da religião reduziu, expressivamente, o espaço físico e sentimental da criança.

Com um número de mulheres cada vez maior ingressando no mercado de trabalho e conquistando a independência econômica, ocorreram novos arranjos familiares, com significativa mudança nas relações entre homens e mulheres, como a separação entre papéis conjugais e papéis parentais (MORAES, 2001).

O novo perfil de pai foi se esboçando:

É um homem oriundo das classes médias ou altas, que se beneficia de uma formação e de uma renda mais elevada que a média. Tem uma profissão liberal que lhe permite, bem como à sua mulher, dispor livremente de seu tempo e rejeita a cultura masculina tradicional. A maioria se diz em ruptura com o modelo de sua infância e não quer, por nada, reproduzir o comportamento do pai, considerado "frio e distante". Eles almejam "reparar" sua própria infância. Finalmente, vivem com mulheres que não têm vontade de ser mães em tempo integral. (BADINTER, 1993 p. 172)

Mas, é impossível descrever o homem sem tanger aspectos relativos à virilidade, nem falar do pai sem tocar na questão da paternidade, por serem temas

que ajudam a compor tanto a imagem de pai, como o perfil do novo homem, ou da nova maneira de percebê-lo. O sexo que identifica a criança, ao nascer, não garante ao homem a identidade masculina; tendemos a lidar com a feminilidade como um dado da natureza, e com a masculinidade como uma conquista cultural. Dizer de modo imperativo a alguém: "seja homem" não tem a mesma conotação do "seja mulher"; o homem sempre enfrenta o desafio de provar sua virilidade (BADINTER, 1993).

A paternidade vem sofrendo um deslocamento do âmbito privado para questão de interesse público, pois na assunção de seus papéis de pais, os genitores não devem limitar seus encargos ao aspecto material, ao sustento. Alimentar o corpo, sim, mas também cuidar da alma, da moral, da psique, principalmente da delegação de amparo aos filhos (PEREIRA; SILVA, 2006). Desta maneira, pretende-se realizar algumas considerações em relação à paternidade, para se entender a figura do pai e sua importância na relação pai/ filho.

O pai contribui para que o indivíduo desenvolva sua personalidade e integração social, através deste personagem da família, o filho encontra conforto, amparo, refúgio para sua sobrevivência, formação e estruturação psíquica. A relação pai-filho é importante para o desenvolvimento físico, psíquico e afetivo saudável da criança. O pai é aquele que se vincula afetivamente com os filhos, exercendo sobre eles poder de gênero e geracional, em consequência da diferença de idade (UNBEHAUM, 2000).

Para Hurstel (1999), não se é pai apenas por via biológica, mas na expressão do desejo de ser pai:

Ser pai é um fato social e legal bem definido. Não se é pai apenas por questões biológicas, mas por ato formal. A paternidade não consiste no fato de se haver concebido uma criança com uma mulher, mas na sinalização de que se deseja ser pai. O pai eleva publicamente o filho, indicando, assim, que assume a responsabilidade por ele (HURSTEL, 1999, p.151).

Pimentel (2008) aponta que o sentido da palavra "pai" é derivado de pater, o nutridor, que demonstra amor, não se esquece de suas funções e tarefas, expressa afetividade, promove o divertimento mútuo, cultiva a moralidade, educa, sustenta, dialoga, atualiza-se, cria condições para a instalação do universo lúdico, dá atenção,

é companheiro, e dedica-se incondicionalmente.

Para Shinyasiki (1992), ser pai é apresentar ao filho não só o mundo e às pessoas, mas também a si mesmo – seus sentimentos, seu jeito de ser, de agir – e depois, respeitosamente, deixá-lo escolher a melhor maneira de curtir sua viagem ao planeta, além disso, é ajudar os filhos nos obstáculos da vida e oferecer-lhes ajuda para que desenvolvam a capacidade de superá-los.

Ademais, ser pai é educar os filhos para que se tornem afetivamente autônomos, financeiramente independentes e cidadãos éticos do mundo, quanto mais competente educador o pai for, menos necessário se tornará para o filho, e o vínculo afetivo será mantido eternamente em nome da saudável integração relacional (TIBA, 2007).

De acordo com Montgomery (1998), a paternidade não se inicia, como se imagina, no momento em que a criança nasce ela começa na infância, na vivência de cuidar, proteger e prover pequenos animais de estimação, no zelo com o irmão mais novo, na adolescência quando se sonha esse filho.

O pai é o espelho no qual o filho se mira e o filho é o reflexo de seu pai, o pai admira com orgulho alguns traços de sua personalidade em seu filho, contagia-se ao falar deste para outras pessoas, da mesma maneira angustia-se ao perceber sinais indicadores de que o filho vivencia dificuldades (TIBA, 2007).

Para Alvez (2002), pai é aquele que, por causa do filho, tem sua vida inteira mudada de forma inexorável. Isso não é verdadeiro do pai biológico. É fácil demais ser pai biológico. Pai biológico não precisa ter alma. Um pai biológico se faz num momento. Mas há um pai que é um ser da eternidade: aquele cujo coração caminha por caminhos fora do seu corpo. Pulsa, secretamente, no corpo do seu filho (muito embora o filho não saiba disso).

Desta maneira, o homem homossexual, no ciclo da vida humana, adulto jovem “caracterizado pela idade das amizades e de namoros mais estáveis e que muitos casam, concebem, geram e acompanham seus filhos na infância” (ELZIRICK, KAPCZINSKI, BASSOLS, 2001, p.151) pode expressar o desejo de ser pai, de vivenciar a paternidade, vinculando-se afetivamente, assumindo responsabilidade por uma criança, principalmente se estiver bem esclarecido sobre as principais

ações que envolvem o cuidado paterno, descritas anteriormente.

Entretanto, o homem homossexual pode encontrar dificuldades para a realização da paternidade, o papel social “ser pai” pode não ser realizado, por medos, dúvidas, falta de conhecimento em relação às reais significações da paternidade ao que pode repercutir na saúde, pois, segundo Drummond (2007), a organização mundial da saúde reconhece que a saúde do indivíduo pode ser afetada se o mesmo não participar em situações de vida, de seus papéis sociais, para além dos problemas que existem com as estruturas e funções do seu corpo impostos pela doença.

CAPÍTULO III – ABORDAGEM GESTÁLTICA E OCUPACIONAL DA PATERNIDADE

Interrogar a problemática da paternidade, nesta pesquisa, foi uma tarefa realizada pela reunião e articulação na fundamentação teórica e analítica de vários campos do saber: a abordagem gestáltica, a terapia ocupacional social, teorias de gêneros e fenomenologia do discurso. Neste capítulo apresentamos, uma síntese da interlocução entre a abordagem gestáltica e a terapia ocupacional evidenciando o diálogo entre os sistemas e a riqueza do entrelaçamento dos mesmos para a produção do conhecimento.

Para Ribeiro (1985), a abordagem gestáltica concebe a existência em sua particularidade, singularidade no seu modo de ser e de agir. Por sua vez, a American Occupational Therapy Association (AOTA) define a terapia ocupacional como a arte e a ciência que, por meio da aplicação de atividades cotidianas, incrementa a independência, possibilita o desenvolvimento e previne a doença, podendo utilizar de diversos métodos para melhorar a qualidade de vida do homem no seu cotidiano (TEIXEIRA *et al*, 2003).

Para Hagedorn (2003), a terapia ocupacional é uma profissão complexa e apresenta uma ampla base de conhecimento, derivado tanto das ciências médicas como sociais. A prática incorpora habilidades de gerenciamento, corretivas, técnicas e criativas com processos especializados da terapia ocupacional. Os terapeutas ocupacionais trabalham com todos os grupos etários e diversos gêneros auxiliando uma ampla variedade de problemas médicos, sociais e ambientais.

A terapia ocupacional é, ainda, uma disciplina da saúde que diz respeito a pessoas com o propósito de ajudá-las a participar da vida em seu mais amplo sentido, sendo o terapeuta profissionalmente qualificado a envolver o paciente em atividades destinadas a promover o restabelecimento e o máximo uso de suas funções com o intuito de ajudar o sujeito a fazer frente às demandas de seu ambiente de trabalho, pessoal e doméstico (GONÇALVEZ; WANZELER, 2002). Para Pimentel (2002), a abordagem gestáltica é uma das proposições fenomenológicas-existenciais em virtude de um de seus suportes conceituais básicos ser o conceito de intencionalidade, ou seja, a questão da indissociabilidade da consciência e de seus objetos.

O precursor da Gestalt-Terapia é Frederick Salomon Perls que nasceu em 1893 e viveu parte de sua vida na Alemanha. Este estudioso desenvolveu um estilo “inconformista” de crítica e rebeldia frente aos valores sociais de sua época, o que influenciou a elaboração do desenvolvimento da gestalt-terapia. Quanto à abordagem gestáltica, vários estudiosos, a partir dos anos 1990 vêm aplicando alguns princípios à educação, ao trabalho e a pesquisa de gêneros e da violência psicológica que ocorre nas famílias (YONTEF (1998); CIORNAI (2004); FERREIRA (2008); PIMENTEL (2008)).

Pimentel (2002) relata que Perls extraiu da fenomenologia a importância de descrever a vivência imediata, tal como é percebida ou sentida corporalmente, assim como o processo que está se desenvolvendo no aqui e no agora. O precursor da Gestalt-Terapia tinha convicção de que o mundo vivencial do indivíduo só poderia ser compreendido mediante a descrição direta que o próprio indivíduo faz de sua situação única. Do mesmo modo, o terapeuta ocupacional intervém, no sentido de ajudar aquele que se lhe apresenta como cliente, a encontrar (ou reencontrar) seu lugar social, como ser ativo e autônomo, tendo metas a qualidade de vida e a inclusão social. É através da ação, da atividade, que o terapeuta e cliente constroem os caminhos do processo terapêutico (BARTALLOTTI, 2009).

Perls (1979) descreve que a gestalt-terapia tem a intenção de transformar pessoas de papel em pessoas reais, fazer o sujeito inteiro vir à vida, e ensiná-lo a usar seu potencial inato para ser um líder sem ser rebelde, tendo um centro ao invés de viver inclinado, para isto acontecer é necessário que a gestalt seja completada. Se a gestalt não for completada o existente acumula situações inacabadas que pressionam o psiquismo para ser completadas.

Na perspectiva da reflexão gestáltica ocupacional, supomos que para o homem homossexual a ausência da vivência intencional da paternidade, pode vir a ser uma situação inacabada geradora de sofrimento psicológico, por exemplo, quando o desejo sucumbe ao preconceito social ou a autonegação consciente. O conceito de intencionalidade na abordagem gestáltica diz respeito à direção da consciência. Os atos psíquicos e as intenções revelam a existência. A abordagem gestáltica ocupacional inclui na intervenção a análise do contexto, do meio, visando compreender a totalidade dos fatores envolvidos nos acontecimentos.

O campo da terapia ocupacional social está em construção, o que exige a

intensa e contínua reflexão crítica dos profissionais sobre suas práticas e a formação acadêmica objetivando aprimorar a intervenção e promover transformações na sociedade, e contribuir para a democracia, emancipação e exercício dos direitos humanos (DE OLIVEIRA *et al*, 2008).

O terapeuta ocupacional é um profissional com um olhar voltado para o cotidiano e o fazer humano cuja participação tem sido significativa na melhoria da atenção a saúde, construção de uma vida saudável e facilitando ao indivíduo o tornar-se de fato, sujeito de direitos (SANTANA *et al*, 2008).

O terapeuta ocupacional social vem ampliando sua inserção institucional em relação a associações comunitárias e projetos sociais diversos, contudo, no âmbito das organizações do poder público, esta prática vem se inserindo de maneira tímida, mas contínua como uma ação social relevante, sobretudo em unidades da secretaria de desenvolvimento social e combate a pobreza e com aproximações com a secretaria estadual de justiça e direitos humanos.

Ressaltamos que a intervenção em terapia ocupacional social exige do profissional, que se dispõe a realizá-la, o exercício de grande capacidade de articulação político pedagógico, conceber o respeito à diversidade como princípio de sua intervenção e buscar estimular o desempenho de potencialidades dos sujeitos assistidos, para que gerenciem suas vidas e atuem sobre o seu cotidiano da forma mais autônoma e independente possível.

Caniglia (1993) afirma que a terapia ocupacional atua com projetos de vida e atividades do cotidiano no âmbito da assistência social. No dia-a-dia, o profissional observa o uso do tempo, o ambiente que o cliente está inserido, e os papéis que apresenta na vida, como por exemplo, a paternidade.

Para Moulard (1998), existem quatro pressupostos básicos que caracterizam a relação entre profissional e cliente na perspectiva gestáltica: A) entender o sujeito como um todo; B) ênfase no aqui e agora; C) a preponderância do como sobre o porquê; e D) a conscientização.

A ênfase em reconfigurar a consciência da experiência permite aos sujeitos integrar ação e necessidade, reduzindo o esforço para analisar a razão das motivações, sentimentos e comportamento. Conforme Perls (1979) identificar o determinante causal, ou seja, o porquê da ação é irrelevante para a compreensão plena da experiência, já que toda ação tem causas múltiplas. A preocupação com

explicações distancia o sujeito da compreensão de si. Homens saudáveis são sujeitos autorregulados, autoapoiados, conscientes da experiência de si, que prestam atenção e satisfazem às necessidades. A fuga da conscientização, a rigidez perceptiva e do comportamento são obstáculos ao crescimento psicológico que ocasionam um desequilíbrio, interrompem o crescimento, impedindo aos sujeitos a satisfação das necessidades, por exemplo, vivenciar a paternidade.

A perspectiva do cuidado paterno, proposta em Pimentel (2008), focaliza a etimologia da paternidade. A autora retoma a significação da palavra “pai” derivada de *pater*, o nutridor, aquele que demonstra amor, não se esquece de suas funções e tarefas, expressa afetividade, promove divertimento mútuo, cultiva a moralidade, educa, sustenta, dialoga, atualiza-se, cria condições para a instalação do universo lúdico, dá atenção, é companheiro e dedica-se incondicionalmente. Paternidade, presença e auto-regulação são premissas gestálticas que orientam a pesquisa que identificou os significados que os homens homossexuais atribuem à paternidade. Constituída a base teórica e analítica da pesquisa, apresentamos o delineamento da pesquisa.

CAPÍTULO IV – A PESQUISA

A produção do conhecimento científico nas ciências humanas e da saúde é orientada por modelos explicativos e por modelos compreensivos. No que se refere aos parâmetros compreensivos é necessário entrelaçar os fundamentos dos mesmos ao desenvolvimento da pesquisa qualitativa (PIMENTEL; OLIVEIRA; ARAÚJO, 2009).

Para Minayo (1998), a pesquisa qualitativa considera a fala do sujeito sobre o fenômeno investigado, o modo como ele vivencia:

A pesquisa qualitativa torna-se importante para compreender os valores culturais e as representações de determinado grupo sobre temas específicos; para compreender as relações que se dão entre os atores sociais, tanto no âmbito das instituições, como dos movimentos sociais; para avaliação das políticas públicas e sociais tanto do ponto de vista de sua formulação, aplicação técnica, como dos usuários a quem se destina (MINAYO, 1998, p.134).

Desta forma, a pesquisa qualitativa (PQ) é eficaz para se apreender questões relacionadas ao desvelamento das significações. Assim, realizamos uma investigação voltada para a apreensão dos significados que alguns homossexuais residentes em Ulianópolis/PA atribuíam à paternidade (HÉRBET; GOYETTE; BOUTIN, 2005).

Turato (2003) afirma que a PQ se propõe a lidar com questões de foro íntimo, que usualmente são acompanhadas de angústias e ansiedades, tais como assuntos referentes à doença e morte, relações interpessoais sexualidade, visões de mundo etc.

A PQ permite ao pesquisador imergir de maneira compreensiva no desvelamento das camadas que obscurecem a significação dos fenômenos estudados, estimulando-o a apreender o sentido subjacente ao acontecimento, levando em conta a sua complexidade e particularidade, não objetivando alcançar a generalização, sim o entendimento das singularidades, ou subjetivo e da comunalidade, ou do intersubjetivo.

De acordo com Martins (2004), no campo da psicologia, sociologia, antropologia e terapia ocupacional as diretrizes da PQ vêm sendo utilizadas de

maneira crescente na construção do conhecimento. As experiências humanas e suas possibilidades provocam uma demanda significativa para os pesquisadores da graduação e da pós-graduação, em virtude, principalmente, das metodologias qualitativas privilegiarem análises de micro processos. Para a realização da PQ, os suportes utilizados são, entre outras coisas, as opções teóricas do pesquisador, sua biografia, e a ética que o conduz a lidar com contextos mais amplos e imprevisíveis e as situações que ocorrem no dia-a-dia (GOLDENBERG, 2003).

Nesta pesquisa, em relação aos significados atribuídos à paternidade, as investigações foram delineadas considerando três pólos interligados: teórico, morfológico e técnico. No primeiro, valeu-se da lógica compreensiva e das análises indutivas, isto é de acordo com o material empírico. No segundo e no técnico, foi utilizado um estudo de multicasos, exercitando a postura holística³ que contempla a possibilidade de praticar ação conjunta de produção do conhecimento, isto é, envolver sujeito-informante e sujeito-pesquisador na reflexão da questão problematizada, sobre seus papéis e o contexto social, no caso do homem homossexual a possibilidade de vivenciar a paternidade.

Os critérios de inclusão dos sujeitos na amostra foram: homens homossexuais, faixa etária dos 20 aos 40 anos, por ser este um intervalo cronológico de potencial fertilização em que a concepção, geração e gravidez a termo podem ser vivenciadas e os homens podem exercer a parentalidade; não ter relação afetiva estável; aceitar participar da pesquisa assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)⁴. Para exclusão foram observados os critérios: homens homossexuais que não desejam vivenciar a paternidade.

A amostra foi constituída por homossexuais, solteiros, não vivendo união homoafetiva. O critério bola-de-neve foi o método de amostragem escolhido, o qual é considerado por Turato (2003) como adequado para pesquisas qualitativas:

³ A palavra “**holismo**” vem do grego “holos” que significa “todo”, “inteiro”, “completo”, e é usada para designar um modo de pensar, ou considerar a realidade, segundo a qual nada pode ser explicado pela mera ordenação ou disposição das partes, mas antes pelas relações que elas mantêm entre si e com o próprio todo. As realidades poderiam ser entendidas em dois estágios: o primeiro seria o “todo” e este, por sua vez, seria composto por partes distintas, porém inter-relacionadas, apenas compreensíveis dentro do contexto do “todo”.

⁴ Anexo B

O método de amostragem por bola-de-neve é utilizado quando o pesquisador tem interesse em determinado assunto e/ou fenômeno. O pesquisador investiga, ouve determinada pessoa que pode dar informações acerca do fenômeno pesquisado e partindo-se de uma primeira pessoa pode se chegar à segunda, sendo esta recomendada pela primeira, e assim partindo-se para vários casos. (TURATO, 2003, p. 251)

A identificação do primeiro informante foi por meio de um amigo de trabalho, seguido de outro conhecido; assim, adotando o critério bola-de-neve chegamos a uma rede constituída por 4 indivíduos. A entrevista semiestruturada orientada para a resposta, seguindo um roteiro de perguntas foi a técnica de obtenção dos dados. De acordo com Hebert, Goyette, Boutin (2005):

A entrevista orientada para a resposta caracteriza-se pelo fato de o entrevistador manter o controle no decurso de todo o processo. Ela é na maioria das vezes, estruturada ou, pelo menos, semi-estruturada e é referenciada a um quadro preestabelecido (HÉBERT, GOYETTE, BOUTIN, 2005, p. 162).

As perguntas utilizadas foram: 1. Qual o significado da paternidade para você? 2. Pretende vivenciar a paternidade sozinho ou com seu parceiro? Comente. 3. Como pretende ser pai? 4. Usará métodos artificiais para alcançar a paternidade? 5. Quais as principais dificuldades que considera encontrar para vivenciar a paternidade? 6. Você revelará a sua orientação sexual para o seu filho ou sua filha? 7. Considera que há diferenças entre ser pai de uma criança do sexo feminino e uma do sexo masculino? Comente.

O contato preliminar com os sujeitos foi telefônico visando estabelecer agendamento dos horários e o local para as entrevistas. Durante os encontros, explicamos os objetivos da pesquisa, o caráter confidencial e apresentamos o termo de consentimento livre e esclarecido. Para a coleta de dados foi realizado três encontros, um para explicar a pesquisa e entregar o roteiro de perguntas e o termo de consentimento livre e esclarecido, o segundo para uma conversa prévia para conhecer o entrevistado e criar um vínculo entre ele e o pesquisador e o último encontro para a realização da entrevista. A mesma foi gravada, e as falas do entrevistado transcritas, transformadas em textos e realizada a análise dos significados em relação à paternidade. Salientamos que as identidades foram preservadas através da apresentação dos informantes utilizando nomes de personalidades da mitologia grega.

Para as análises do conteúdo do discurso, entendido enquanto significação, valemo-nos da proposta de Ricoeur (1975) para a interpretação da linguagem, identificando no discurso as funções e os atos de linguagem focalizados em três momentos: ato locucionário (ato de dizer), ato ilocucionário (linguagem corporal e simbólica) e o ato perlocucionário (reflexo da linguagem no outro) (RIBEIRO, 2006).

Ricouer (1975) aponta o parágrafo e a frase como os lugares do texto em que as categorias de análise são retiradas. Para Bruns e Trindade (2001), estas unidades são trechos da fala do entrevistado (transformadas em texto) em que é possível perceber um significado atribuído por ele à vivência. Essas unidades não existem na descrição como tal, é o pesquisador que percebe com sua visão de mundo e com uma atitude de abertura, de empatia com o outro.

Nesta fase da leitura dos discursos foi recorrido à variação imaginativa que, segundo Santos (2004, p 60), “consiste em refletir sobre as partes da experiência que nos parecem possuir significados cognitivos e, sistematicamente imaginar cada parte estando ausente ou presente da experiência”.

CAPÍTULO V – QUERO SER PAI? RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1 PERFIS DOS INFORMANTES

Abaixo, apresentamos um quadro com os perfis dos participantes da pesquisa, utilizando nomes fictícios para preservar suas identidades:

SUBJETIVAÇÃO	FAMÍLIA ASCENDENTE
<p>EROS</p> <p>25 anos, natural de Ulianópolis. Atualmente mora em Belém e cursa o primeiro ano de farmácia em uma faculdade particular. Mora com a tia paterna, um irmão mais velho e 3 primos. Apenas uma prima sabe de sua orientação sexual. Informou que namorou apenas uma vez com um rapaz, mas não durou mais de 2 meses, relatou não está vivenciando relacionamento estáveis, está solteiro.</p>	<p>Foi criado pelos avôs maternos, porém, somente em 2010 conheceu o pai biológico motivado pela iniciativa de uma irmã que é fruto de outra união de seu pai. Durante o encontro, Eros relatou que não sentiu nenhum sentimento de afetividade pelo pai; que sempre teve consciência que era uma criança adotada pelos avós desde os 6 anos de idade e que não sofreu por isso.</p>
<p>ÍTALO</p> <p>28 anos, é fisioterapeuta, trabalhou com o pesquisador no período de 2007 a 2009, a quem revelou sua orientação sexual no início de 2009. Atualmente mora em Belém, com sua mãe e 2 irmãos. Tem uma boa relação com seus familiares, exceção do irmão mais velho. Considera que a questão da homossexualidade está bem resolvida para ele, relatou que é muito difícil o relacionamento entre homens, pois a grande maioria não está disponível para esta situação. Mas acredita que futuramente possa encontrar um rapaz que queira realmente um relacionamento com seriedade, responsabilidade,</p>	<p>A família sabe de sua orientação sexual desde 2005. Contou a eles porque não se sentia feliz escondendo sua orientação sexual, às vezes tinha que mentir, inventar desculpas ao sair de casa, o que fazia com que se sentisse mal - exemplo, dizia para sua mãe que iria sair para namorar alguma menina, o que não era verdade. A família reagiu com tranquilidade ao tomar conhecimento, entretanto, a mãe ficou surpresa e tensa com a notícia, logo no início, sendo normalizado posteriormente.</p>

<p>doação e companheirismo. Informou que além de sua família, apenas alguns amigos íntimos sabem de sua orientação sexual.</p>	
<p>ZEUS 29 anos, enfermeiro, natural de Belo Horizonte, Minas Gerais. Mora em Ulianópolis sozinho há três anos. Informou que não revelou a sua orientação sexual para ninguém na cidade, relatou que as pessoas desconfiam, mas prefere não confirmar a sua homossexualidade, pois não gostaria de sofrer preconceito e discriminação, principalmente por ser uma cidade do interior, prefere na cidade de Ulianópolis não “sair do armário”. Seus familiares sabem de sua orientação sexual, e atualmente aceitam normalmente seu relacionamento com seu “parceiro” (assim descreve seu namoro), relatou que já tem mais de um ano de convivência com seu namorado.</p>	<p>A sua família é constituída de 5 irmãos (três homens e duas mulheres), e seus pais. Todos estão morando em Belém, só Zeus que reside em Ulianópolis, mas visita a família duas vezes no mês. Informou que ao revelar a sua orientação sexual os seus familiares estranharam, mas conta que não sofreu preconceito, isolamento e que aos poucos todos foram entendendo e aceitando normalmente sua orientação sexual. Relatou que teve dificuldade para revelar a sua orientação sexual para o seu pai por ser o maior símbolo de masculinidade para ele, mas depois de revelado o seu pai age naturalmente.</p>
<p>PERSEU 36 anos, mora com uma tia, uma prima e uma sobrinha, tem 6 irmãos e mãe. É formado em biologia e atualmente está solteiro. Trabalhou em Ulianópolis durante três anos, saiu do município em dezembro de 2009 em virtude de ter alcançado aprovação em concurso público da Secretaria de Educação do Estado do Pará, e por isso mudou da cidade para outro município (Barcarena). Informou que atualmente está namorando um rapaz que conheceu em um evento e que os dois estão se entendendo no relacionamento.</p>	<p>Já teve diversos conflitos familiares em virtude de sua sexualidade, mas considera que atualmente tem uma boa relação com eles, que não demonstram discriminação nem desrespeito por Perseu ser homossexual. O pai é falecido, não tinha nenhuma relação de amizade e afinidade com ele, saiu muito cedo de casa devido ter outra família.</p>

5.2 UNIDADES DE SIGNIFICAÇÃO

A análise dos dados se deu primeiramente a partir do agrupamento de discursos transformados em textos. As temáticas identificadas carregam ricas significações sobre o objeto de estudo. Assim, foi possível organizar alguns recortes nas categorias: (1) percepção da homossexualidade, (2) vivência do sexo e do afeto, (3) participação da mulher na subjetivação da sexualidade, (4) métodos para se alcançar a paternidade, (5) paternidade e perspectiva de família.

Antes da análise de cada uma delas, apresentaremos um panorama acerca das características do discurso dos informantes. Desde os primeiros momentos, apresentaram manifestações não verbais e indiretas sobre o tema central da pesquisa durante o discurso, ressaltando o ato ilocucionário, por exemplo, as pausas na fala, olhares distantes, certa desconcentração, expressão de dúvida e incertezas, o que possivelmente sinalizava a dificuldade de revelar fatos relacionados à homossexualidade.

O pesquisador ao solicitar, no segundo encontro, aos informantes que falassem de si, da história de vida, das fases do desenvolvimento humano as expressões faciais eram de desconforto, de desconfiança, de um silêncio breve antes de iniciar a verbalização, isto possivelmente estava relacionado com a questão do contato retraído, o qual, para Pimentel (2005), demonstra a preocupação e resistência em falar da experiência sugere tal condição, por isso o pesquisador estabeleceu com os informantes uma relação efetiva, através de um encontro genuíno amoroso e dialógico, utilizando de condições facilitadoras para alcançar a confiabilidade na pesquisa.

5.2.1 Percepção da homossexualidade

Eros considera que é homossexual, mas que esta demanda não está bem resolvida para ele, principalmente por questões religiosas. Narrou que percebeu que seu desejo por homens iniciou aos 12 anos de idade quando dormia na casa de um vizinho que tinha 17 anos,

A mãe do meu vizinho viajava e pedia para eu fazer companhia ao seu filho, e a noite acontecia “brincadeiras”, “jogos sexuais” que não foram mais esquecidos, o que ficou mais latente com o avançar da idade. (EROS)⁵

Eros também referiu que desde criança percebia que era diferente de outros meninos,

Não gostava das mesmas brincadeiras que outros garotos, meu comportamento era diferente, não era ativo, era mais passivo, tímido, introspectivo, e com passar da idade outros meninos tiravam brincadeiras que me ridiculariza. (EROS)

Hoje se considera bem masculino, e relata que se espelhou no seu irmão e no seu primo para ter o comportamento do gênero masculino reproduzido hoje em dia. Além disso, informou que tem amigos homossexuais, conversa com um amigo próximo sobre sua orientação sexual. O amigo lhe ajuda muito a compreender seu sofrimento. Considera sua orientação sexual como uma questão que precisa ser resolvida para ele viver feliz, com maior tranquilidade. Expõe que seu pensamento é consumido todos os dias pela questão de ser homossexual.

Por sua vez, Ítalo relatou que percebeu que era gay desde cedo, nunca teve essa dúvida,

desde que me entendo por gente, que tenho consciência de minha existência, sempre tive atração por homens. Mas quando pequeno, também sentia atração por mulheres, só que essa atração foi morrendo na medida em que fui crescendo (ÍTALO)⁶.

Não soube afirmar qual idade começou a sentir atração por homens, mas revelou que isto aconteceu durante a infância, com as crianças que eram seus vizinhos, “era durante as brincadeiras de rua ‘esconde-esconde’, por exemplo, “coisa de criança ‘esfrega-esfrega’, essas coisas, nada de afetividade, ainda era fase de descoberta né, tanto para mim quanto para eles” (ÍTALO).

O entrevistado comentou que nestas primeiras experiências da infância havia manipulação do órgão genital de ambas as partes, que na época devia ter 7 ou 8 anos de idade, e este desejo pelo corpo masculino aumentou na adolescência.

⁵ C.f. Entrevista na íntegra no Anexo C

⁶ C.f. Entrevista na íntegra no Anexo D

Ítalo informou que tem uma ideia incomum da homossexualidade

eu vejo o homem como um ser social e sexual, falo da natureza humana, o homem como todo animal tem apetite sexual e procura saciar esse apetite, claro que segundo a natureza, a evolução, deveria ser um macho e uma fêmea, mas não vejo o sexo entre parceiros do mesmo sexo algo que contrarie a normalidade. Não vejo a homossexualidade como doença, que precisa de um fator desencadeante, acho que já vem da pessoa, do íntimo dela, analiso pelo lado biológico da genética, às vezes as pessoas me perguntam por que eu gosto de homem, aí faço outra pergunta "você sabe me responder porque você gosta de mulher" a pessoa responde que é natural, e eu pergunto "quem disse que é natural?" e dou duas opções: você ou a sociedade? O fato é que é algo íntimo e pessoal de cada um. O gostar, o amor não pode ser explicado (ÍTALO)

Considera que o social e o ambiente têm participação na formação do caráter da pessoa e não se ela é ou não gay, deu como exemplo os padres da igreja católica que vivem em um ambiente diferenciado e ainda assim praticam relações sexuais e homossexuais. Relatou que neste assunto é determinista "eu acho que o social e o ambiente determinam o caráter da pessoa, se ela convive com pessoas de bem, será um gay de bem, diferenciado" (ÍTALO).

Zeus relatou que aos 6 anos de idade chamava bastante atenção, "eu era uma criança bonita, bem branquinha, olhos claros, tinha 5 irmãos, brincava sempre com eles no quintal de casa. Aliás, esta ficava sempre cheia de meninos, pois todos vinham brincar comigo e com meus irmãos". Disse que brincava bastante com um vizinho, dois anos mais velho do que ele, e este sempre frequentava a casa de Zeus.

O entrevistado disse que tem pouca lembrança de como começou a se interessar por pessoas do mesmo sexo que o seu, mas diz que alguns fatos vêm à sua memória.

Certa vez estava brincando com meu vizinho que sempre frequentava minha casa e aí o mesmo me convidou para ir para o saguão de casa, lá não sei explicar ou lembrar como e quem começou, mas nós dois trocamos afetividade, sendo que não houve nada de penetração, mas houve contato dos órgãos genitais, e lembro que tive uma sensação boa, isto sempre se repetia quando agente brincava (ZEUS)⁷.

⁷ C.f. Entrevista na íntegra no Anexo E

Zeus verbalizou que desde este momento começou a ter prazer por pênis, “gostava de ver o órgão genital dos meninos, sentia muito prazer”. Certa vez a sua irmã o viu trocando afetividade com seu vizinho, não lembra se foi repreendido pela sua mãe, o pai tava viajando, disse que ficou com muito medo quando o seu pai soubesse da história,

quando meu pai chegou de viagem a minha mãe contou a história para ele, pensei que iria pegar uma surra, mas o meu pai só pediu para eu não fazer mais isso, pois homem devia gostar de mulher. O tempo foi passando, mas o desejo por homem não foi diminuindo. (ZEUS)

Do lado de sua casa morava o seu tio, sempre o menino ia visitar e brincar com sua prima. Certa vez viu o seu tio trocar de roupa na sua frente e, segundo o entrevistado, gostou muito do que viu, e cada vez mais se interessava pela anatomia masculina.

Durante a minha infância me envolvi em vários jogos sexuais com meus amigos, e na adolescência comecei a ter afinidade nas amizades com as meninas, neste período foi um momento de grande sofrimento e de violência psicológica principalmente na escola (ZEUS)

Segundo o rapaz, ele era afeminado e motivo de gozação para os meninos de sua turma e no colégio em geral

Recebia diversos apelidos “bichinha”, “mulherzinha”, “viadinho”, “mariquinha”, não era respeitado, os meninos me provocavam medo, vergonha, tinha receio de andar, de passar perto deles, uns chegavam me agredir fortemente de modo verbal, minha timidez piorava a situação, não conseguia falar para os meus pais o que acontecia comigo na escola, pois tinha vergonha de dizer que estavam me chamando de viado no colégio, nisto tudo tive vontade de não mais ir para a escola, minhas notas foram diminuindo, perdia o interesse pelos estudos, o pior que não podia contar com ninguém, nenhum menino gostava de conversar e fazer amizade comigo, isso piorava na educação física, pois não tinha aptidão para o futebol, esporte de grande identificação para os meninos, o que fez sentir sensação de exclusão, de inferior, de preconceito, os meninos riam de mim quando jogava bola, piorava ainda mais a situação porque era uma criança obesa (ZEUS).

Também relatou que na adolescência sofreu muito, pois os garotos de sua idade começaram a demonstrar interesse por meninas, sendo permitido demonstrar o interesse sexual, o contrário era para Zeus, que teve que esconder seus desejos e

preferências sexuais pelos meninos por muito tempo, pois temia o preconceito e discriminação.

Atualmente, a família de Zeus sabe de sua orientação sexual, bem como seus melhores amigos, disse que sofreu muita tensão para revelar o “seu segredo” e “sair do armário”, mas que agora vive uma vida mais tranquila e saudável,

lembro quando contei para minha mãe, a chamei no quarto, disse que tinha algo muito sério para contar, ela no início ficou me olhando, sabia que o que iria lhe falar era um segredo, antes de eu falar ela brincou comigo “já sei filho, você engravidou alguma menina” fiquei constrangido, disse que não, que talvez isso fosse difícil acontecer e que esta dificuldade estava associada à minha homossexualidade, respirei fundo e disse : mãe eu sou gay!”, minha mãe me olhou, ficou um grande silêncio entre nós dois e pediu um tempo para pensar no que disse para ela, mas tarde demonstrou apoio e total amizade, por mais que tivesse estranhado no início, disse que me amava incondicionalmente e queria muito minha felicidade, amo minha mãe, minha melhor amiga. Todos da minha família entendem que minha felicidade está associada a viver sem mentiras e viver plenamente minha orientação sexual, sem estar me escondendo (ZEUS).

Perseu afirma que durante a sua infância se sentia diferente de seus irmãos homens, percebeu isto por volta dos 6 anos de idade, principalmente nas brincadeiras de meninos,

não me sentia a vontade, com naturalidade, tinha dificuldade para me socializar com outros garotos, por esse motivo acabei criando o meu próprio mundo de brincadeiras, era muito sozinho, não gostava de me relacionar com as crianças de minha idade. Na minha infância não falava muito, me considerava tímido, introspectivo, escutava mais, todos me consideravam comportado, não sentia prazer em brincar com outros meninos de minha idade (PERSEU)⁸.

Lembra que durante a infância se esforçou para brincar com os meninos, mas sempre era frustrante, não se sentia bem, não era algo natural, sempre se envergonhava, confessa que sentia que essas brincadeiras não faziam parte de seu universo. Durante o início da vida escolar diz que conviveu com a implicância de alguns alunos da escola onde estudava, pois os mesmos perceberam que o comportamento de Perseu não era comum a de outros garotos.

⁸ C.f. Entrevista na íntegra no Anexo F

Afirma que percebeu que era gay aos 8 anos de idade, pois um acontecimento fez desencadear os seus desejos homossexuais, afirma que a homossexualidade é pré determinada , a pessoa já nasce para ser homossexual, fez uma ligação com a questão genética.

Minha primeira experiência foi com um primo de 14 anos, ele veio morar com a minha família e nos momentos que ficamos sozinhos em casa o mesmo se aproveitou de mim, por ser maior de idade e por ser “malicioso”, como eu era bem novo não entendia muito que acontecia, para mim houve violência sexual contra a criança, sofri muito com isso (PERSEU).

Perseu verbalizou que no ato com seu primo não houve espécie de penetração, apenas estímulos, toques, “meu primo falava no meu ouvido baixinho que o que fazíamos era segredo entre nós e que não era para eu contar para ninguém”.

O seu primo deixou de morar com a família de Perseu quando o mesmo tinha uns 12 anos, desde esse momento o entrevistado não teve mais contato com seu primo, mas considera que após este episódio houve conflitos internos, as cenas, sensações e desejos vividos com o primo nunca mais saíram de sua memória, e o desejo de viver isto novamente com uma pessoa do mesmo sexo aumentou com o tempo e com seu desenvolvimento humano. Confirmou que tentou reprimir bastante seus desejos, por medo, vergonha, “sentia que isso não era comum para a sociedade, mas depois refleti que estava me enganando, pois tinha a sensação que o que sentia iria me acompanhar pelo resto de minha vida”.

O desejo por pessoas do mesmo sexo aumentou bastante na adolescência, e Perseu fazia ao máximo para esconder seus desejos por pessoas do mesmo sexo “tinha medo e vergonha das pessoas descobrirem a minha verdade, não me sentia bem com essa situação”.

Dos entrevistados, somente Eros não assume a sua orientação sexual para a família e amigos, os demais (Ítalo, Zeus e Perseu) possuem uma posição transparente em relação à questão de “sair do armário”. Diante disso, Eros relatou durante a entrevista que teria dificuldade de assumir a sua orientação sexual para a família e para a sociedade, fazendo referência a uma fase de grande sofrimento para o indivíduo, relacionado com a questão de “sair do armário”, o armário como

regime de visibilidade e informação pode ser utilizado como um modelo analítico para entender o jogo entre transparência e fechamento.

Poderíamos denominar “armário” a todo regime de segmentação dos espaços de visibilidade conhecimento que tem como objetivo a gestão da identidade (homo/hetero) sexual dentro da oposição privado/público (PRECIADO, 2010). Desta maneira, identificou-se um conflito deste entrevistado relacionado com a questão de “sair do armário” e de revelar a sua orientação sexual, tendo o significado para ele de perder o respeito da família e de seu futuro filho por conta de sua homossexualidade

Tenho consciência da minha orientação sexual, ainda vivo o conflito de aceitá-la, se pudesse ter uma chance de voltar tudo de novo, não gostaria de ser homossexual, para mim todo mundo sofre, mesmo aqueles bem resolvidos sofrem porque a sociedade é cruel com todos que são gays [...] Teria vergonha de revelar minha orientação sexual para o meu filho, porque para mim iria decepcioná-lo [...] Não revelaria minha orientação sexual para meu filho, só se fosse muito necessário, ou ele me questionasse, mas evitaria esta situação (EROS).

Para Tarnovski (2004), a construção de si mesmo como homossexual e a autopercepção positiva ocorre tarde nas trajetórias de muitos homossexuais, o reconhecimento de si mesmo como “homossexual” é construído ao longo de um processo, na maioria dos casos, tenso de estabelecimento de definições, no qual tem que lidar com imagens negativas associadas à homossexualidade.

Neste contexto, podemos imaginar a energia necessária para a experiência do “sair do armário”. O “sair do armário”, enquanto posicionamento que torna visível a não-heterossexualidade, demanda um grandioso esforço psicológico, mas não só, pois além disso, precisará criar estratégias sociais de enfrentamento denominado paradoxo do armário (VILLAAMIL, 2005).

Sedgwick (2007) esboça uma reflexão sobre o “armário” como um dispositivo de regulação da vida de gays e lésbicas, “o sair do armário”, portanto, exige uma ressignificação das características negativas assimiladas bem como o enfrentamento público e político ao desqualificar e tornar visível os fundamentos que justificam a subalternidade e a inferiorização. O que torna o ato de “sair do armário” um processo, muitas vezes, implicado por sofrimento aos sujeitos, já que, a partir

desta visão, ele exigirá mudanças profundas e concretas da vida dos indivíduos, obrigando-os, na maioria das vezes, a buscar novos espaços de sociabilidade, de trabalho de identificação.

Na verdade revelar a homossexualidade só se torna possível a partir da criação de sentimentos de pertença com determinados grupos sociais, os quais são capazes de elaborar sentidos e significados positivos à experiência da homossexualidade, já que normalmente a família e a comunidade são espaços de conservação de valores morais. Mesmo em um nível individual, até entre pessoas mais assumidamente gays, há pouquíssimas que não estejam no armário com alguém que seja pessoal, econômica ou institucionalmente importante para elas. Cada encontro com uma pessoa nova exige, pelo menos por parte dos homossexuais, novos levantamentos, novos cálculos, novos esquemas, novas demandas de sigilo ou exposição

“Sair do armário” tem significado de se desprender dos conceitos de uma sociedade heteronormativa, desvalorizando e dando menos importância aos significados deste contexto, deixando de se preocupar e ter medo das convenções sociais, religiosas, e agir com maior naturalidade em relação à homossexualidade.

Desta maneira, “assumir a homossexualidade”, para Eros, consiste em, antes de tudo, assumir para si um processo de resolução dos conflitos internos também descritos como “aceitação”. A possível experiência da paternidade reformula esse cálculo de administração do segredo, pois ao assumir a homossexualidade a competência parental poderia ser questionada, assim como há o temor da vida social dos filhos ser prejudicada se o pai for identificado como homossexual.

Outros entrevistados confirmaram ao pesquisador que gostariam e muito que seus filhos soubessem de sua orientação sexual, sendo esta ação considerada importante e a revelação da orientação sexual para a criança deveria ser realizada desde cedo, ou então em idade futura, e que este fato deveria ocorrer de uma maneira natural, para isso seria necessário a importância do diálogo em casa, a maneira como esta dimensão da vida seria revelada e que isto evitaria dúvidas, questionamentos e conflitos na relação entre pai e filho

Sim. Pretendo dizer para ele que sou gay, desde pequeno já. Não quero que meu filho fique constrangido com piadas no colégio quero

que quando ele sofra piada, ele não se ofenda, quando alguém disser que os pais são gays, não quero que ele veja a homossexualidade como coisa do outro mundo. E não quero que crie paranóias e problemas na cabeça dele. Quero que ele saiba conviver com isso. Voltando ao início da conversa, eu acho que isso é de cada um (ITALO).

‘Isso é muito relativo, depende da idade da criança, acho que mas cedo ou mais tarde meu filho vai perceber que sou diferente de outros homens, que não namoro com mulheres, que tenho um companheiro, mas deixaria ele ficar com uma idade maior, mas se por acaso ele perguntasse mais cedo com certeza de uma maneira bem pedagógica eu revelaria para ele que sou gay (ZEUS).

Com certeza, pois na minha vida escolhi não esconder a minha homossexualidade, não seria justo esconder de meu filho. Devo repassar valores para meu filho, principalmente o respeito ao outro, pelas suas escolhas e vontades, se a sociedade o discriminar por ter um pai gay vou educá-lo para não sofrer por isso, ele agirá de forma normal com essas agressividades preconceituosas. Eu revelaria para meu filho que era gay quando percebesse o momento que ele tivesse alcançado a maturidade para entender minha orientação sexual (PERSEU).

Por meio dos discursos fica evidente que os entrevistados querem evitar a imagem negativa do homossexual para o filho, querem revelar a sua orientação sexual de uma forma positiva, o que não impede que possam fazer uma reflexão crítica sobre os estereótipos que circulam sobre a homossexualidade. É evidente nos discursos dos participantes da pesquisa que o respeito conquistado na criação do filho cria um movimento de moralização da homossexualidade a partir da paternidade. Não como homossexuais que eles se afirmam pais diferentes, mas é como pais que se afirmam homossexuais diferentes.

É importante salientar que para os entrevistados praticar o controle sobre quem pode “saber” e em que circunstâncias fazê-lo continua sendo uma habilidade indispensável de sobrevivência social, mas para a maioria, revelar a orientação sexual para o filho seria uma questão de fortalecer a relação entre pai e filho, fortalecimento do vínculo da amizade, da confiança, do respeito entre os dois, seria a maneira de se posicionarem no mundo como homens homossexuais que têm filhos.

Um dos entrevistados comentou que revelar a orientação sexual para o filho pode gerar reações de aceitação (aspectos positivos) ou de repulsa (aspectos

negativos) da homossexualidade, tudo irá depender do tipo de relacionamento que se estabelece com a criança. Portanto, se a relação com o filho for de amizade e proximidade, pautada no respeito e na sinceridade a revelação da homossexualidade não deve ser acompanhada de dificuldades, isto pode ser considerado como elemento facilitador para a comunicação da orientação sexual, mas caso a relação com o filho fosse contrária, o pai homossexual deveria se preparar para possíveis reações negativas do seu filho como, por exemplo, da não aceitação de sua homossexualidade

Mas claro iria trabalhar isso de uma forma que ninguém sofresse, por exemplo, diria para ele que isso nada mudaria a nossa relação, que ele continuaria sendo o grande amor da minha vida, e que nossa relação de pai e filho não se enfraqueceria por causa disso, mas posso esperar diversas reações, por exemplo, se ele ficasse assustado, com medo, decepcionado ou triste eu iria entender perfeitamente, pois muitos da minha família reagiram assim, quando saí do armário, então digo que posso esperar diversas reações da criança, mas acho que com o tempo isso seria modificado, o amor entre pai e filho é muito maior que tudo isso, com certeza! (ZEUS)

Para Sanders (1994), o homossexual ao revelar a sua orientação sexual pode esperar diversas reações da família e de pessoas próximas ao seu convívio social, mal entendido, autorrecriação, solidão, isolamento, não aceitação por parte de familiares e amigos podem acontecer nesta experiência, e tornam-se piores se não houver um esclarecimento com a família acerca de assuntos que permeiam a homossexualidade, principalmente, em relação às expectativas que se tem de uma pessoa que é homossexual. Por isso, é necessário que os sujeitos homossexuais que desejam a paternidade cultivem um bom diálogo e um bom relacionamento com o filho para alcançar uma aceitação mútua e um tipo de relacionamento, pautado no amor e na doação se faz necessário para o relacionamento entre o pai homossexual e seu filho.

5.2.2 Vivência do sexo e o afeto

Eros informou que teve apenas um namorado, que gostou muito, mas o mesmo acabou terminando o relacionamento com ele, deixando-o decepcionado, desde esse episódio não namorou mais, se relaciona de forma superficial com

outros homens

até que tento algo sério com alguns caras, mas acabo me decepcionando, parece que eles não me curtem muito não, me interesse por alguém, saio com a pessoa, depois ela simplesmente não liga mais, não dá satisfação, to triste com esta situação (EROS).

Ítalo informou ao pesquisador que atualmente está solteiro, é versátil, gosta de ser passivo e ativo e que suas preferências acabam fazendo ser o *passivo*: “tenho a ideia de que homem macho é o ativo, passivo ou versátil são meio afetados, sei que é uma ideia preconceituosa, mas procuro me relacionar com ativos, e por isso quando transo com eles, acabo por ser o passivo da relação”.

Segundo o entrevistado, já houve casos em que os ativos não eram tão ativos e que tinham vontade de experimentar a questão da passividade, e acabou sendo ativo com eles. Confirmou que apesar de se relacionar com mulheres na adolescência não teve relação sexual com nenhuma. Revelou que teve a sua primeira relação sexual com homem quando estava na faculdade, tinha uns 22 ou 23 anos. Conheceu o rapaz na internet e afirmou que foi inesquecível “a experiência foi boa (a primeira), apesar de ser passivo (riso!)” (ITALO).

Zeus informou que somente aos 22 anos teve sua primeira relação sexual com um homem mais velho, relata que ele tinha 40 anos,

a minha primeira experiência não foi boa, tava correndo em um campo em minha cidade, aí conheci um cara, nem me lembro do nome dele, percebi que ele tava interessado, eu estava muito nervoso, mas aceitei o convite para ir no apartamento dele, lá começamos a tirar a roupa e tudo mais, beijei um homem pela primeira vez, só que tive ejaculação precoce, e o pior, não tava preparado para uma experiência com homens (...) me sentir envergonhado por estar ali com um homem nu, talvez pelo aspecto religioso, sei lá, a homossexualidade neste período ainda não estava bem resolvida para mim, confesso que nesta experiência queria sumir do mapa, senti nojo do cara, me vestir rapidamente, pedi desculpa e rapidamente fui embora, nunca mais encontrei este fulano. Depois desse episódio conheci um cara casado, me senti bem a vontade, e também a questão da homossexualidade já estava bem aceita por mim, aí marcamos um encontro e aconteceu, foi bacana, legal mesmo (ZEUS).

O enfermeiro atualmente tem namorado, estão juntos há 11 meses, seu parceiro está numa fase diferente, pois a família dele não sabe de sua orientação sexual, disse que se tudo der certo gostaria de construir família com seu parceiro, o

mesmo trabalha em Paragominas, considera que seu relacionamento está estabilizado, e confirmou que deseja futuramente construir família, e gostaria de realizar isso com seu atual companheiro.

A primeira relação sexual de Perseu com homem foi aos 32 anos

Aos 32 anos comecei a me relacionar e namorar com um rapaz de minha mesma idade, e este romance começou a ficar muito sério, chegando ao ponto de não ser mais possível esconder esta minha relação, por isso acabei revelando a verdade sobre a minha orientação sexual para minha família, considero que meu relacionamento foi um momento para amadurecer a minha aceitação em relação à minha homossexualidade (PERSEU).

Perseu informou que tinha decidido ter um relacionamento com outro homem, pois antes não se sentia bem, tinha preconceitos consigo mesmo,

não era capaz de me relacionar com homens, pois me sentia enojado, afetava a minha masculinidade, quando comecei a namorar, logo no início, me pegava pensando e perguntava para mim mesmo: poxa, como posso tá namorando com um homem? (...) Nas minhas primeiras experiências sexuais não me sentia bem, mas depois que o sentimento do gostar surgiu estas ações foram se tornando menores e comecei a me aceitar, saliento que minhas sessões de psicoterapia também me ajudaram bastante a aceitar minha própria identidade e subjetividade (PERSEU).

Perseu confirmou que atualmente está solteiro, quer construir família, ter uma companhia para construir algo no futuro, algo em comum, acredita na estabilidade entre homens, mas para isso é necessário encontrar alguém com os seus mesmos objetivos de vida, “no mundo gay é muito difícil encontrar fidelidade entre os casais, mas há as exceções, casais que conseguem uma boa convivência e relação de companheirismo e cumplicidade”. Relatou que quer alguém do seu lado futuramente para ser seu companheiro, amigo, para dar e receber carinho, como qualquer casal,

acredito nesta possibilidade de construir família com alguém do mesmo sexo que o meu, e se esta relação ficar com bastante estabilidade pode-se cogitar a possibilidade de filhos para aumentar a família, pois é natural do ser humano a questão de sentir o desejo de vivenciar a parentalidade (PERSEU).

Dentre as significações dos entrevistados relacionadas com a vivência do afeto estão as relacionadas às concepções de família. Os mesmos relataram sobre

questões de família, a forma de constituição familiar que pretendem e a vivência da paternidade (de maneira individual ou com a presença de um companheiro), emergindo através dos discursos perspectivas de família. Para Dias (2010), gays e lésbicas buscam a realização do sonho de estruturarem uma família com a presença de filhos. Não veem essa verdade de usar o mecanismo da invisibilidade para negar direitos, postura discriminatória com nítido caráter punitivo, que só gera injustiças.

É importante salientar que gays e lésbicas ainda são encarados como seres sob suspeita, pois sua “natureza” (diriam os conservadores) ou suas práticas (como diriam os liberais) rompem normas e os colocam à margem da vida social. Ainda que tenham ocorrido avanços na percepção social sobre aqueles que se relacionam com parceiros/as do mesmo sexo, não há dúvidas que suas vidas amorosas ainda são vistas como reduzidas à sexualidade e sob necessidade de controle, por isso os homossexuais ao desejarem construir família ainda sofrem com a indiferença da sociedade (MISKOLCI, 2007).

Pretendo construir futuramente um lar com meu parceiro, com a pessoa que vou estar me relacionando. Mas não pretendo envolver meu parceiro neste meu projeto de vida que é a paternidade. Até porque não sei se o meu futuro parceiro estará com o desejo de vivenciar a paternidade. Então, se perguntas como pretendo vivenciar a paternidade digo que sozinho, pois sei que isto me fará feliz, realizado como homem, mas afirmo que isto é um projeto meu, além disso, considero que meu filho não vai morar comigo e sim com a mãe dele (ZEUS).

Quero formar uma família como todo mundo quer! Acho que todo mundo quer ter a sua um dia, ninguém quer ficar sozinho, principalmente quando nossos pais morrem, por isso quero formar uma com todo mundo: eu, filho e companheiro, prefiro assim, mas não sei como vai ser, espero ter alguém, não quero ficar sozinho no futuro, então se tiver um companheiro e este morar comigo e com meu filho vai ser ideal, claro que tenho que trabalhar muito para isso acontecer, aceitar a idéia e não ter medo da sociedade (EROS).

Nesse último discurso, fica evidente a preocupação do homem homossexual enfrentar a solidão no curso da vida do envelhecimento, a redução das oportunidades de vida desencadearia sentimentos pesados de depressão e solidão, semelhantes aos que presumivelmente afetariam as mulheres heterossexuais solteiras ou divorciadas. Uma transição bem sucedida por essa fase de crise dependeria fortemente da afeição e do apoio dos outros próximos, o que deixaria os

homossexuais em séria desvantagem, porque não dispõem de filhos e de um cônjuge, enfim, dos vínculos familiares dos quais se poderia esperar apoio (SIMÕES, 2007).

O heterossexual tem seus filhos, cujas carreiras lhe asseguram um senso de futuro, e tem sua esposa, cuja disponibilidade sexual atenua o impacto do declínio da atratividade sexual. Além disso, a crise do envelhecimento vem mais tarde para o heterossexual, numa idade em que sua potência sexual declinou e as expectativas em relação à significância de sua sexualidade são consideravelmente mais baixas (GAGNON; SIMON, 1973).

Solidão, isolamento, depressão e perturbações psicológicas crescentes comporiam, assim, o destino dos homens homossexuais, desde a meia-idade precoce até a velhice e seu amargo fim. Oscilando entre a imagem da “tia velha”, exageradamente afeminado, desprovido de atrativos e meio gagá, e a do “velho tarado”, capaz de atacar subitamente qualquer jovem incauto, os homens homossexuais idosos representariam uma das formas mais salientes de alteridade abjeta e excluída dentro da própria experiência moderna e “positiva” da homossexualidade masculina visível (SIMÕES, 2007). Por isso, pode-se significar que experimentar a paternidade e constituir família seria uma maneira da pessoa homossexual evitar a solidão e o negativismo do envelhecimento homossexual.

Um entrevistado refletiu a sua decepção com os relacionamentos homossexuais, remetendo a questão das instabilidades nos relacionamentos entre os homens, e seu descrédito na questão de formar união homoafetiva:

Vou ser pai solteiro, não é que pretendo vivenciar a paternidade sozinho, eu adoraria um companheiro, mas deixo essa parte para segundo plano, pode acreditar não existem muitos dispostos a isso no meio gay, mas se aparecesse alguém eu dividiria o mesmo teto com ele e meus filhos, com certeza! (ITALO).

O discurso do entrevistado não está de acordo com a realidade que muitos casais homossexuais vivenciam hoje em dia, as uniões homoafetivas são uma realidade no mundo e também em nosso país, antes estas formas de relacionamento estavam na invisibilidade, mas agora emergem como novas possibilidades de constituição familiar, e cada vez mais os homossexuais reivindicam direitos relacionados com a união homoafetiva. Para Roudinesco (2003),

no Brasil, assim como em outros países, nota-se a diminuição de famílias nucleares, concomitante ao aumento de novas uniões providas de separações e divórcios, de casamentos, ou uniões de fato tardios, casamentos entre pessoas de gerações distintas, uniões homossexuais. Estas últimas, embora ainda não sejam reconhecidas legalmente no Brasil, começam a ter visibilidade, tanto no país, como também no cenário mundial (a ponto de serem legalmente reconhecidas em países europeus como a Suécia e a Holanda, em alguns estados americanos e também no Canadá).

É notório através dos discursos dos entrevistados que, como qualquer outra pessoa, há o intuito de constituir família, seja através de união homoafetiva, ou então com a presença do filho somente, através de uma família monoparental, sendo que a expressão de compartilhar afeto e momentos com os componentes da família é muito evidente, fruto de projeto e realização pessoal que se pretende concretizar

Quero vivenciar a paternidade e muito, tenho esse propósito, é uma das minhas realizações, quero formar uma família, pode ser somente eu e meu filho, ou então eu, meu marido e meu filho, estou preparado para as duas situações (PERSEU).

É importante discutir que apesar do homossexual ter o forte intuito de construir família com um (a) companheiro (a), em nosso país o reconhecimento ainda não é efetivado. O art. 226 da Constituição Federal (2006) brasileira enuncia: “A família, base da sociedade, tem especial proteção do Estado”. E continua:

§ 3º - Para efeito da proteção do Estado, é reconhecida a união estável entre o homem e a mulher como entidade familiar, devendo a lei facilitar sua conversão em casamento.

§ 4º - Entende-se, também, como entidade familiar a comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes. (CONSTITUIÇÃO FEDERAL, 2006)

Diferente das leis anteriores, que consideravam o casamento como origem da família, a definição legal atual de família incorpora arranjos monoparentais e não centraliza na figura da mulher a organização familiar. Ainda que o § 3º seja restritivo no sentido de circunscrever a união estável a homens e mulheres, vários entendimentos judiciais já ampliaram essa compreensão, em função de outras

partes das leis brasileiras, apontando este entendimento restrito como preconceituoso (UZIEL, 2007).

Bourdieu (1993, p. 35) afirma que “a família [...] é um privilégio instituído sob forma universal”. Roudinesco (2003), em *A família em desordem*, diz que a família do futuro precisa ser reinventada. Essa afirmação nos faz refletir sobre a amplitude que concedemos ao termo. Pais gays e mães lésbicas não são novidades. Entretanto, a visibilidade sobre essa discussão parece fenômeno recente. Inclusive, desperta no Brasil temores de grupos religiosos que entendem o crescimento da população LGBT como ameaça ao futuro da humanidade.

Os discursos dos participantes da pesquisa evidenciam que os homossexuais querem construir vínculo familiar e que é necessário ampliar o leque de discussões em relação às famílias formadas por pessoas do mesmo sexo, desconstruindo o discurso religioso e moral, e avançando na luta e efetivação de conquistas por direitos, não tolerando mais formas de discriminação e exigindo o reconhecimento social de suas relações familiares, que são realidade em nossa sociedade, sempre existiram, mas no contexto atual tornam-se mais visíveis, mostrando que os homossexuais não estão restritos a uma única dimensão da vida que é a sexualidade, como muito se pensa a maioria das pessoas, mas que querem construir família, formar vínculos de parentesco e vivenciar sua afetividade plenamente em sua família que deseja construir.

5.2.3 Participação da mulher na subjetivação da sexualidade

Eros afirmou que namorou com mulheres, se relacionou com 6 mulheres, sendo que com a última teve um relacionamento de 4 anos, e destas que namorou teve relacionamento sexual com 3. Para Eros, a mulher não desperta desejo sexual nele, só consegue realizar relação sexual na base do carinho e do afeto, e se tiver gostando “não consigo ser igual a outros homens, de conhecer uma mulher e na primeira noite ter uma relação sexual, o que é diferente com homens heterossexuais, pois o desejo sexual é evidente”. Para ele, sexo com mulher é diferente, pois sente que não está fazendo nada de errado, diferente com os homens, pois ao ter relação sexual com homens sente muita culpa, pois ainda não resolveu este conflito em sua vida particular.

Verbalizou que sua família desconfia de sua homossexualidade, pois nunca teve um relacionamento sério com mulheres, mesmo com sua namorada de 4 anos:

eu era muito ausente, não era carinhoso, atencioso, as mulheres sempre reclamavam do meu comportamento, algumas me chamavam de “estranho”, de “sem coração”, que não tinha sentimento, não entendiam que meu comportamento estava relacionado com a minha homossexualidade (EROS).

Ítalo para esconder sua homossexualidade chegou a namorar com meninas, mas nada que o levasse a esquecer sua orientação sexual como afirmou na entrevista.

Zeus relatou que aos 14 anos conheceu um grupo de amigos da escola, 4 garotos que não o discriminaram:

foi a convivência com eles que me fez mais masculinizado, modificando a minha conduta de afeminado, aliás gostaria de dizer que não tinha consciência de agir assim, para mim me comportava naturalmente, mas com o passar do tempo e da convivência com outros meninos percebi que se não me comportasse semelhante a eles seria desrespeitado profundamente como ser humano (...) Nesta época começou a ficar com meninas, nada sério, sem compromisso (...) queria que meus novos amigos me admirassem e gostava da idéia de cada vez mais parecer que era heterossexual, pois ao demonstrar comportamento feminino sofri bastante preconceito (ZEUS).

Além disso, Zeus informou que se esforçava nos seus relacionamentos com mulheres, mas sempre se desinteressava, e terminava:

fiz muitas meninas sofrerem! (...) num dia dizia que estava gostando, no outro dia inesperadamente terminava... Sofria muito por isso, me magoava e acabava magoando outra pessoa, refletia que brincava com o sentimento das meninas que me relacionava, elas não entendiam meu comportamento que se tornava frio, ficava distante, tinha vezes que não gostava nem de falar com a menina, nem beijar, nem abraçar, para falar a verdade tinha situações que queria mandar a menina para bem longe de mim, tratava mal, com desprezo, pior que as meninas se amarravam em mim, ficava completamente perdido nesta situação, só que para manter uma imagem social sempre me envolvia com meninas, porque não queria ser desprestigiado por meus amigos heterossexuais (ZEUS).

O informante relatou que teve também relação sexual com mulheres, mas confirma que o seu desejo sexual é por homens:

sempre foi, se colocarem um homem e mulher nus na minha frente vou ter excitação pelo copo do homem, me envolvi com mulheres, mas não tinha excitação, só ficava excitado se tivesse algum carinho por ela, e também se sentisse algo, para mim funciona assim: pode a mulher mais bonita do mundo ficar a fim de mim, mas mesmo assim não me interessa (ZEUS).

Perseu afirmou que namorou meninas, mas nenhum relacionamento com estabilidade. Durante o seu desenvolvimento na adolescência relata que se envolveu com mulheres, mas fazia isto para evitar que a família desconfiasse de sua homossexualidade, pois tinha certeza que os seus familiares ao descobrirem a sua orientação sexual iriam tratá-lo de forma diferente “O processo foi conflitante de revelar a minha homossexualidade para meus parentes, nunca vou esquecer!” (PERSEU).

A partir dessa leitura da participação da mulher no processo de subjetivação da sexualidade dos entrevistados da pesquisa, com exceção de Ítalo, ao serem questionados em relação aos métodos que utilizariam para alcançar a paternidade, a maioria destacou o envolvimento com o sexo oposto como primeira opção para concretizarem a paternidade e apenas Ítalo verbalizou sobre o processo de adoção.

De maneira natural mesmo, com uma mulher, já tive relação com mulheres e não tive nenhum problema, acho o sexo com mulheres bem melhor do que com homens, me refiro à questão de anatomia. Minha opção seria por vias com o sexo oposto, tenho certeza que vou conseguir (riso) (EROS).

Pretendo adotar 3 crianças (...) Não penso em filhos biológicos. Já pensei no passado, hoje em dia não, prefiro adotar até mesmo porque seria uma espécie de dar e repassar tudo o que fizeram por mim, uma espécie de agradecer por eu ter sido adotado e ter a vida que tenho, eu gostaria de proporcionar o mesmo a outras pessoas, nunca tive problemas por ser adotado, pelo contrário, dou graças a Deus por isso (ITALO).

Primeiro queria dizer que é do meu desejo ter um filho biológico, sei lá, sonho que alguém tenha a minha genética, quem não sonha? Quem não sonha ter um filho parecido consigo? Aliás, é a primeira pergunta ou observação quando alguém tem um filho: com quem se parece: com o pai ou com a mãe? Eu tenho esse desejo, ter um filho meu mesmo, não pretendo adotar, não está nos meus planos, e também não pretendo assumir filhos provenientes de relacionamentos anteriores (caso o meu parceiro futuro tenha). Informo que antes de assumir minha orientação sexual namorava com mulheres, tive relação sexual 4 mulheres, minha última namorada convivi com ela 6 meses, terminamos, hoje ela sabe que

sou gay, não ficou nenhuma mágoa, ela ainda não casou e uma vez ela me disse que se não casar até os 32 anos e ainda não tiver filho ela gostaria de engravidar de mim, perguntei se era sério ela respondeu que sim, então pretendo ter um filho com mulher sim, sendo que a criança iria morar com a mãe, mas teria responsabilidade pela criança, eu iria acompanhar as diversas fases de sua vida (ZEUS).

Considero que já tenho maturidade psicológica para ser pai, está faltando a estabilidade econômica que creio que logo irei alcançar, e depois disso vou procurar uma mulher, pois quero um filho biológico, que será por método artificial, ou então por sexo mesmo, para mim isto seria possível, os dois casos (PERSEU).

É importante destacar que a possibilidade do homossexual exercer a paternidade atinge um dos campos de estudo mais tradicionais da disciplina, o da família e do parentesco. Lévi-Strauss (1976) também apontou que a família não é uma entidade em si nem, tampouco, uma entidade fixa, ela é, antes, o lugar onde se desenvolvem as normas de filiação e de parentesco, construindo sistemas elementares cuja finalidade é ligar os indivíduos entre eles e à sociedade. São os vínculos entre os indivíduos que criam a família e são as variações possíveis desses vínculos intrafamiliares que caracterizam as formas possíveis de família.

Nesta pesquisa, que tomou como ponto de partida a questão da paternidade, a forma de acesso ao projeto parental preferida pela totalidade dos entrevistados é o envolvimento com o sexo oposto. Esta possibilidade apontada pelos entrevistados de vivenciar a paternidade bate de frente com os estudos de Tarnovski (2004), sobre a paternidade homossexual, os quais indicam a valorização da parentalidade biológica é mais importante para as mulheres homossexuais.

Para Borlot e Trindade (2004), o projeto de construir família com filhos não é exclusivo das mulheres. Muitos homens também possuem tal objetivo, inclusive o homem homossexual, e o fato dos entrevistados desejarem filhos biológicos pode estar relacionado com o sentido do significado de masculinidade, e fortemente com elementos de representação social: a valorização da cultura do sangue; a descendência, dando continuidade à família e as semelhanças físicas entre pais e filhos, a importância da vinculação genética constatada nas ponderações dos participantes vai de acordo com Corrêa (2001), cujos estudos concluiu que o filho é percebido como um reflexo dos pais não somente no sentido social do termo, mas também como um reflexo biológico.

Alguns participantes não descartaram, também, a possibilidade da utilização de métodos artificiais como barriga de aluguel, se fosse permitido no país, ou então inseminação artificial realizado com alguma amiga homossexual. Para Pereira de Andrade, Costa e Ferreira (2006), as novas tecnologias de fertilização, como a inseminação artificial, fecundação *in vitro* e barriga de aluguel, têm aumentado as possibilidades do filho consangüíneo

Mas se por acaso no futuro tivesse uma boa condição econômica, e não tivesse realizado a paternidade com nenhuma mulher eu utilizaria métodos artificiais para alcançar a paternidade, mesmo sendo bastante religioso, mas isso não me influenciaria na minha decisão, não haveria problema, já que não tinha alcançado, agiria normal, pois gostaria e muito de ser pai, mas isso seria a última opção (EROS).

vou procurar uma mulher, pois quero um filho biológico, que será por método artificial, ou então por sexo mesmo, para mim isto seria possível, os dois casos (PERSEU).

Zeus não demonstrou interesse pelos métodos artificiais para alcançar a paternidade, preferindo concretizar este projeto com alguém que tenha intimidade, que já havia tido relacionamento anteriormente, no caso verbalizou sobre seu último relacionamento

gostaria que a mãe do meu filho fosse alguém que eu conhecesse, e não uma pessoa desconhecida como é o caso de uma pessoa que utiliza os meios da barriga de aluguel, considero que um filho deve ser proveniente de uma relação entre duas pessoas que se conhecem, por exemplo, a minha ex-namorada que hoje é minha amiga considero uma pessoa muito especial na minha vida e com certeza futuramente eu gostaria de ser pai do filho dela. Caso não conseguisse que nenhuma mulher fosse a mãe do meu filho, preferiria não utilizar outros meios para se alcançar a paternidade (ZEUS).

A partir das argumentações desse entrevistado, pode-se interpretar que sua concepção de ter filhos pode estar ainda ligada à concepção de família patriarcal (pai, mãe e filho), por isso a valorização da mulher para alcançar a paternidade. Há várias concepções de família na atualidade, mas o modelo de família patriarcal ainda é o predominante, e dita normas, ou seja, para muitos é o que deve ser seguido, e isto é aprendido na sociedade, o que pode estar relacionado com Zeus. Costa

(1992) afirma que o homossexual aparece como um intruso nesse vocabulário amoroso que é a família, o que pode estar relacionado com o caráter histórico.

Dos entrevistados, Ítalo foi o único que demonstrou interesse no projeto de adoção para vivenciar a paternidade expressando suas expectativas, informando o interesse em adotar uma criança, assim como considera que houve melhorias no processo de adoção no país. Relatou também que não sente a necessidade de revelar a sua orientação sexual quando entrar com pedido de adoção, e que possui preferência por adotar crianças de menor idade para participar de seu processo de educação desde cedo:

A adoção hoje no Brasil está deixando de ser complicada. E sem contar que tem muita gente precisando de família, de pais. Por esse motivo prefiro ser pai por adoção (...) Considero que no Brasil, de acordo com a atual lei, pessoas solteiras podem adotar, não preciso revelar minha orientação sexual. Pretendo adotar a criança quando ela estiver bem bebe confesso que minha preferência é bebe porque assim posso educá-lo desde pequeno, às vezes alguns pais tem problemas com a adoção de crianças grandes porque essas já tem uma parte da personalidade formada e isso pode causar conflitos (ITALO).

Não é foco deste trabalho discorrer sobre adoção, entretanto são necessárias algumas considerações sobre a adoção de crianças no Brasil. Atualmente, o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) preconiza que qualquer pessoa maior de 21 anos independente do sexo ou do estado civil pode adotar uma criança. Para que o processo de adoção seja iniciado, primeiramente o cadastramento do interessado à adoção deve ser feito junto à Vara da Infância e Juventude do seu domicílio, mas nada impede que o interessado faça o cadastramento em outras comarcas.

A questão mais complicada que se coloca, e que mais divide as opiniões, é quando se questiona sobre a possibilidade de homossexuais e seus parceiros virem a adotar uma criança. O Projeto de Lei da união civil nada previa, sendo que a vedação da adoção, tutela ou guarda foi introduzida pelo redator, o Deputado Roberto Jefferson. É bom deixar claro que não há qualquer impedimento legal, pois, segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), a capacidade para a adoção nada tem a ver com a orientação sexual do adotante.

Além desta contradição, Figueirêdo (2003), em seu livro *Adoção para Homossexuais*, discute que a Constituição Federal afirma absoluta igualdade de direitos, mas impede o casamento entre pessoas do mesmo sexo e nega tal reconhecimento como uma unidade familiar. No que se refere à adoção de crianças por homossexuais, esse autor relata que é inconstitucional negar a adoção baseando-se na orientação sexual do adotando:

Embora pareça óbvio, é preciso que se registre que não existe nenhuma lei no país que vede ou restrinja que alguém possa adotar por ser homossexual, até porque seria inconstitucional, sem se falar que materializaria erro de percepção da realidade, na medida em que homens ou mulheres homossexuais também podem gerar filhos biológicos (FIGUEIRÊDO, 2003, p. 71).

Atualmente, existem crianças que são criadas com pais diferentes provenientes de novos casamentos. E ainda crianças que convivem com pais homossexuais. Parece-nos, assim, omissa a forma como o direito e outras áreas do conhecimento agem nestes casos e contribuem para aumentar os preconceitos contra essas famílias. Existem pais e mães homossexuais com filhos biológicos ou adotivos. Não se trata de seres de outros planetas ou de um problema distante e, sim, algo natural em cada cidade, em cada esquina, em cada família. É crueldade contra a espécie humana tentar retirar o tema da agenda de discussão e deixar de se buscar soluções que atendam a todas as partes envolvidas.

Devido ao preconceito, um homossexual que pretende adotar filhos prefere não revelar sua orientação sexual, como é o caso de Ítalo, sob a penalidade de não ser aceito o pedido, isto é algo sério, pois o país assiste a uma maior visibilidade e desconstrução do preconceito em relação à homossexualidade, mas ainda esbarra em personagens da lei que continuam com o discurso religioso e do “natural”, inferiorizando homossexuais e atribuindo-lhes a características de perigosos para a criança sob sua responsabilidade.

5.2.4 Paternidade

Durante as entrevistas, todos os participantes confirmaram de modo positivo a intenção de exercer e vivenciar a paternidade e isto foi observado através do ato ilocucionário (linguagem corporal e simbólica) com manifestações gestuais, como

por exemplo, expressões faciais de demonstração de alegria ao verbalizar sobre a questão da paternidade, apresentaram-se motivados, disponíveis com naturalidade para relatar suas questões referentes à paternidade. Ao ser iniciada a entrevista, a primeira indagação direcionada aos homens homossexuais estava relacionada aos significados que os mesmos atribuem à paternidade. Todos os entrevistados fizeram uma pausa para responder, interpretado como uma maneira de elaborar a construção de uma resposta que comportasse o verdadeiro significado da paternidade.

Na verdade paternidade para mim é ter responsabilidade com o ser que vai nascer, responsabilidade na educação, como esse indivíduo vai se formar, que na verdade esse ser vai ser tua família no futuro, responsabilidade financeira, amorosa, responsável no que essa criança vai se tornar no futuro (EROS).

Para mim, paternidade significa você dar a alguém a oportunidade de ter uma vida digna, de educar, repassar todos os valores e princípios que você recebeu, é como se você tivesse repassando um pouco de você para alguém, um pouco de amor, de carinho, de dedicação, e você faz parte da vida deste alguém, sem interesse financeiro, somente afetivo. O pai é importante na formação do caráter da pessoa que é responsável, repassando valores positivos. Ao educar seu filho o pai passa a ele tudo aquilo que recebeu quanto de valores e princípios. A presença do pai (assim como da mãe também) é importante na formação do caráter da criança, pois ele vai passar para essa criança tudo aquilo que recebeu em sua educação (ITALO).

Quando penso na palavra pai vem logo no pensamento o significado de proteção, alguém que tem responsabilidade por outra pessoa, que vai cuidar, dar carinho, ensinar valores éticos, educar para a pessoa ter um caminho, ensinar valores éticos, educar para a pessoa ter um comportamento aceitável na sociedade (ZEUS).

A princípio considero paternidade sinônimo de direção, quando você se propõe a ter um filho você será um cuidador, não deve ser ausente, deve ganhar respeito desse seu filho, saber conduzir a vida deste ser que você se torna responsável, também se fazer presente (PERSEU).

Nos discursos de todos os entrevistados a paternidade está relacionada com a questão de o homem ser provedor, responsável pelo sustento econômico da criança sob sua responsabilidade. Entretanto, ao se estenderem em suas argumentações relacionadas aos significados da paternidade, os homossexuais descreveram que a responsabilidade econômica por uma criança não é o suficiente,

hoje em dia para eles a paternidade envolve questões que se configuram em paralelo com os novos conceitos de masculinidade, o novo homem, o novo pai, que participa das fases de desenvolvimento da criança, aquele que demonstra carinho afetividade para o filho, pai mais presente e que se preocupa com a futura formação cidadã da criança, que contribui e influencia na construção da subjetividade da criança.

É comum ouvirmos, hoje em dia, o termo “nova paternidade”, o pai sempre era considerado como o provedor-protetor, líder da família, enquanto a mãe cuidava efetivamente dos filhos, assumindo o papel de líder expressivo-afetiva, hoje a situação é diferente, em diversas áreas da atividade humana os pais são reconhecidos não só como afetivamente importantes para os filhos como também aptos para providenciar os cuidados necessários para seu bem estar, inclusive àqueles restritos às mães (TRINDADE, 1991). A nova paternidade inclui não apenas o suporte econômico da família, na disciplina e no controle, mas principalmente uma participação maior na alimentação, e em todos os aspectos do cuidado do bebê, inclusive no acompanhamento ao longo do desenvolvimento do bebê (LAMB, 1986).

As ponderações deixam claro que ao exercerem a paternidade, os entrevistados gostariam de participar no processo educacional, de ensino e aprendizagem e do desenvolvimento em geral da criança sob sua responsabilidade. Todos consideram essencial para um desenvolvimento saudável da criança a sua participação efetiva em todos os contextos, no que diz respeito aos aspectos psíquicos e sociais, salientando que o pai necessita dar à criança atenção, ser participativo e se doar, atitudes essas importantes para a criança se sentir protegida, segura, confortável no seu processo de crescimento e de relacionamento entre pai e filho:

queria que meu filho tivesse minha filosofia de vida, viver bem, se relacionar bem com os outros, consigo mesmo. Meu filho não vai precisar saber da minha inclinação por gostar de homens, confirmo o desejo de ser pai, pretendo ser um pai presente, auxiliar na educação (EROS).

para mim, paternidade significa você dar a alguém a oportunidade de ter uma vida digna, de educar, repassar todos os valores e princípios que você recebeu, é como se você tivesse repassando um pouco de

você para alguém, um pouco de amor, de carinho, de dedicação, e você faz parte da vida deste alguém sem interesse financeiro, somente afetivo. O pai é importante na formação do caráter da pessoa que é responsável, repassando valores positivos. Ao educar seu filho o pai passa a ele tudo aquilo que recebeu quanto de valores e princípios. A presença do pai (assim como da mãe também) é importante na formação do caráter da criança, pois ele vai passar para essa criança tudo aquilo que recebeu em sua educação (ITALO).

Eu quero ter um filho, ser o pai dele e estar presente nas diversas fases de sua vida, para mim independente do sexo, a criança se espelha em seu pai, na sua conduta, no seu modo de agir, desta forma penso eu que a figura do pai é essencial para o desenvolvimento da criança. Agente não nasce sabendo ser pai, assim como não se nasce sabendo ser mãe, acredito que só irei ter essa sensação real do que é ser pai quando carregar meu filho no colo, olhar para ele e perceber que aquele pequeno que acaba de nascer é alguém que irei amar pelo resto da minha vida, que vou ser responsável economicamente por ele, que vou ajudá-lo a aprender diversas atividades: caminhar, tomar banho, falar, comer, entre outros, querer ser um grande amigo para meu filho (ZEUS).

apesar de meu pai ter outra família ele poderia ter sido presente na minha vida, a criança quando está em desenvolvimento precisa dos pais, precisa de alguém para se espelhar, hoje tudo que tenho de princípios e valores busquei por minha própria conta, nada foi de meu pai, ainda bem que cresci e tenho bons valores como pessoa humana, esses vão ser repassados para meu filho (PERSEU).

Os entrevistados discutem claramente a importância da participação masculina na criação dos filhos, relacionado com as ponderações de Lyra (2004) que dialoga que é necessário estimular o debate sobre a inserção do homem no cuidado infantil, o que em nossa sociedade é pouco valorizada, e atribuída normalmente às mulheres, pouco se pergunta aos homens sobre o desejo de ser pai e pouco se informa sobre os direitos e compromissos relativos ao exercício da paternidade.

Em nossa cultura “a arte de cuidar” aparece quase como uma condição natural de ser mulher: ser mulher é ser, naturalmente, uma boa cuidadora. Por outro lado, pesquisas têm destacado que o exercício da paternidade pode gerar satisfação para as crianças e para os próprios homens, por isso a ampliação e a aceitação do cuidado desempenhado pelos pais podem expandir seu lugar junto aos filhos, que faz com que os homens tenham mais facilidade em prover as necessidades das crianças, e desenvolvam outros tipos de cuidado (LYRA, 2004).

Através dos discursos relacionados com os significados da paternidade os participantes da pesquisa relacionam a paternidade com a “nova paternidade”, não acordando com o conceito de masculinidade hegemônica, da relação distante com os filhos, os homens homossexuais querem e sentem o desejo de terem filhos, de exercer a paternidade, mas refletem coerentemente que para isto ocorrer é necessário doação, disponibilidade, responsabilidade, participação e principalmente envolvimento afetivo com a criança, e analisando os seus discursos, verifica-se que os homossexuais não se sentem como pais diferentes. É preciso destacar que a experiência da paternidade, como qualquer experiência humana, é modelada por contextos sócio-históricos e simbólicos específicos, sendo, por essa razão, heterogênea e variável. Além disso, fica evidente em seus relatos o grande esforço que fariam para serem pais, e que também, criariam condições ótimas para o desenvolvimento de seus filhos.

Destaca-se que um dos entrevistados afirmou que para ser pai não necessita casar com uma mulher, não deve ser regra para ser seguida, e que mesmo sendo homossexual pode tranquilamente exercer e vivenciar a paternidade, pois segundo o mesmo há vários meios para se alcançar a paternidade

Eu não preciso estar casado com uma mulher para vivenciar a paternidade, posso acompanhar e ajudar meu filho nas diversas fases de sua vida (ZEUS).

Para Miskolci (2007), na sociedade atual há uma mudança progressiva de valores e das formas de relacionamento em geral, mas facilmente associada à entrada na esfera pública de grupos antes invisíveis. Dessa forma, há transformações na estrutura familiar, no casamento e o advento de novas técnicas reprodutivas e de diferentes formas de parentalidade, inclusive para os heterossexuais, coloca-se o modelo ideal de família burguesa não mais como o único a ser seguido, mas uns dos possíveis entre os vários modelos de família existente na atualidade, inclusive a família formada por homossexuais.

Outro fator importante em relação aos significados da paternidade diz respeito à questão da maturidade psicológica para ser pai, a mesma não deve ser sinônimo de despreparo, falta de planejamento, o indivíduo deve se autoavaliar para

ter a certeza de vivenciar este papel social, e se está preparado para exercer as funções paternas

Considero que para alcançar a paternidade é necessário maturidade psicológica e estabilidade financeira, a criança precisa de alguém para direcioná-la com mais clareza em sua vida e o pai é muito importante, pois deve observar se seu filho está praticando atos corretos e errados e se forem errados corrigi-los (PERSEU).

A partir de uma extensa revisão de literatura, Levandowski (2001a), Levandowski (2001 b) e Levandowski e Piccinini (2002) revelaram que a paternidade é considerada na sociedade ocidental como um evento da vida adulto. Sua ocorrência na adolescência (entre 14 e 19 anos) acarretaria problemas adicionais aos envolvidos, na medida em que não haveria uma organização social- incluindo a escola e condições de trabalho- para preparar e apoiar os jovens nas modificações necessárias decorrentes da chegada de um bebê (MONTMAYOR, 1986; RUSSEL, 1980). Por isso, experimentar a paternidade sem condições favoráveis ou confortáveis pode ser um fator estressante, para isso não ocorrer é necessário um bom desenvolvimento emocional, social, econômico e independência dos pais, para a paternidade ser um momento saudável para o futuro pai.

Ainda em relação aos significados da paternidade, Eros afirmou que ao exercê-la poderia encontrar dificuldades no que diz respeito a ser um adulto responsável pela educação e desenvolvimento de uma criança. De acordo com o sujeito da pesquisa, educar um filho para ser futuramente um homem com maior assertividade, maior maturidade, conduta independente e responsabilidade social não é simples, direcionar alguém para futuramente ter princípios éticos, que pratique a honestidade, que preza pelos bons valores em questão de humanidade e alteridade e pelo respeito ao próximo não é uma atividade fácil. Destacou que se esforçaria para contribuir com a melhor educação para o seu filho, mas mesmo assim, a educação ministrada poderia não ser aprendida pela criança, e assim não ser no futuro um adulto com o desenvolvimento esperado no que diz respeito ao que foi descrito

Cara, hoje tá muito difícil criar os filhos, acho que desde criança percebemos que a criança pode se envolver em diversos conflitos; pode fazer atitudes erradas, minha preocupação é essa: não saber criar meu filho para ser um cidadão do bem, quero educar meu filho da maneira como minha mãe me criou, educado, companheiro, que

ama a família, gosta de fazer amizades, respeita os outros, é paciente e honesto (EROS).

Para Bolsoni-Silva e Prette (2002), a forma como pais educam seus filhos parece influenciar no desenvolvimento adequado ou “inadequado” de seus filhos, os pais socialmente habilidosos são capazes de priorizar e manter práticas educativas positivas, procurando oferecer carinho e atenção essenciais ao desenvolvimento dos filhos, sem, contudo estabelecer os limites necessários. Por outro lado, pais que possuem dificuldades interpessoais oferecem modelos inadequados e podem inadvertidamente contribuir para o aparecimento de “problemas de desenvolvimento” nos filhos, através do discurso do entrevistado percebe-se sua preocupação em não ser um pai socialmente habilidoso para promover um desenvolvimento adequado de seu filho.

Dentre as dificuldades elucidadas pelos participantes da pesquisa para vivenciar a paternidade, está a de conviver com o preconceito da sociedade, este sentimento foi o mais eminente nos discursos, provocando expressão de desânimo, de tristeza, de desesperança para vivenciar a paternidade. Os integrantes da pesquisa relataram sobre como a sociedade discrimina o homossexual desde cedo, não importa a idade, todos passam por qualquer forma de preconceito: em casa, na escola e no trabalho, é muito difícil para os homossexuais assumirem a sua orientação sexual e quando fazem é somente para pessoas mais próximas, é uma maneira de se protegerem, de estarem seguros, preferindo muitos ficarem na invisibilidade, no escondido, não revelar sua orientação sexual, assim como seus relacionamentos evitaria o preconceito.

Segundo os entrevistados, muitos homossexuais são motivos de piadas, de ironias, não há nenhum problema em ser homem heterossexual e desejar a paternidade, em contrapartida ser homem e homossexual e desejar ser pai soa estranho para a sociedade. Ficou, também, evidente nos discursos que a homossexualidade está na sociedade diretamente relacionada com o feminino, para a sociedade a homossexualidade não está relacionada à masculinidade, o que gera preconceito e discriminação

A sociedade considera normal um relacionamento entre homem e mulher, ser pai sozinho e não ter uma mulher por perto gera

desconfiança de outras pessoas, no caso tenho receio que meu filho sofra com a sociedade por saber que sou gay e pai dele (EROS).

Como dificuldades eu vejo mais a pressão externa, da sociedade (ITALO).

Ser gay não é algo ao natural. Querer ser pai e ser gay soa estranho para a sociedade. Considero que as dificuldades enfrentadas no que diz respeito à vivência da paternidade está relacionado com o próprio preconceito da sociedade. Poderia receber comentários negativos tipo “como um gay pode querer ser pai? (..) a criança precisa da presença do pai e da mãe! (..) um pai gay não seria um bom exemplo para o seu filho”; o pai que é gay pode contribuir para influenciar na orientação sexual de seu filho (...) o gay pode se aproveitar sexualmente da criança (ZEUS).

A sociedade em geral precisa refletir as novas concepções de família, de parentalidade e de masculinidade, pois é uma realidade que modelos antes considerados normativos e que deveriam ser seguidos, agora estão sendo desconstruídos, na medida em que relacionamentos homossexuais que estavam na clandestinidade e ou na invisibilidade emergem na sociedade atual, e com mais conquistas alcançadas pelos homossexuais no plano político em escala global, regional e local fica evidente que representações sociais arcaicas devem ser repensadas, acompanhando-se, assim, as transformações sociais no campo da sexualidade.

No contexto das entrevistas, um comentário de um participante fez constatar que um pai homossexual ao vivenciar a paternidade pode ter semelhantes dificuldades de um pai heterossexual no cuidado com os filhos, afirmando que isto é normal na relação pai-filho, e que as dificuldades podem estar presente nas diversas fases do desenvolvimento da criança, que pode ser superado e aprendido no dia-a-dia de convivência no relacionamento:

Posso ter as dificuldades naturais de vivenciar a paternidade, pois ninguém nasce sabendo ser pai, mas o convívio com a criança e o amor que depositamos para ela vai fazendo agente aprender a lidar com as situações do dia-a-dia, acho que se você perguntar para um pai se ele tem dificuldades em ser pai ele vai responder que sim, pode ser desde dificuldades econômicas até mesmo de relacionamento com o filho, ter dificuldades na relação pai-filho é muito normal, aliás, em qualquer relacionamento (ZEUS).

Para Biasoli-Alves (2005), a educação das gerações mais novas tem sido um tema frequentemente debatido tanto por pais, quanto por professores e educadores em geral, quer porque estejam enfrentando dificuldades na tarefa de formal ou informalmente transmitir a elas os padrões, valores e normas de conduta que possam garantir uma vida em grupo que lhes dê inserção, participação social, ao mesmo tempo em que o pleno desenvolvimento de suas potencialidades, quer pelo alto índice de atribuição de responsabilidade à família e à escola, face aos muitos desacertos verificados durante e após as fases próximas à vida adulta. Neste caso, o pai homossexual pode enfrentar dificuldades semelhantes ao pai heterossexual na educação dos filhos, não só na questão de repasse de valores, mas também em questões econômicas e relacionais.

Constatou-se a preocupação com o estranhamento e futuro questionamento da criança ao perceber que sua família seria diferente da família de seus amigos da escola ou próximo de sua residência:

Se por acaso, lá no futuro eu for pai tenho certeza que com o passar do desenvolvimento do meu filho ele perceberia que eu não tinha mulher, não tinha uma esposa, diferente de outros amiguinhos seus, da escola, da rua onde morávamos, ele iria me questionar, então estaria na frente de um problema, pois não saberia lidar com isso, encontro aí uma dificuldade na questão de vivenciar a paternidade (EROS).

Tenho também receio de como meu filho poderá reagir quando perceber que seus pais não convivem no mesmo ambiente como na maioria das famílias (...) tenho receio que a criança sofra por não ter os pais juntos, convivendo no mesmo ambiente, mas também considero que se os dois (mãe e pai) darem carinho, atenção, e ter uma boa relação de amizade com seu filho isso poderá ser superado (ZEUS).

Acredito no questionamento dos filhos. Não ligo para a sociedade, o que ela vai pensar dos meus atos, das minhas ações. Considero que meu filho irá perceber que sou diferente, ele iria perguntar por que não tem uma mãe e um pai (PERSEU).

A criança durante seu desenvolvimento pode perceber as diferenças entre sua família e as famílias constituídas de casais heterossexuais, portanto seria comum um (a) filho (a) de um homossexual questionar o modelo de família no qual está inserido, devendo o pai homossexual se preparar para esta situação que

ocorrerá em determinado momento do desenvolvimento da criança sob sua responsabilidade.

Alguns entrevistados demonstraram preocupação em relação à possibilidade do futuro filho ser homossexual, preferindo que a orientação sexual no decorrer do desenvolvimento da criança fosse a heterossexual e que incentivariam desde cedo a heterossexualidade na educação da criança. Os futuros pais entrevistados, que elucidaram esta afirmativa em seus discursos, foram unânimes em manifestar o desejo de que os filhos sejam heterossexuais.

Tenho o maior medo de ser pai de uma criança do sexo masculino e ela ser homossexual, sei que isto pode acontecer com uma criança do sexo feminino, mas considero que as mulheres sofrem menos do que os homens (EROS)

Mas eu o educaria como heterossexual, ia incentivar a heterossexualidade dele, eu não esconderia que era gay, mas se meu filho chegasse da balada eu não ia chegar com ele e perguntar "e aí, pegou algum cara" vou perguntar "e aí, pegou alguma gatinha" na escola, eu falaria e aí, tem alguma menina lá que você esteja interessado? Essas coisas (ITALO).

A possibilidade de um filho ou filha tornar-se também homossexual somente seria aceitável pelo seu caráter de inevitabilidade. Nesse sentido, há uma grande preocupação na maneira como educar e "formar" os filhos e filhas, a fim de afastar qualquer possibilidade de responsabilização por uma possível preferência homoerótica que venham a expressar. No caso dos meninos, é recorrente que sejam desde pequenos incentivados a praticar atividades tipicamente masculinas, indicando que estas atividades desempenham um importante papel na constituição do gênero. O olhar dos entrevistados na educação dos filhos é estar atento, observar e avaliar desde cedo os signos que denotam significados de gênero, não raro com a intenção de prever o futuro das crianças. É certo que tal comportamento não é exclusivo desses pais, preocupações desta ordem estão na pauta do dia de qualquer família.

O receio de que seus futuros filhos sejam homossexuais pode estar associado às seguintes questões: à particular possibilidade de serem acusados por qualquer atitude desviante que diga respeito à identidade sexual ou de gênero dos filhos e o receio que seus filhos, sendo homossexuais, possam enfrentar as mesmas

situações de preconceito e constrangimentos que eles passaram durante o percurso de suas vidas ao perceberem a homossexualidade e conviverem em sociedade.

Outro ponto a se considerar em relação aos discursos dos sujeitos pesquisados diz respeito ao processo de masculinização de si mesmos através da paternidade, a maneira como pretendem educar os filhos tem o sentido de reproduzir um ideal de masculinidade. Pode-se, também, inferir que estes discursos nesse nível estabelecem a relação de identidade que caracteriza a descendência, reprodução simbólica da identidade de gênero em detrimento da identidade sexual. Esta última, os entrevistados não querem transmitir aos filhos.

Muitas vezes, tal como sinaliza Sarti (2004), essa dificuldade em lidar com a homossexualidade do filho pode estar relacionada com o fato dos próprios pais ou outros membros da família não se sentirem à vontade ou capazes de lidar com seus próprios medos ou “demônios” ligados a temas mais íntimos como sexualidade, por exemplo. Somado a isso, esses medos se relacionam com os projetos individuais com os quais esses familiares tendem a projetar destinos sociais para os seus filhos. Nesse caso, sobretudo, deparam-se com a ruptura imediata dos “sonhos” que nutriam em relação ao filho. A descoberta da homossexualidade do filho por si só fizesse esvaecer por completo todo um roteiro de vida esperado para esses jovens ao nascer. Planos como netos, casamento, continuação da “casa” são abruptamente corrompidos e ameaçados.

Alguns entrevistados relataram que compreenderiam se o filho fosse homossexual, que a relação entre pai e filho não seria modificada, que acolheriam seu filho sem contrariar a questão de sua orientação sexual:

Se meu filho fosse gay eu iria aceitá-lo do mesmo jeito, mesmo ficando triste por isso, iria educá-lo para não ser afeminado, pois estes sofrem muitos constrangimentos na sociedade, não quero isso para meu filho, mas se ele fosse assim iria amá-lo do mesmo jeito, seja como ele for (RS!) (EROS).

Mas se ele chegasse um dia e dissesse que gosta de homens, eu levaria a coisa normalmente. Até porque se ele for gay, não serei eu que vou mudar ou implantar tal condição nele (ITALO).

Para Heidgger (2001b), “o homem é um ente especial que se caracteriza por compreender o modo de ser de todos os entes, inclusive o seu próprio modo de ser”.

Sendo assim, enquanto pai que ao descobrir a homossexualidade do filho, ele poderá vivenciar a angústia, entretanto esta angústia não o bloqueia e sim estimula o questionamento da situação originária da vivência e a procura de novos caminhos, na tentativa de entender e apoiar a homossexualidade do filho (BORGES, 2009). O que pode acontecer com os entrevistados, num primeiro momento, é que podem experimentar a angústia da homossexualidade do filho, mas posteriormente seria superado através da aceitação e convivência com o filho, e ainda a experiência do próprio pai com a homossexualidade contribuiria para orientar seu próprio filho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final das entrevistas cada participante fez de forma espontânea uma reflexão sobre a pesquisa, todos verbalizaram positivamente sobre a sua importância, principalmente por tematizar sem preconceito a paternidade, uma questão importante para se conhecer a vivência e as necessidades dos homossexuais.

A pesquisa qualitativa é uma perspectiva de produzir conhecimento relevante para desvelar o singular, o intersubjetivo e promover o respeito às singularidades. A pesquisa oportunizou aos informantes expressar seus sentimentos em relação à família, à sua sexualidade e sua forma de pensar e agir no mundo. Especificamente, acerca da paternidade, possibilitando uma reflexão quanto à educação de uma criança e o desejo de constituir família.

O intuito desta pesquisa de dissertação de mestrado foi investigar e identificar os significados atribuídos à paternidade pelos homens homossexuais do município de Ulianópolis – 4 indivíduos foram convidados para participar da pesquisa –, e a partir da análise dos significados atribuídos pelos próprios participantes no que se referiu a alguns aspectos elucidados durante os encontros realizados com o pesquisador, tomando como base fundamentos de pesquisa qualitativa, fenomenologia hermenêutica, Análise do Discurso de Paul Ricouer, Gestalterapia e Terapia Ocupacional Social. Também, cabe ressaltar que os encontros entre pesquisador e sujeitos da entrevista foram permeados de escuta e acolhimento, o que contribuiu para a resposta dos homens homossexuais em relação aos significados relacionados com a paternidade.

Assim, a partir dos discursos dos entrevistados, percebeu-se que os homossexuais querem vivenciar a paternidade e almejam constituírem família, entretanto este projeto de vida pode ser vivenciado de forma tranquila ou com fatores psicossociais geradores de constrangimentos, incertezas, medo, angústias, vinculadas à paternidade, que podem contribuir para a não realização deste ideal de vida, e isto pode estar relacionado com a desinformação em relação à orientação sexual, a aspectos vinculados à paternidade e também com o preconceito da sociedade, em que é forte o discurso heteronormativo que reproduz que o

casamento entre pessoas de sexos diferentes é o modelo a ser seguido e simboliza a “verdadeira família”, desvalorizando os demais vínculos que na atualidade são considerados a família da modernidade.

Durante os encontros com os entrevistados, tivemos a oportunidade de escutá-los, de compreender e entender seus modos de vida, suas histórias, suas considerações relacionadas com a homossexualidade, com a família e com a paternidade, observando pessoas que enfrentaram situações semelhantes nas trajetórias relacionadas com a homossexualidade, e que conviveram e convivem com o preconceito em diversas situações do cotidiano.

Entretanto, não só escutamos aspectos relacionados com a homossexualidade, como também pude perceber, ao entrar em contato com a intimidade dos sujeitos, que os mesmos aspiram por projetos de vida semelhantes a dos heterossexuais como a questão de construir família e exercer a paternidade, e que não se vêem de maneira alguma desqualificados e incapazes para isso, evidenciou-se claramente preocupações com o preconceito da sociedade, com a questão de serem bons pais, de contribuir adequadamente para o bom desenvolvimento de seus filhos no que diz respeito a aspectos educacionais, afetivos, sociais e econômicos.

Levando-se em consideração, através dos seus discursos, que a paternidade é possível para eles e que podem de forma positiva exercer-la, experimentá-la e vivenciá-la, a sociedade deve desconstruir verdades, antes consideradas invioláveis, fundamentadas na moral e na religião, principalmente referidas com o conceito de família, paternidade e com a subjetividade do homossexual, que são geradores de preconceito contra os homossexuais e as novas formas de família, como, por exemplo, as famílias homoafetivas, que é uma realidade em nossa sociedade, que se tornam visíveis e reivindicam o direito ao respeito por parte da sociedade e do estado.

Nesta qualificação de mestrado, apresentei os significados atribuídos à paternidade obtidos a partir da análise das entrevistas com os sujeitos participantes. Durante a análise dos dados, pode-se responder claramente ao problema de pesquisa: o homossexual deseja vivenciar a paternidade em sua futura união homoafetiva. Ficou evidente especificamente que os sujeitos entrevistados sentem o

desejo de vivenciar a paternidade, se possível em suas uniões homoafetivas se por acaso se concretizarem, mas a paternidade é um desejo anterior ao desejo da união homoafetiva, confirmaram o intuito de construir família e que possuem dúvidas referentes à vivência da paternidade, assim como qualquer outro homem heterossexual que não experimentou na prática o que é ser pai, em seus discursos deixaram claro os conceitos atribuídos à paternidade, assim como as maneiras que pretendem utilizar para se alcançar a paternidade (adoção, técnicas de reprodução genética ou envolvimento com o sexo oposto), por isso os objetivos da pesquisa foram alcançados.

É importante deixar claro que este estudo relacionado com a temática da paternidade homossexual exige de nós um pensamento não conclusivo, pois necessitamos de um esforço grandioso de mais pesquisas, ações coletivas e práticas sociais inovadoras, que sejam capazes de desvelar a estrutura e a dinâmica do preconceito social e suas consequências para a manutenção das formas de subalternização de grupos e indivíduos na sociedade brasileira: neste caso, os homens homossexuais que desejariam vivenciar a paternidade, já que temos visto que a heteronormatividade dita ainda regras sociais e suas consequências só são interpeladas a partir da pressão social e políticas de grupos sociais e políticos que são capazes de inventar o seu cotidiano.

Claro que é comum em nossa sociedade um homem heterossexual verbalizar o desejo de ser pai, pois este é um dos papéis do que é ser masculino, ter a capacidade reprodutiva, sinônimo de virilidade, status social, a questão é que se um homem homossexual dividir na sociedade o desejo de vivenciar a paternidade isso repercute de forma estranha, já que ocorre um estranhamento por parte da sociedade, porque esta associa a paternidade, o “ser pai”, a um projeto de vida exclusivo dos homens heterossexuais, o que precisa ser desconstruído, a fim de que homossexuais possam viver livremente seus projetos de vida, livre de preconceitos e estigmas sociais.

Para isto acontecer, é necessário envolver a sociedade no campo da educação, considerada uma importante estratégia, por que muitos dos mecanismos de inferiorização e de formas de preconceito passam pelos processos educativos. E neste campo ainda há um enorme abismo entre o que se propaga nas principais

legislações e diretrizes e o que realmente acontece no cotidiano, por exemplo, de escolas, instituições, locais de trabalho, ambiente familiar e comunidades onde os homossexuais convivem em sociedade.

Profissionais das mais diversas áreas (Antropologia, Sociologia, Pedagogia, Psicologia, Terapia Ocupacional, Direito, entre outros) devem inserir em suas práticas profissionais ações que possam contribuir para a desconstrução do preconceito, a fim de se diminuir os contextos discriminatórios e estigmatizantes em relação aos homossexuais, reescrevendo-se a história, dando voz a experiências silenciadas, trabalhando-se para fortalecer a aceitação da diversidade de pensamento, das diferentes maneiras de existir, sonhar e viver na sociedade, fazendo a sociedade compreender que o sujeito é criador de sua própria existência, responsável pelos seus projetos de vida, e que somente ele, em sua subjetividade é capaz de buscar o real sentido da vida que pretende ter, e isto pode estar relacionado em experimentar a paternidade para os homossexuais.

Compreendemos que o homem homossexual é como qualquer outro homem, e que na vida adulta pode manifestar o desejo de ser pai, de demonstrar carinho, doação e de ter responsabilidade por uma criança, e sua orientação homossexual não impede de ter e manifestar este desejo, é preciso compreender que a subjetividade do homossexual não se encerra em sua sexualidade, isto é um pensamento retrógrado, que não faz sentido no atual contexto de vivências do cotidiano dos homossexuais, que cada vez mais demonstram serem indivíduos estudados, responsáveis e inconformados com a indiferença social, reivindicando respeito e dignidade da sociedade e do estado.

Ao entrarmos em contato com os entrevistados de modo respeitoso, compreensivo e atento às suas manifestações verbais e não-verbais, pudemos identificar os significados que eles atribuíram à paternidade, assim como à sua homossexualidade. Apresentar este material é um ensaio do desejo de contribuir com outros profissionais na estruturação de intervenções de cunho preventivo e tratamento, além de oferecer indicativos para produzirem conhecimento da subjetividade de homens homossexuais que desejam vivenciar a paternidade.

Esta dissertação de mestrado pretende ser uma porta de entrada para o universo muito amplo e diversificado de conhecimentos relacionados com a

homossexualidade, que se materializa dentro e fora do universo acadêmico por meio do crescimento vertiginoso de publicações, na proliferação de debates e querelas conceituais. Também, tentamos mostrar a importância de refletir sobre esta temática e inseri-la nos debates relacionados à temática de família, principalmente no que diz respeito ao “novo pai”, às novas configurações familiares.

* * *

Lembro que na infância, aos meus 6 anos de idade, tive uma experiência de troca de afetividade com um garoto da minha mesma idade, o que é muito comum entre os meninos desta idade, mas logo entendi que aqueles gestos eram proibidos, de que aquilo não era ato de menino e que jamais deveria alimentar afeto e sentimentos por meninos, pois não era correto, não era “normal”, “meninos não fazem isso!”, foi este discurso que escutei do meu pai e da minha mãe ao me chamarem a atenção por terem me visto fazer certos atos que na concepção deles eram incorretos para um menino, senti fortemente o olhar de reprovação e negativismo deles e me pediram para não repetir o que havia praticado.

Como era apenas uma criança, não questionei e quis obedecer aos meus pais, além disso, não entendia o que estava acontecendo, para mim tinha sido algo completamente natural ter trocado afetividade com um menino, lembro que só me senti culpado por determinado ato após o sermão dos meus pais. O tempo foi passando, fui me desenvolvendo e percebi que era diferente de outros meninos, parecia que não era agressivo, travesso, era tido como fraco pelos meus irmãos, aí na minha 4ª série um garoto da minha mesma idade em uma discussão na sala de aula, entre nós dois, me chamou da seguinte maneira “vai te catar viadinho”, a expressão facial, o tom de voz dele, a maneira de dizer de forma hostil anunciava o caminho difícil que percorreria sendo homossexual, aquela vivência me remetia à primeira forma de preconceito e discriminação por ser diferente de outros meninos.

Aos doze anos, na turbulência dos hormônios, no começo da adolescência, desejos sexuais por meninos começavam a ser despertados e traziam comigo o sentimento de colocá-los em prática, entretanto tive que silenciá-los por conta do

discurso heterossexual, enquanto em rodas de conversas as meninas falavam dos corpos dos meninos, e os meninos dos corpos das meninas, eu não podia expressar a minha admiração pelos corpos dos meninos, pelo rosto, pelo andar, e assim foi no decorrer do meu desenvolvimento na escola, na minha família, na rua onde morava o discurso predominante que escutei e por muito tempo me orientei era àquele que inferiorizava a homossexualidade e a colocava como algo pecaminoso, incorreto, abominável, proibido, uma anormalidade que jamais poderia ser praticada.

Desta maneira, numa tentativa de me proteger em relação ao preconceito social, por muito tempo escondi e neguei minha própria homossexualidade, às vezes procurava acreditar que era algo errado, que logo conheceria uma mulher, que seria o grande amor da minha vida e o desejo por homens seria esquecido. Mas isto não aconteceu, conhecia as mulheres, namorava-as, me esforçava ao máximo para continuar o relacionamento, mas não conseguia levar o relacionamento de forma estável, finalizava-os sem explicações, não levava em consideração o sentimento delas, o que sentiam por mim, tudo relacionado com o desejo que sentia por homens.

Por anos escutei e dei importância ao discurso religioso, o discurso heteronormativo, por causa destes discursos me considerava diferente, estranho, me culpava, me decepcionava comigo mesmo e me frustrava por não gostar de me relacionar com mulheres, às vezes me perguntava em desespero: “o que foi que eu fiz?”; “porque nasci assim?”; “será que a culpa é minha?”, por anos amarguei o sofrimento, aceitei as considerações negativas da homossexualidade que são ditas e transmitidas sem levar em consideração que os homossexuais são seres humanos e que acima de tudo merecem respeito como qualquer outra pessoa, percebi que não atender às normas de uma sociedade principalmente no que se refere ao masculino, ao que é ser “homem de verdade” é amargar o preconceito e a estigmatização, e isto senti na “pele”, e ainda sinto.

Fui criado numa família simples, e desde cedo aprendi com meus pais a importância do respeito com outras pessoas, que não se deve ridicularizar o outro pelos seus gestos, pelo seu modo de vestir, de falar, de andar, condição socioeconômica, raça, cor, etc, ou seja, na verdade eles me educaram a não inferiorizar ninguém, a não desrespeitar nenhuma cultura, a sempre buscar conhecer

as qualidades das pessoas, o que elas têm de bom, e que com as pessoas aprendemos e amadurecemos em conhecimento, cheguei a pensar da seguinte maneira: “eu respeito outras pessoas e elas também vão me respeitar!”. Mas claro que estava enganado, isso não funciona assim em nossa sociedade.

Grande parte das pessoas, como eu, almeja por uma sociedade mais justa e mais igualitária nos diversos contextos, que o exercício do respeito, do cuidado, da não discriminação, de respeitar a pessoa em suas decisões e escolhas, nos seus tipos de relacionamento (heterossexual ou homossexual) e projetos de vida fossem colocados em prática, todos gostariam de uma sociedade menos preconceituosa, em que pudessemos conviver com as diferenças de forma harmoniosa, tranquila, sem presenciar e sofrer atos violentos de preconceito e discriminação.

Nós homossexuais somos seres humanos, pessoas como qualquer outra, queremos o direito de ter uma família, queremos estudar, ter uma profissão, direito à paternidade sem ser ridicularizados, o direito de dizer o nome de um amor, pronunciá-lo na voz, na presença de outros, na literatura, na sala de aula, no trabalho, o direito de construir para si o direito de decidir como viver, como quer buscar o seu prazer, queremos demonstrar publicamente nosso afeto e carinho a quem escolhemos e partilhamos momentos únicos da nossa vida sem sofrer violência ou o olhar das pessoas rindo com ar de reprovação, queremos respeito do estado, almejamos pela criação mais eficazes de leis que nos protejam contra a homofobia e legalize nossas relações, pois somos cidadãos, assim como qualquer outra pessoa, e o estado deve levar isto em consideração.

Temos sonhos, projetos de vida, ideais, há uma própria diversidade no interior dos homossexuais, assim como entre os heterossexuais, e isto a sociedade precisa entender, não exalamos o perfume do sexo, das festas, dos bares, da feminilidade, da pornografia, da promiscuidade, da ameaça às crianças, às leis religiosas, nada disso! Somos também o que há de melhor em qualquer ser humano como a honestidade, a arte de fazer o bem ao próximo, de se comprometer socialmente, pessoas que tem sentimentos, que querem construir família, de ter filhos e de transmitir amor, carinho e repassar valores às crianças sob nossa responsabilidade.

REFERÊNCIAS

- ADELMAN, M. Paradoxos de identidade: Políticas de Orientações Sexual no Século XX. In: **Rev. Sociologia Política**. Curitiba, n.14, p.163-171, jun, 2000.
- ADORNO, R.C. Identidade e exclusão. In: BARBOSA, M.R.; PARKER, R. Sexualidades pelo avesso: **direitos, identidades e poder**. Rio de Janeiro: Ed UERJ. 1999.
- ALVEZ, R. **Um mundo num grão de areia**: o ser humano e seu universo. Campinas: Verus, 2002.
- AMERICAN OCCUPATIONAL THERAPY ASSOCIATION (AOTA). Terminologia uniforme para a terapia ocupacional. In: NEISTDT, M.E; CREPEAU, E.B. **Terapia Ocupacional**. (Apêndice f.). Guanabara Koogan: Rio de Janeiro, 2002. p 831-836.
- ÁRIES, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos editora, 1981.
- ÁVILA, M.B. Homens: sexualidade e reprodução. In: MEDRADO, *et al.* **Homens: tempos, práticas e vozes**. Recife: Instituto Papai/Fages/Nepo/Pegapacapé, 2004. p. 19-21
- AZEVEDO, A.V. União entre pessoas do mesmo sexo. In: **Rev. direito de família e sucessões**. v. 1, n. 1, p. 06-10, julh, 2007.
- BADINTER, E. **Um amor conquistado**: O mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BANDITER, E. **X. Y. Sobre identidade masculina**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BARSTED, L. L. Permanência ou mudança: o discurso legal sobre a família. In: BARSTED, L. L. (Org.). **Pensando a família no Brasil** Rio de Janeiro: Espaço e Tempo. 1987. p. 103-113
- BARTALOTTI, C.C. **Terapia Ocupacional e inclusão social**. 2009. Disponível em HTTP: <www.celinacb.tripod.com.br/toeinclusaosocial/id1.html>. Acesso em: 10 ago. 2009.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001. 260 p.
- BERGER, P; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Rio de Janeiro, Vozes, 1985.
- BIASOLI-ALVES, Z.M.M. Orientações de pais: partilhar conhecimentos sobre desenvolvimento e práticas de educação como estratégia de intervenção. In: **Rev texto contexto enferm**. Florianópolis, n. 14 (Esp), p. 64-70, 2005.
- BOLSONI-SILVA, A.T; PRETTE. A. D. O que os pais falam sobre suas habilidades sociais e de seus filhos? In: **Argumento**. nº 7, p. 25 abril, 2002.

- BORGES, R.C. **Pais e mães heterossexuais**: relato acerca da homossexualidade de filhos e filhas. 2009. 253 f. Dissertação Mestrado (Psicologia) – Universidade de São Paulo (USP), Ribeirão Preto, 2009.
- BORIS, G.D.J. **Falas masculinas ou ser homem em fortaleza**: Múltiplos recortes da construção da subjetividade masculina na contemporaneidade. 2000. 250f. Tese de doutorado em sociologia, UNIFOR, Fortaleza, 2000.
- BORLOT, A.M.M.; TRINDADE, Z.A. As tecnologias de reprodução assistida e as representações sociais de filho biológico. In: **Estudos de Psicologia**. Universidade Federal do Espírito Santo. v. 19, n. 1, p. 63-70, 2004.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- BRANDÃO, D.V.C. **Parcerias homossexuais**: Aspectos jurídicos. São Paulo: Revista dos tribunais, 2002. p. 20.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, Senado Federal, 2006.
- BRASIL. Lei 8069. **Estatuto da Criança e do adolescente**. 1990.
- BRASILIENSE, E.M. Homossexuais, a nova família do século XXI. In: **Rev. Curso de direito de Ituiutaba**. n.8, p. 79-84, jul/dez, 2001.
- BRAZ, M. **A construção da subjetividade masculina e seu impacto sobre saúde do homem**: reflexão sobre justiça distributiva. Rio de Janeiro: Psicologia e saúde coletiva, 2001.
- BRUNS, M.A. T; TRINDADE, E. Metodologia fenomenológica: a contribuição da ontologia-hermenêutica de Martin Heidegger. In: BRUNS, M.A.T.HOLANDA, A.F. **Psicologia e pesquisa fenomenológica**: Reflexões e perspectivas: São Paulo: Centro de estudos avançados de fenomenologia, 2001. p. 67-79.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero**:feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.
- CANÍGLIA, M. Terapia Ocupacional: ciência ou tecnologia. In: **Rev. de Terapia Ocupacional**. n. 3, p. 6-8, 1993.
- CASEY, J. **A história da família**. São Paulo: Ática, 1989.
- CASS, V. C. Homosexual identity: A concept in need of definition. In: **Journal of homosexuality**. v. 9, 1984.
- CIORNAI, S. **Percursos em arteterapia**: arteterapia gestáltica, arte em psicoterapia, supervisão. São Paulo: Summus, 2004.
- CONNEL, R. Políticas de masculinidade. In: **Educação e realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p.156-206, jul\dez, 1995.
- CORREA, M.V. **Novas tecnologias reprodutivas**: limites da biologia ou biologia sem limites. Rio de Janeiro: Editora UERJ. 263 p.
- COSTA, J.F. **A Inocência e o Vício**: estudo sobre o homoerotismo. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.
- D'INCAO.M.A. **Sentimentos modernos**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

DE JESUS, B. Parceria civil: a construção da opinião pública. In: ÁVILA, M.B; PORTELLA, A.P; FERREIRA, V. In: **Novas legalidades e democratização da vida social: família, sexualidade e aborto**. Rio de Janeiro: Garamound, 2005. p. 67-75.

DE OLIVEIRA *et al.* Comunidade de atendimento sócio-educativo (CASE-SSA) - Um campo de ação da terapia ocupacional social. In: **Anais do VII Congresso nortenordeste de terapia ocupacional: terapia ocupacional na contemporaneidade: objeto e ação-percursos, perspectivas e desafios, 2008**. Salvador. 2008.

DIAS, M.B. **Direito das famílias**. 2010. Disponível em: <http://www.mariaberenice.com.br/uploads/direito_das_fam%EDias_-_alguns_ganhos_significativos.pdf>. Acesso em: 25 dez. 2010.

DRUMMOND, A. Fundamentos da terapia ocupacional. In: CAVALCANTI, A; GALVÃO, C. **Terapia Ocupacional: fundamentação e prática**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogam, 2007. p. 10-17.

ELIASON, M. J. Identity formation for lesbian, bisexual, and gay persons: Beyond a "minoritizing" view. In: **Journal of homosexuality**. v. 30, n. 3, 1996.

ELZIRIK, C.L; KAPCZINSKI, F; BASSOLS, A. M. S. **O ciclo da vida humana: uma perspectiva psicodinâmica** Porto Alegre: Artmed, 2001.

FAIRCHILD, B.; HAYWARD, N. **Agora que você já sabe - o que todo pai e toda mãe deveriam saber sobre a homossexualidade**. Rio de Janeiro: Record, 1996.

FERREIRA, B.W; PIMENTEL, A. Violência psicológica: as (in) visíveis seqüelas, no enfoque da gestalt-terapia. *Rev. Fazendo gênero 8-corpo, violência e poder*. Florianópolis, 2008.

FIGUEIRA, S. A. **Uma nova família?** O moderno e o arcaico na família de classe média brasileira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1987.

FIGUEIRÊDO, B.C.L. **Adoção para Homossexuais**. Curitiba (PR): Editora Juruá, 2003.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 2005.

GAGNON, J.; SIMON, W. Sexual Scripts. In: PARKER, R; AGGLETON, P. **Culture, Society and Sexuality**: areader: Londres, UCL, 1973. p. 29-38

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

GONÇALVES, S.S.; WANZELER, S.C.P. **A saúde como elemento fundamental à vida do trabalhador: novos tempos para novos rumos**. 2002. 128f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso), Universidade Federal do Pará, Belém, 2002.

GONTIJO, F. Culturas diversas, homossexualidades plurais, legalidades múltiplas. In: **Novas legalidades e democratização da vida social: família, sexualidade e aborto**. Rio de Janeiro, 2005. p. 121-126.

HAGEDORN, R. **Fundamentos para a prática em terapia ocupacional**. São Paulo, Roca, 2003.

- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. (Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro.) - 10ª Ed. - Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- HART, J.; RICHARDSON, D. **Teoria e prática da homossexualidade**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.
- HÉBERT, M.L; GOYETTE, G; BOUTIN, G. **Investigação qualitativa: fundamentos e práticas**. Lisboa: Instituto Piaget, 2005.
- HEIDGGER, M. **Seminário de Zollikon**. São Paulo\Petropolis: Editora\Voices. 2001b.
- HEILBORN, M.L. **Dois é par: Gênero e identidade sexual em contexto igualitário**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- HITE, S. **Relatório Hite sobre família: crescendo sobre o domínio do patriarcado**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.
- HORKHEIMER, M. **Teoria crítica I**. São Paulo: Perspectivas Editora da USP, 1990.
- HURSTEL, F. **As novas fronteiras da paternidade**. Campinas: Papyrus, 1999.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidasat.lopwind.htm?>>. Acesso em: 23 mar. 2010.
- IZQUIERDO, M. J. Uso y abuso del concepto de gênero. In: VILANOVA, M. **Pensar las diferenças**. Barcelona: Universidade de Barcelona, 1994. p. 31-53.
- JURKEWICZ, R.S. Cristianismo e homossexualidade. In: MIRIAM, P.G. *et al.* **Movimentos sociais, educação e sexualidade**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. p. 25-53
- LAMB, M.E. **The fathes's role: applied perspctives**. New York: Jonh Weley, 1996.
- LEVANDOWSKI, Daniela C. Paternidade na adolescência: uma breve revisão da literatura internacional. In: **Estudos de Psicologia**. v. 2, n. 6, p. 195-209, 2001a.
- _____. Paternidade na adolescência: expectativas, sentimentos e a interação com o bebê. 215f. Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2001b.
- _____.; PICCININI, Cesar. A interação pai-bebê entre pais adolescentes e adultos. In: **Psicologia Reflexão e Crítica**. v. 2, n. 15, p 413- 424, 2002a
- LEVINZON, G.K. **Adoção**. São Paulo: Casa do Psicólogo Livraria e Editora, 2005.
- LEVI-STRAUS. **As estruturas elementares do parentesco**. Petrópolis: Vozes. 1976.
- LINS, R.N.; BRAGA, F. **O livro de ouro do sexo**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.
- LOURO, L.G. **Um corpo estranho: ensaios sobre a sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: EDITORA, 2004.
- LYRA, J. Paternidade: sentidos, marcas e padrões sociais. In: MEDRADO, B. *et. al.* TÍTULO DO LIVRO. Recife: Instituto Papai. PEGAPACAPÁ, 2008. p 88-93.
- MACIEL, C.A.B. A família na Amazônia. In: **Serviço Social e Sociedade** (n. 71). São Paulo, Cortez, 2002.

_____. Da família moderna à modernidade da família: um caminho não percorrido/terminado. In: COCCO *et al.* **Gestão local e políticas públicas na Amazônia**. Rio de Janeiro: E-parpers, 2007.

MARTINS, H. Metodologia qualitativa de pesquisa. In: **Educação e pesquisa**. São Paulo, v.30, n.2, p. 289-300, maio./ago, 2004.

MEDRADO, B.; LYRA, J. Produzindo sentidos sobre o masculino: da hegemonia à ética da diversidade. In: ADELMAN, M.; SILVESTRIN, C.B. **Gênero Plural**: um debate interdisciplinar. Curitiba, UFPR Editora, 2002. p. 47- 77.

MELLO, L. **Novas famílias**: conjugalidade homossexual no Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 10. Ed. São Paulo: HUCITEC, 1992.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Secretaria de vigilância em saúde**: impactos da violência na saúde dos brasileiros, Brasília, 2005.

MIRIAM, P.G. *et al.* **Movimentos sociais, educação e sexualidade**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

MISKOLCI, R. Pânicos morais e controle social: Reflexões sobre o casamento gay. In: **Cadernos Pagu**. n. 28, p 101-128, jan/jun, 2007.

MONTEIRO, A. M. Avanços no estudo da conjugalidade: Os casais de dupla carreira. In: **Psicologia: Ciência e Profissão**. v. 3, n. 21, p. 10-19, 2001.

MONTGOMERY, M. **O novo pai**. São Paulo: Editora Gente, 1998.

MONTMAYOR, R. Boys as fathers: Coping with the dilemmas of adolescence. In: ELSTER, A.B.; LAMB, M.E. (orgs) **Adolescent fatherhood**. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum. 1986. p. 1-18.

MORAES, M. L. Q. A estrutura contemporânea da família. Em M. C. M. COMPARATO & D. S. F. MONTEIRO (Orgs.). **A criança na contemporaneidade e a psicanálise**. (Vol. I Família e sociedade: Diálogos interdisciplinares) São Paulo: Casa do Psicólogo. 2001. p. 17-25

MOULARD, G. V. **Psicologia e terapia Ocupacional**: refletindo um caminho para a saúde mental. Campo Grande: Solivros, 1998.

MOUTA, J.S. **Direitos e homoparentalidade**. Disponível em: <<http://www.igualdades2007.com>>. Acesso em: 12 nov. 2008.

NOLASCO, S. **De Tarzan a Homer Simpson**: Banalização e violência masculina em sociedades contemporâneas ocidentais. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

PAIVA, A. C. S. **Reservados e invisíveis**: O ethos íntimos das parcerias homoeróticas. Fortaleza: Pontes, 2007.

PASSOS, I.C.F. **Poder, normalização e violência**: incursões foucaultianas para a atualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PELÚCIO, L. M. Travestis, a (re)construção do feminino: gênero, corpo e sexualidade em um espaço ambíguo. In: **Rev. Antropológicas**. Ano 8, v .15, p 123-154, 2004.

PEREIRA, R.C; SILVA, M, C. Nem só de pão vive o homem. In: **Sociedade e estado**. Brasília, v. 21, n. 3, p. 669-682, set/dez, 2006.

PEREIRA DE ANDRADE, R; COSTA, N.R.A; FERREIRA, M.C.R. **Significações da Paternidade Adotiva**: Um Estudo de Caso. Ribeirão Preto: Paidéia, v.16.n 34. maio/agost, 2006.

PERLS, F.S. **Escarafunchando Fritz**: dentro e fora da alta do lixo. São Paulo: Summus, 1979.

PHILLIPPI, J.N. Considerações sobre a sexualidade humana. In: MIRIAM, P.G. *et al.* **Movimentos sociais, educação e sexualidade**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. p. 25-53.

PIMENTEL, A. **O psicodiagnóstico em gestalt-terapia**. 2002. 192f .Tese (Doutorado em psicologia). Universidade Católica de São Paulo, 2002.

_____. **Cuidado paterno e enfrentamento da violência**. São Paulo: Summus, 2008.

PIMENTEL, A. *et al.* Para além do claustro. In: PIMENTEL, A. *et al.* **Itinerários de pesquisas em psicologia**. Belém: Amazônia Editora, 2010. p. 57-94.

PIMENTEL, A; FRANCO, V. Família em tempo de mudança. In: **Rev. do NUFEN**, v. 03, n. 2, p. 10-14, ago, 2005.

PIMENTEL, A.; OLIVEIRA, I.B. ; ARAÚJO, L. Pesquisas qualitativas aplicações em terapia ocupacional e psicologia. In: PIMENTEL, A.; OLIVEIRA, I.B.; ARAÚJO, L. **Pesquisas qualitativas em terapia ocupacional**. Belém: Amazônia Editora, 2009. p. 25-39.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ULIANÓPOLIS (PMU). **Colonização de Ulianópolis**. Ulianópolis: 2005.

PRECIADO, B. **Arte y arquitectura:mies van der rohe desde rechar d sennett**. 2010. Disponível em <<http://www.arteleku.net/secciones/enred/zehar/zehar2\44\zehar44Preciado.pdf>>. Acesso em: 02 dez 2010.

RAMOS, S. Violência e homossexualidade no Brasil: As políticas públicas e o movimento homossexual. In: MIRIAM, P.G. *et al.* **Movimentos sociais, educação e sexualidade**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. p. 31-43.

RESENDE, V. R. A paternidade e o resgate da experiência humana do homem [Resumo]. In: UNESP (Org.). **Anais do III Fórum de Debates em Extensão Universitária e Assuntos Comunitários**. Bauru: UNESP. 1997. p. 46

RESENDE, V. R. Avaliação da interação parental no desenvolvimento emocional [Resumo]. In: UEL (Org.). **Anais do Congresso Iberoamericano de Psicologia Clínica e da Saúde. Avanços Recentes em Psicologia Clínica e da Saúde** Londrina: UEL – APICSA. 2001. p. 297

RIBEIRO, J.A. **Teoria e interpretação de Paul Ricoeur**. São Paulo: Rumo, 2006.

RIBEIRO, J.P. **Gestalt-terapia**: refazendo um caminho. São Paulo: Summus, 1985.

RICOUER, P. **Teoria das interpretações**. Lisboa: Edições 70, 1975.

RIOS, L.F. Sexualidade e socialização masculina: A construção das parceiras e práticas homossexuais de homens. In: MEDRADO, B. *et al.* **Homens**: tempos,

práticas e vozes. Recife: Instituto PAPAÍ/FAGES/NEPO/Pegapacapá, 2004. p. 35-63.

ROUDINESCO, E. **A família em desordem**. São Paulo: Ed Jorge Zahar.

RUSSELL, C.S. **Unscheduled parenthood**: transition to 'parent' for the teenager. *Journal of Social Issues*. v. 136, n. 1, 45-63, 1980.

SANDERS, G. O amor que ousa declarar seu nome: do segredo à revelação nas afiliações de gays e lésbicas. In: IMBER-BLACK, E. **Os segredos na família e na terapia familiar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. p. 219-244

SANTANA et al. Aproximações do saber: concepções de terapia ocupacional (TO) social na visão do acadêmico de TO da escola bahiana de medicina e saúde pública. In: **Anais do VII Congresso norte-nordeste de terapia ocupacional: terapia ocupacional na contemporaneidade: objeto e ação-percursos, perspectivas e desafios**. Salvador: 2008. p. 404

SANTOS, C. **A parentalidade em famílias homossexuais com filhos**: um estudo fenomenológico da vivência de gays e lésbicas. São Paulo, 2004. 445 f. Tese (Doutorado em Psicologia)-Universidade de São Paulo, 2004.

SARTI, C.A. A família como ordem simbólica. In: **Rev Psicologia USP**, v.15, n.3, p.11-28, 2004.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Rev. Educação e Realidade**. Ano 2, v. 20, p 71-100, 1995.

SCOTT, P. Família, moralidades e as novas leis. In: ÁVILA, M.B; PORTELLA, A.P; FERREIRA, V. **Novas legalidades e democratização da vida social: família, sexualidade e aborto**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. p. 43-51.

SECRETARIA ESPECIAL DE DIREITOS HUMANOS (SEDH). Conselho nacional de combate à discriminação. **Brasil sem homofobia**: programa de combate à violência e à discriminação contra GLBT e de promoção da cidadania homossexual. Brasília: 2008.

SECRETARIA DE SAÚDE DE ULIANÓPOLIS (SMSU). **Serviço Saúde à população de Ulianópolis**. Ulianópolis: 2009.

SEDWICK, E.K. A epistemologia do armário. In: **Cadernos Pagu**. n. 28. Universidade Estadual de Campinas. p. 19-54. jan/jun, 2007.

SEGRE, M; FERRAZ, F.C. O conceito de saúde. In: **Rev. Saúde Pública**. São Paulo, n. 5, p. 538-542, out, 1997.

SHINYASHIKI, R. **Pais e filhos**: companheiros de viagem. São Paulo: Editora Gente, 1992.

SYMANSKI, H. Viver em família como experiência de cuidado mútuo: desafios de um mundo em mudança. In: *Rev. Serviço Social e Sociedade*. (n. 71). São Paulo, Cortez, 2002.

SIMÕES, J.A. Homossexualidade masculina e curso da vida: pensando idades e identidades sexuais. In: PISCITELLI, A; GREGORI, M.F; CARRARA, S. **Sexualidade e saberes**: Convenções e Fronteiras. Rio de Janeiro, 2004. p. 415-447.

SOUZA, R. M. **Paternidade em transformação: O pai singular e sua família**. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo. 1994.

SPARGO, T. **Foucault e a teoria queer**. Rio de Janeiro: Ed. UFJF, 2006.

SPENCER, C. **Homossexualidade**: Uma história. (Trad). Rubem Mauro Machado. Rio de Janeiro: Record, 1996.

TARNOVSKI, F.L. **Homoparentalidade à brasileira**: paternidade homossexual em contextos relacionais. Disponível em: <<http://www.cuidanasexual.org/bolet>>. Acesso: 12 nov. 2008.

_____. **Pais assumidos**: adoção e paternidade homossexual no Brasil. Santa Catarina, 2002, 207 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal de Santa Catarina, 2002.

_____. Pai é tudo igual? Significados da paternidade para homens que se autodefinem como homossexuais. In: PISCITELLI, A; GREGORI, M.F; CARRARA, S. **Sexualidade e saberes**: Convenções e Fronteiras. Rio de Janeiro, 2004. p. 385-414.

TEIXEIRA *et al.* **Terapia Ocupacional na reabilitação física**. São Paulo: Roca, 2003.

TIBA, I. **Quem ama educa!** Formando cidadãos éticos. São Paulo: Integrare Editora, 2007.

TRINDADE, Z.A. **As representações sociais da paternidade e da maternidade**: Implicações no processo de aconselhamento genético. 1991. Tese de Doutorado, IPUSP, São Paulo, 1991.

TROIDEN, R. R. **Gay and lesbian identity**: a sociological analysis: General Hall, 1984.

TURATO, E. **Tratado** da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa. Rio de Janeiro. Petrópolis, Vozes, 2003.

UNBEHAUM, S. Paternidade e masculinidade em contextos diversos. In: **Rev. Estudos Feministas**. Rio de Janeiro, v. 9, n.2, p 4-5, dez, 2000.

UZIEL, A.P. **Família e homossexualidade**: velhas questões e novos problemas. 2002. 210f. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas. Ciências Sociais, 2002.

_____. Parceria civil: o desejo e o direito de ter filhos. In: In: ÁVILA, M.B; PORTELLA, A.P; FERREIRA, V. **Novas legalidades e democratização da vida social: família, sexualidade e aborto**. Rio de Janeiro: Garamound, 2005. p. 113-119.

_____. **Homossexualidade e adoção**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

VENTUROLI, S.M.V. **Mulheres**: cinco séculos de desenvolvimento na América, capítulo Brasil. Belo Horizonte: CREZ\Centro Universitário Newton Paiva, 1999.

VIANA, A.; LACERDA, P. **Direitos e políticas sexuais no Brasil**: mapeamento e diagnóstico. Rio de Janeiro: CEPESC, 2004.

VILLAAMIL, F. Economía Política del armario: políticas del silencio, políticas de la autenticidad. In: **Psicología Política**. Belo Horizonte, v.4, n.8, jul/dez., 2005.

VITALE, M.A. Família monoparentais: indagações. In: **Rev. Serviço Social e Sociedade n. 71**. São Paulo: Cortez, 2002.

WEEKS, J. O corpo e a sexualidade. In: LOURO *et al.* **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 35-82.

YONTEF, G.M. **Processo, diálogo e awareness**: ensaios em gestalt- terapia. São Paulo: Summus, 1998.

ZAMBRANO, E. Parentalidades “impensáveis”: pais/mães homossexuais, travestis e transexuais. In: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 12, n. 26, p. 123-147, jul./dez. 2006.

ZAMBRANO, E. et al. **O direito à homoparentalidade**: cartilha sobre famílias constituídas por pais homossexuais. Porto Alegre: Instituto de acesso à justiça, 2006. p. 4

ANEXOS

ANEXO A



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS



Carta Provisória: 019/10 CEP-ICS/UFPA

Belém, 16 de abril de 2010.

Ao Prof. Evanildo Lopes Monteiro

Senhor Pesquisador,

Temos a satisfação de informar que seu projeto de pesquisa “REFLETINDO SOBRE PATERNIDADE HOMOSSEXUAL: UM ESTUDO FENOMENOLÓGICO COM HOMENS DE ULIANÓPOLIS/PA” de CAAE 0017.0.073.000-10 e parecer nº 017/10 - CEP-ICS/UFPA, foi apreciado e **aprovado** pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos do Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Pará, na reunião do dia 14 de Abril de 2010.

Assim, Vossa Senhoria tem o compromisso de entregar a este CEP, no dia 15 dezembro de 2010, um relatório indicando qualquer alteração que possa ocorrer após a aprovação do protocolo.

Atenciosamente,


Prof. Dr. Wallace Raimundo Araujo dos Santos,
Coordenador do CEP-ICS/UFPA



ANEXO B**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Meu nome é EVANILDO LOPES MONTEIRO, RG 3103115 SSP-PA, mestrando em Psicologia Clínica na Universidade Federal do Pará, sendo orientado pela Profª Drª Adelma Pimentel, RG 1529478 SSP-PA, Drª em Psicologia Clínica, professora do Mestrado e do curso de Psicologia da Universidade Federal do Pará. Estudamos homoerotismo para identificar a questão dos homens homossexuais vivenciarem a paternidade, a coleta de dados será através de entrevista individual e será realizado com uma rede de amigos.

Comprometo-me a:

- a) Garantir que a informação envolvida na pesquisa terá a identidade do participante preservada;
- b) Reservar todo o material coletado para utilização somente para os objetivos deste estudo e eventuais publicações científicas;
- c) Dispor-me, em qualquer momento do estudo para esclarecer dúvidas.

Enfatiza-se, ainda que:

- É garantida a liberdade de deixar de participar do estudo, sem qualquer prejuízo ou cobrança;
- O direito de se manter avisada sobre os resultados encontrados na pesquisa;
- Não haverá nenhum pagamento pela participação na pesquisa;

CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Declaro que compreendi as informações do que li ou que me foram explicadas sobre o trabalho em questão.

Discuti com os autores da pesquisa sobre minha decisão em participar deste estudo, ficando claro para mim qual é o objetivo, os possíveis desconfortos e as garantias de sigilo e de esclarecimentos permanentes.

Concordo voluntariamente em participar deste estudo podendo retirar meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidade e sem prejuízo.

BELÉM _____ de _____ de 2010

Assinatura da Participante

Assinatura do Pesquisador

ANEXO C

A entrevista com EROS

O sujeito da entrevista solicitou para ser chamado de Eros. O rapaz tem 25 anos, é natural de Ulianópolis, atualmente mora na cidade de Belém, pois está cursando o primeiro ano do curso de farmácia em uma faculdade particular. Mora com sua tia, seu irmão e 3 primos. Apenas uma prima sabe de sua orientação sexual, os seus pais são de criação (avô e avô materna), conhece sua mãe biológica, o pai biológico conheceu ano passado, pois a irmã por parte do pai teve interesse de conhecer o rapaz e neste episódio acabou conhecendo o seu pai biológico. Relatou que não sentiu nenhum sentimento de afetividade pelo seu pai que conheceu, disse que sempre tomou consciência de que era uma criança adotiva pelos seus avós, desde seus 6 anos de idade, não sofreu por isso.

Afirma que seu pai de criação tem relacionamento difícil com todos os filhos, mas tem ótima relação com ele, é o que mais conversa e compreende seu pai, mas não é amigo do seu pai, de contar confidências para ele, principalmente no que diz respeito a sua orientação sexual.

Considera que é homossexual, mas que esta questão não está bem resolvida para ele, principalmente por questões religiosas, diz que seu desejo por homens iniciou aos 12 anos de idade quando dormia na casa de um vizinho que tinha 17 anos devido a mãe deste viajar pedia para Eros fazer companhia ao seu filho, e a noite segundo Eros acontecia “brincadeiras”, “jogos sexuais” que não foram mais esquecidos, o que ficou mais latente com o avançar da idade.

Mas Eros também referiu que desde criança percebia que era diferente de outros meninos, pois não gostava das mesmas brincadeiras que outros garotos, seu comportamento era diferente, não era ativo, era mais passivo, tímido, introspectivo, e com passar da idade outros meninos tiravam brincadeiras que o ridicularizavam.

Hoje se considera bem masculino, e relata que se espelhou no seu irmão e no seu primo para ter o comportamento do gênero masculino reproduzido hoje em dia.

Tentou namorar com mulheres, se relacionou com 6 mulheres, sendo que a última teve um relacionamento de 4 anos, e destas que namorou teve relacionamento sexual com 3. Para Eros a mulher não desperta desejo sexual nele, só consegue realizar relação sexual na base do carinho e do afeto, e se tiver um sentimento pela mulher, diz que não consegue ser igual a outros homens, de conhecer uma mulher e na primeira noite ter um relacionamento sexual, o que é diferente com homens, pois o desejo sexual é evidente. Para ele sexo com mulher é diferente, pois sente que não está fazendo nada de errado, diferente com os homens, pois ao ter relação sexual com homens sente muita culpa, pois ainda não resolveu este conflito em sua vida particular.

Eros informou que teve apenas um namorado, que gostou muito, mas o mesmo acabou terminando o relacionamento com ele, deixando-o decepcionado, desde esse episódio não namorou mais, se relaciona de forma superficial com outros homens.

Além disso, informou que tem amigos homossexuais, conversa com um amigo próximo sobre sua orientação sexual, aliás, diz que este lhe ajuda muito a compreender seu sofrimento, considera sua orientação sexual como uma questão que precisa ser resolvida para ele viver feliz, com maior tranquilidade, diz que seu pensamento é consumido todos os dias por essa questão de ser homossexual.

Verbalizou que sua família desconfia de sua homossexualidade, pois nunca teve um relacionamento sério com mulheres, mesmo com sua namorada de 4 anos era muito ausente, não era carinhoso, atencioso, diz que as mulheres sempre reclamavam do seu comportamento, algumas lhe chamavam de estranho, de sem coração, que não tinha sentimento, não entendiam que seu comportamento estava relacionado com sua homossexualidade.

Durante o primeiro contato com o pesquisador Eros confirmou que quer construir família, que isto vai lhe fazer feliz, sonha em ter filhos, levar uma vida normal como todo mundo, sem precisar estar escondendo algo, considerando que dois homens podem construir família, ainda não está preparado para isso, pois o preconceito ainda é muito forte em nossa sociedade, diz que ainda dá importância para o comentário das pessoas, principalmente no que diz respeito à sua sexualidade “As pessoas tem uma idéia negativa da homossexualidade”.

Nunca fez psicoterapia para resolver seus conflitos relacionados com a homossexualidade, mas está pensando realizar para ajudar no seu crescimento pessoal. Informou que não está preparado para revelar sua orientação sexual para sua família, comentou se caso revela-se teria dificuldade com sua mãe que é muito religiosa, com o pai ponderou que talvez ele aceitasse com mais facilidade, em virtude de ser uma pessoa mais instruída.

Por virtude de confirmar que pretende construir família e ter o desejo de ser pai, o pesquisador decidiu incluí-lo nesta pesquisa e realizou entrevista com Eros, em relação às suas significações acerca da paternidade, a qual está descrita com suas significações. A entrevista foi realizada no dia 09/03/2010, tivemos três encontros, um para lhe explicar a pesquisa e entregar o roteiro de perguntas e o termo de consentimento livre e esclarecido, no segundo encontro tivemos uma conversa para conhecê-lo e criar um vínculo entre pesquisador e entrevistado, e no último encontro foi realizada a entrevista. A mesma foi gravada, e as falas do entrevistado transcritas com a análise dos significados.

Significado da paternidade

“Na verdade paternidade para mim é ter responsabilidade com o ser que vai nascer, responsabilidade na educação, como esse indivíduo vai se formar, que na verdade esse ser vai ser tua família no futuro, responsabilidade financeira, amorosa, responsável no que essa criança vai se tornar no futuro, queria que meu filho tivesse minha filosofia de vida, viver bem, se relaciona bem com os outros, consigo mesmo. Meu filho não vai precisar saber da minha inclinação por gostar de homens, confirmo o desejo de ser pai, pretendo ser um pai presente, auxiliar na educação”.

Métodos para alcançar a paternidade

“De maneira natural mesmo, com uma mulher, já tive relação com mulheres e não tive nenhum problema, acho o sexo com mulheres bem melhor do que com homens, me refiro à questão de anatomia. Mas se por acaso no futuro tivesse uma boa condição econômica, e não tivesse realizado a paternidade com nenhuma mulher eu utilizaria métodos artificiais para alcançar a paternidade, mesmo sendo bastante religioso, mas isso não me influenciaria na minha decisão, não haveria problema, já que não tinha alcançado, agiria normal, pois gostaria e muito de ser pai, mas isso seria a última opção, minha opção seria por vias com o sexo oposto, tenho certeza que vou conseguir (riso)”.

Dificuldades na vivência da paternidade

“Cara, hoje tá muito difícil criar os filhos, acho que desde criança percebemos que a criança pode se envolver em diversos conflitos; pode fazer atitudes erradas, minha preocupação é essa: não saber criar meu filho para ser um cidadão do bem, quero educar meu filho da maneira como minha mãe me criou, educado, companheiro, que ama a família, gosta de fazer amizades, respeita os outros, é paciente, comportamento aceito para a sociedade”.

Comunicação da orientação sexual para filhos

“Tenho consciência da minha orientação sexual, ainda vivo o conflito de aceitá-la, se pudesse ter uma chance de voltar tudo de novo, não gostaria de ser homossexual, para mim todo mundo sofre, mesmo aqueles bem resolvidos sofrem porque a sociedade é cruel com todos que são gays. Se por acaso, lá no futuro eu for pai com o passar do desenvolvimento do meu filho ele perceberia que eu não tinha mulher, não tinha uma esposa, o que seria diferente de outros amiguinhos seus, da escola, da rua onde moraríamos, ele iria me questionar, então estaria em frente de um problema, pois não saberia lidar com isso, encontro aí uma dificuldade na questão de vivenciar a paternidade. Teria vergonha de revelar minha orientação sexual para o meu filho, porque para mim iria decepcioná-lo, pois a sociedade considera normal um relacionamento entre homem e mulher, ser pai sozinho e não ter uma mulher por perto gera desconfiança de outras pessoas, no caso tenho receio que meu filho sofra com a sociedade por saber que sou gay e pai dele, por exemplo, vamos supor que na escola ou na rua onde morássemos alguém soubesse que sou gay, poderiam fazer brincadeiras de mal gosto, e ele não tem nada haver com minha orientação sexual, e por o meu filho está envolvido afetivamente comigo e escutar alguém falar mal de mim, me satirizar devido minha sexualidade com certeza ele iria sofrer, não ficaria contente com essa situação de ser filho de um homossexual, ele sofreria constrangimento, a questão social pesa muito. Não revelaria minha orientação sexual para meu filho, só se fosse muito necessário, ou ele me questionasse, mas evitaria esta situação”.

Educação de meninas e de meninos

“Gostaria de ser pai de uma criança do sexo feminino, tenho o maior medo de ser pai de uma criança do sexo masculino e ela ser homossexual, sei que isto pode acontecer com uma criança do sexo feminino, mas considero que as mulheres sofrem menos do que os homens, pois a sociedade é machista, vivemos em uma sociedade que ser homem é ser muito macho, e ser gay não é legal na sociedade, o homem tem muita dificuldade para vivenciar sua sexualidade homossexual. Por exemplo, é normal duas mulheres de mãos dadas, se for dois homens irão ser ridicularizados, se tivesse um filho do sexo masculino iria amar da mesma forma, não atrapalharia na relação pai e filho, desde cedo construiria uma relação afetiva positiva entre eu e meu filho, teria atenção carinho”.

“Não tenho mais nada a falar, mas queria dizer que essa entrevista me ajudou muito a refletir na questão da paternidade, ainda não tinha parado para pensar nesta questão de ser pai, queria ser pai, mas não tinha feito essa relação com minha questão homossexual, foi muito proveitoso, hoje reflito que ser pai e ser

homossexual requer profundas reflexões, assim como se preparar para realizar este projeto de vida, principalmente para enfrentar a sociedade”.

ANEXO D

A entrevista com ÍTALO

M, S, L, tem 28 anos, fisioterapeuta, trabalhou no núcleo de reabilitação Mateus Sampaio dos Santos na Secretaria de Saúde de Ulianópolis, construiu vínculo de amizade com o pesquisador no período de 2007 a 2009, sendo que revelou para o pesquisador a sua orientação sexual no início de 2009, afirmou que é homossexual e por isso foi convidado a participar da pesquisa, aceitando normalmente. Atualmente mora em Belém, mas no período que fora realizado a entrevista trabalhava em Ulianópolis e morava na cidade. Mora com sua mãe e mais 2 irmãos, tem uma boa relação com eles, com exceção do mais velho.

Afirma que sua família sabe de sua orientação sexual e que faz uns 5 anos que revelou para eles que é homossexual. Preferiu contar a eles porque não se sentia escondendo sua orientação sexual, às tinha que mentir ao sair de casa, verbalizou que se sentia mal em ter que inventar desculpas, por exemplo, dizia para sua mãe que iria sair para namorar alguma menina. Ao revelar sua orientação sexual para sua família relata que os irmãos reagiram normalmente, a mãe não teve uma reação tranqüila, ficou surpresa e ao mesmo tempo demonstrou tensão com a notícia.

Na semana que se seguiu da revelação que era homossexual a sua mãe ficou agressiva, tudo era motivo de briga, de confusão, até porque seu irmão mais novo também revelou que era gay e havia contado para ela na semana anterior à sua revelação, *“na verdade a atitude do meu irmão me encorajou a contar para minha família”, “então foram acontecimentos fortes em um curto espaço de tempo, imagina uma mãe descobrir em duas semanas que dois de seus filhos são gays?, é muita preocupação para uma pessoa só”* . Comentou, também, que neste mesmo período a irmã mais velha saiu de casa pra morar com o namorado, o que agravou o estado de saúde mental de sua mãe *“ela ficou hiper agressiva na semana que seguiu, mas depois a chamei e conversei, falei pra ela que não deveria se preocupar que eu tinha a cabeça no lugar e ela só pediu que não queria ver vulgaridades em*

casa, depois ela entendeu e hoje em dia é tudo de bom, conversamos sobre o assunto e ela até me aconselha". Informou que vulgaridade refere-se aos comportamentos de se vestir de mulher, chamar atenção, chamar palavrão, transar com o primeiro que conhece, falar somente em sexo, entre outros.

Relatou ao pesquisador que percebeu que era gay desde cedo, nunca teve essa dúvida, *"desde que me entendo por gente, que tenho consciência de minha existência, sempre tive atração por homens. Mas quando pequeno, também sentia atração por mulheres, só que essa atração foi morrendo na medida em que fui crescendo"*.

Não soube afirmar qual idade começou a sentir atração por homens, mas revelou que isto aconteceu durante a infância, com as crianças que eram seus vizinhos, durante as brincadeiras de rua "esconde-esconde", por exemplo, *"coisa de criança "esfrega-esfrega", essas coisas, nada de afetividade, ainda era fase de descoberta né, tanto para mim quanto para eles"*.

O entrevistado comentou que nestas primeiras experiências da infância havia manipulação do órgão genital de ambas as partes, que na época devia ter 7 ou 8 anos de idade, e este desejo pelo corpo masculino aumentou na adolescência. Para esconder sua homossexualidade chegou a namorar com meninas, mas nada que o levasse a esquecer sua orientação sexual como afirmou na entrevista. Revelou que teve a sua primeira relação sexual com homem quando estava na faculdade, tinha uns 22 ou 23 anos. Conheceu o rapaz na internet e afirmou que foi inesquecível *"a experiência foi boa (a primeira), apesar de ser passivo (riso!)"*

Informou ao pesquisador que atualmente é versátil, gosta de ser passivo e ativo e que suas preferências acabam fazendo ser o *passivo "tenho a ideia de que homem macho é o ativo, passivo ou versátil são meio afetados sei que é uma ideia preconceituosa, mas procuro me relacionar com ativos, e por isso quando transo com eles, acabo por ser o passivo da relação"*.

Segundo o entrevistado já houve casos em que os ativos não eram tão ativos e tinham vontade de experimentar a questão da passividade, e mesmo acabou sendo ativo com eles. Confirmou que apesar de se relacionar com mulheres na adolescência não teve relação sexual com nenhuma.

Relatou que não tem uma boa relação com seu pai biológico, *“ele foi ausente na minha vida”*. *“A minha mãe biológica teve um relacionamento passageiro com o meu pai, após uma festa chegaram a namorar e ela ficou grávida, o meu pai não quis assumir a gestação, e quando nasci minha mãe biológica não teve condições de me criar e me deu aos 7 meses para minha mãe de verdade, que me adotou e convive comigo até hoje, a minha mãe adotiva é minha tia paterna”*.

Verbalizou que seu pai biológico convivia na mesma casa que sua e mesmo morando no mesmo lar nunca foi presente, usava de violência, *“por exemplo, se ele me visse com a mão na cintura, ele me batia porque aquilo era coisa de gay”*, *“ele era machista!, lembro que certa vez minha irmã passou “base” de esmalte na minha unha e ele viu, na hora do banho tirou a base com a escova de lavar roupa, esfolando todo meu dedo, poxa era criança, ele hiper machista (emoção)*. Afirmou que toda sua família era machista, mas com o passar do tempo eles mudaram, *“minha família é de origem humilde mas muito aberta a novas ideias, as vezes eu analiso o quanto eles mudaram em pouco tempo. Tomo como exemplo minha mãe, acho que se eu tivesse falado para ela que era homossexual na época que meus avos estavam vivos, ela teria me mandado pra fora de casa”*.

Afirma que só falou que era homossexual porque se sentiu a vontade pra falar *“eu disse que era gay porque vi que minha família estava menos machista e menos preconceituosa”*.

Acredita que a ausência do seu pai pode ter contribuído para desencadeamento de sua homossexualidade, mas não generaliza isso, pois para ele existem casos em que o pai é presente e ainda assim ocorre a homossexualidade. Informou que tem uma ideia incomum da homossexualidade *“eu vejo o homem como um ser social e sexual, falo da natureza humana, o homem como todo animal tem apetite sexual e procura saciar esse apetite claro que segundo a natureza, a evolução, deveria ser um macho e uma fêmea, mas não vejo o sexo entre parceiros do mesmo sexo algo que contrarie a normalidade. Não vejo a homossexualidade como doença que precisa de um fator desencadeante, acho que já vem da pessoa, do íntimo dela, analiso pelo lado biológico da genética, às vezes as pessoas me perguntam por que eu gosto de homem, ai faço outra pergunta “você sabe me responder porque você gosta de mulher” a pessoa responde que é*

natural, e eu pergunto "quem disse que é natural?" e dou duas opções: você ou a sociedade? O fato é que é algo íntimo e pessoal de cada um. O gostar, o amor não pode ser explicado.

Considera que o social e o ambiente têm participação na formação do caráter da pessoa e não se ela é ou não gay, deu como exemplo os padres da igreja católica que vivem em um ambiente diferenciado e ainda assim praticam relações sexuais e homossexuais. Relatou que neste assunto é determinista *"eu acho que o social e o ambiente determinam o caráter da pessoa, se ela convive com pessoas de bem, será um gay de bem, diferenciado"*.

O participante da entrevista confirmou para o pesquisador que está em seus planos construir família, ter filhos futuramente, por isso o mesmo foi incluído na pesquisa. Suas significações em relação à paternidade serão apresentadas seguindo o roteiro de perguntas semi estruturadas. Decidiu ser chamado por Ítalo, pois gostou dos nomes gregos de outros entrevistados, e assim este será identificado por Ítalo nesta pesquisa. Afirmou que não pensa em ter um parceiro, pois está decepcionado com o meio gay no que tange à relação homoafetiva duradora, planeja ter sua casa, seus bens, e adotar 3 filhos *" Quanto a um parceiro, não penso muito nisso não, hoje em dia a homossexualidade caiu em uma círculo vicioso de sexo e vulgaridade as pessoas (não todas, é claro) não pensam mais em constituir famílias, ter relações estáveis querem apenas curtir, transar, essas coisas e isso me decepciona um pouco com o meio e perco a vontade de ter um parceiro, isto fica em segundo ou até em terceiro plano"*.

Qual o significado da paternidade para você?

"Para mim, paternidade significa você dar a alguém a oportunidade de ter uma vida digna, de educar, repassar todos os valores e princípios que você recebeu, é como se você tivesse repassando um pouco de você para alguém, um pouco de amor, de carinho, de dedicação, e você faz parte da vida deste alguém sem interesse financeiro, somente afetivo. O pai é importante na formação do caráter da pessoa que é responsável, repassando valores positivos. Ao educar seu filho o pai passa a ele tudo aquilo que recebeu quanto de valores e princípios. A presença do pai (assim como da mãe também) é importante na formação do caráter da criança, pois ele vai passar para essa criança tudo aquilo que recebeu em sua educação. Mas isso pode resultar em algo positivo e negativo. Se os princípios e valores dos

pais são ruins, ele passará para o filho de forma natural. O filho por sua vez, será educado seguindo essa educação que os pais lhe oferecem. Um pai presente, que tem bons valores e princípios a passar para seus filhos, com certeza estará criando cidadãos conscientes e honestos". Eu sou um exemplo: minha mãe recebeu bons valores dos meus avôs e repassou para mim e para meus irmãos, e a educação que recebemos, é a que vamos repassar para nossos filhos, e assim nossa família vem agindo com o tempo, sendo reflexo no fato de até hoje em minha família, mesmo tendo origem humilde e morando em um bairro perigoso de Belém, nunca sofremos influência da marginalidade. Nunca em nossa família tivemos alguém que vivesse de forma ilícita.

De que maneira pretende alcançar a paternidade?

Pretendo adotar 3 crianças. Considero que no Brasil, de acordo com a atual lei, pessoas solteiras podem adotar, não preciso revelar minha orientação sexual. Pretendo adotar a criança quando ela estiver bem bebe confesso que minha preferência é bebe porque assim posso educá-lo desde pequeno, às vezes alguns pais tem problemas com a adoção de crianças grandes porque essas já tem uma parte da personalidade formada e isso pode causar conflitos. Não penso em filhos biológicos. Já pensei no passado, hoje em dia não, prefiro adotar até mesmo porque seria uma espécie de dar e repassar tudo o que fizeram por mim, uma espécie de agradecer por eu ter sido adotado e ter a vida que tenho, eu gostaria de proporcionar o mesmo a outras pessoas, nunca tive problemas por ser adotado, pelo contrário. Dou graças a Deus por isso.

Utilizará de métodos artificiais para alcançar a paternidade?

Já pensei em inseminação artificial com uma amiga lésbica, mas daria trabalho demais. Aceitaria sobre algumas condições, se eu tivesse participação na educação dele, não ia me sentir bem em apenas doar semem e depois agir como se aquela criança não tivesse uma parte minha, acho que nem saberia agir dessa forma. A criança até poderia não viver comigo, mas não gostaria de ser excluído da vida dela. Bem, uma vez planejei ser pai de uma amiga minha que é lésbica, mas como ela não é assumida, eu teria que fingir que era namorado, teria que ter todo aquele processo de ir a casa, namorar ficar noivo, casar, essas coisas, até pintar a gravidez. Seria muito trabalho para algo que pode ser resolvida de forma mais simples. A adoção hoje no Brasil está deixando de ser complicada. E sem contar que tem muita gente precisando de família, de pais. Por esse motivo prefiro ser pai por adoção.

Você revelaria a sua orientação sexual para o seu filho?

Sim. Mas eu o educaria como heterossexual, ia incentivar a heterossexualidade dele, eu não esconderia que era gay, mas se meu filho chegasse da balada eu não ia chegar com ele e perguntar "e aí, pegou algum cara" vou perguntar "e aí, pegou alguma gatinha" na escola, eu falaria e aí, tem alguma menina lá que você esteja interessado? Essas coisas. Mas se ele chegasse um dia e dissesse que gosta de homens, eu levaria a coisa normalmente. Até porque se ele for gay, não serei eu que vou mudar ou implantar tal condição nele. Voltando ao início da conversa, eu acho que isso é de cada um. Pretendo dizer para ele que sou

gay, desde pequeno já. Não quero que meu filho fique constrangido com piadas no colégio quero que quando ele sofra piada, ele não se ofenda, quando alguém disser que os pais são gays, não quero que ele veja a homossexualidade como coisa do outro mundo. E não quero que crie paranóias e problemas na cabeça dele. Quero que ele saiba conviver com isso.

Quais as dificuldades que enfrentaria para vivenciar a paternidade?

“Como dificuldades eu vejo mais a pressão externa, da sociedade. Sei que não é a mesma coisa uma família gay e uma heterossexual, mas tipo, também não vejo grandes diferenças. É claro que não vou ficar me agarrando com meu parceiro na frente de meus filhos, mas isso acho que nem um casal heterossexual deve fazer. Dentro de casa não consigo ver dificuldades, se tiver diálogo entre pai e filhos. Para mim tais dificuldades vem da parte externa, a pressão da sociedade, dos amigos, etc. Se o jovem não tiver muito preparado, ele poderá levar isso pra dentro de casa e pode criar problemas na convivência em família”.

Você considera tem diferença em ser pai de um filho ou de uma filha? Comente.

“Tem no tipo de educação que vai dar a ela. Não é a mesma coisa criar um filho de uma filha. Exemplo? Um filho não menstrua, não fica grávido. Não tem problemas hormonais como uma filha. Então criar um homem não é a mesma coisa de criar uma mulher, mas quanto ao repasse de valores, não muda em nada. Quando adotar prefiro homens, justamente pela facilidade, com mulher a coisa é um pouco mais complicada, ainda mais que vou ser pai solteiro, não é que pretendo vivenciar a paternidade sozinho, eu adoraria um companheiro mas deixo essa parte para segundo plano, pode acreditar não existem muitos dispostos a isso no meio gay, mas se aparecesse alguém eu dividiria o mesmo teto com ele e meus filhos, com certeza! Gostaria de fazer algumas considerações a cerca desta pesquisa, sei lá falar mais um pouco do que penso: Esta pesquisa pode ajudar a sociedade como um todo, na verdade, acho que ajuda mais o meio heterossexual, sai um pouco do alegórico gay, que se entende que gay só vive em festa, em bar, que só pensa em sexo, o meio heterossexual tem uma visão deturpada, gay também pensa em família, esse estudo mostra o contrário, que grande parcela se preocupa com a sociedade, com relação estável, com problemas sociais, tem a oportunidade de mostra que existe uma parcela que pode e quer repassar bons valores que quer contribuir para redução de violência, ou seja, que tem uma parcela que quer fazer sua parte para a melhoria da sociedade, para os gays isso melhora se os heterossexuais passarem a aceitar com mais naturalidade, com mais respeito, por que essa parcela sempre existiu e sempre vai existir. A aceitação do homossexual pelos heterossexuais e a desconstrução do preconceito depende muito da educação que a pessoa heterossexual teve, já vi casos em que a família expulsa sumariamente a pessoa da casa, mas também já vi casos em que a relação até melhora. Com meu melhor amigo foi assim, eu não contava achando que ele ia me desprezar quando resolvi contar e correr o risco, me surpreendi acabamos que ficamos mais amigos ainda, e ele hoje me dá maior apoio e me pressiona pra assumir, pois, segundo ele "eu não devo nada a ninguém e ninguém tem nada a ver com a minha vida. Assim como também tive amigos que se afastaram quando souberam, as pessoas reagem diferentes, um comportamento é diferente do outro,

não é uma regra. Depende muito da personalidade da pessoa e do nível afetivo que ela tem com você. Uma pessoa que te ama como amigo de verdade, não vai deixar de te amar como tal por que descobriu que você é gay”.

“Cara é bom salientar que a sociedade mudou muito nos últimos tempos, hoje em dia a homossexualidade não é mais encarada como antes não, sei que ainda está longe de ser o ideal, mas tipo, eu vejo alguns amigos que fazem uma tempestade, dizendo que vão sofrer isso e aquilo, que vão atirar pedras nele na rua se ele assumir, e não é bem assim. Acho que o mundo não é tão feio quanto as pessoas aprenderam a pintá-lo, acho que esse medo é algo tradicional já, mas que não se justifica nas atuais circunstâncias. Sei que ainda existem focos de violência, de preconceito, mas não como antes. Eu ando pela rua e vejo gays, transexuais e etc, andando e no máximo o que acontece é uma olhada, uma olhada de canto de olho, mas não vejo ninguém ofendendo, não vejo agressão física nem mora. No Brasil já tem leis que protegem relação homo afetiva e tenho a certeza que em breve no país também será aprovado o casamento entre pessoas do mesmo sexo. Na verdade a sociedade acha que todo gay é igual a afeminados, vulgares, que chamam a atenção, por que são os que logo a gente percebe, aí eles acham que a maioria é assim, mas na verdade não, a maioria é diferente, inclusive muitos são casados, tem filhos, namoradas, noivas, são advogados, médicos, terapeutas, fisioterapeutas, dentistas, são políticos, são gestores, são pessoas que estão do nosso lado e não sabemos, muitos são empresários, artistas, ricos, ocupam grandes cargos em grande corporações. Então esse preconceito tem que acabar. E esse tipo de estudo serve pra contribuir com isso, para mudar a visão de como os gays são vistos e tratados. Mostrar que gay não é sinônimo de sexo, de vulgaridade, que gay pode ser também (e é) sinônimo de amor, de afeto, de trabalho dedicação, companheirismo, amizade, família, responsabilidade, honestidade, e por ai vai...”

ANEXO E

A entrevista com ZEUS

Na Secretaria de Saúde de Ulianópolis trabalhei no Hospital Municipal e neste local conheci E.M.L, enfermeiro, natural de Belo Horizonte, Minas Gerais. Mora na cidade faz três anos, trabalhamos juntos na Secretaria de Saúde de Ulianópolis, em um departamento chamado IEC (Informação, Educação e Comunicação). O enfermeiro é o diretor da Epidemiologia, e todas as ações de saúde do município eram realizadas conjuntamente pelo departamento de Epidemiologia e IEC. O enfermeiro atualmente tem namorado, o mesmo trabalha em Paragominas, considera que seu relacionamento está estabilizado, e confirmou que deseja futuramente construir família, e atualmente gostaria de realizar isso com seu atual companheiro. Realizou-se o procedimento descrito na metodologia, convidando o mesmo para fazer parte da pesquisa, no início se mostrou resistente em participar, mas depois de informado da seriedade da pesquisa aceitou o convite do pesquisador. Foram agendados três encontros que serão descritos a seguir:

O PRIMEIRO ENCONTRO:

Conhecer a história de vida deste rapaz foi o principal objetivo do primeiro encontro, pois o pesquisador estava interessado em saber aspectos de sua subjetividade, principalmente os relacionados com a sua homossexualidade. Sugeriu-se para o mesmo escolher um nome fictício e relatou-se que o primeiro entrevistado escolheu um nome da mitologia grega, então o mesmo decidiu ser chamado por Zeus.

Zeus relatou que quando tinha 6 anos de idade chamava bastante atenção, era uma criança bonita, bem branquinha, olhos claros, tinha 4 irmãos, brincava sempre com eles no quintal de sua casa. Aliás, esta ficava sempre cheia de meninos, pois todos vinham brincar com ele e com seus irmãos. Disse que brincava

bastante com um vizinho, dois anos mais velho que ele, e este sempre freqüentava a casa de Zeus.

O entrevistado disse que tem pouca lembrança de como começou a se interessar por pessoas do mesmo sexo que o seu, mas diz que alguns fatos vêm à sua memória. Certa vez estava brincando com este vizinho quando o mesmo o convidou para ir para o saguão de sua casa, lá não sabe explicar ou lembrar de quem começou, mas os dois trocaram a afetividade, sendo que não houve nada de penetração, mas houve contato dos órgão genitais, sendo que Zeus relatou que lembra que teve uma sensação boa. Isto sempre se repetia quando os dois meninos brincavam, e o entrevistado verbalizou que começou a parti daí a ter prazer pelo pênis, pois gostava de ver o órgão genital de seu amigo. Certa vez a sua irmã viu as duas crianças trocando afetividade, não lembra se apanhou de sua mãe, o pai tava viajando, disse que ficou com muito medo quando o seu pai soubesse da história, quando seu pai chegou de viagem a sua mãe contou a história para ele, o rapaz pensou que iria pegar uma surra, mas o mesmo só pediu para ele não fazer mais isso, pois homem devia gostar de mulher. O tempo foi passando, mas o desejo por homem não foi diminuindo.

Do lado de sua casa morava seu tio, sempre o menino ia visitar e brincar com sua prima. Certa vez viu o seu tio trocar de roupa na sua frente e segundo o entrevistado gostou muito do que viu, e cada vez mais se interessava pela anatomia masculina. Durante a sua infância se envolveu em vários jogos sexuais com seus amigos, e na adolescência começou a ter afinidade nas amizades com as meninas, neste período foi um momento de grande sofrimento e de violência psicológica principalmente na escola, pois segundo o rapaz ele era afeminado e motivo de gozação pelos meninos de sua turma e no colégio em geral. Recebia diversos apelidos “bichinha”, “mulherzinha”, “viadinho”, “mariquinha”, não sendo respeitado, nenhum menino gostava de conversar e fazer amizade com ele, isso piorava na educação física, pois não tinha aptidão para o futebol, esporte de grande identificação para os meninos, o que fez sentir sensação de exclusão, de inferior, de preconceito.

Também relatou que na adolescência sofreu muito, pois os garotos começaram a demonstrar interesse pelas meninas, sendo permitido demonstrar o

interesse sexual, o contrário era para Zeus, que teve que esconder seus desejos e preferências por meninos por muito tempo, pois temia que sua família soubesse e que fosse discriminado também dentro de sua própria casa.

Decidiu então estudar bastante, passou a refletir que se tivesse um bom nível intelectual seria respeitado na sociedade, aos 14 anos conheceu um grupo de amigos de sua escola, 4 garotos que não o discriminaram, e foi a convivência com eles que fez com que Zeus ficasse mais masculinizado, modificando a sua conduta de afeminado. Nesta época começou a ficar com meninas, apenas um fica, nada mais sério que isso, isso porque queria que seus novos amigos o admirassem e cada vez mais parecer que era heterossexual, pois ao demonstrar comportamento feminino sofreu bastante preconceito.

Zeus afirmou que se esfoçava bastante para seus relacionamentos com mulheres darem certo, mas sempre se desinteressava, e terminava “fiz muitas meninas sofrerem!”, “num dia dizia que estava gostando, no outro dia inesperadamente terminava...”.

Somente aos 22 anos teve sua primeira relação sexual com homem teve também relação sexual com mulheres, mas relata que o seu desejo sexual é por homens “sempre foi, se colocarem um homem e mulher nus na minha frente vou ter excitação pelo copo do homem, me envolvi com mulheres, mas não tinha excitação, só ficava excitado se tivesse algum carinho por ela, para mim funciona assim: pode a mulher mais bonita do mundo ficar a fim de mim, mas mesmo assim não me interessa”.

Atualmente a sua família sabe de sua orientação sexual, bem como seus melhores amigos, disse que sofreu muita tensão para revelar o “seu segredo” e sair do armário, mas que agora vive uma vida mais tranqüila e saudável, seus irmão e pais no início estranharam, dizendo que isso era apenas uma fase ruim de sua vida, mas agora entende que sua felicidade está associada a viver sem mentiras orientação sexual.

Zeus namora com um rapaz há 8 meses, seu namorado está numa fase diferente, pois a família dele não sabe de sua orientação sexual, disse que se tudo der certo gostaria de construir família com seu parceiro. Durante a entrevista Zeus

confirmou que deseja futuramente ser pai, por isso o mesmo foi incluído na pesquisa, sendo que sua entrevista será descrita abaixo:

Qual o significado da paternidade para você?

“Quando penso na palavra pai vem logo no um pensamento o significado de proteção, alguém que tem responsabilidade por outra pessoa, que vai cuidar dar carinho, ensinar valores éticos, educar para a pessoa ter um carinho, ensinar valores éticos, educar para a pessoa ter um comportamento aceitável e sociedade. Para mim, independente do sexo, a criança se espelha em seu pai, na sua conduta, no seu modo de agir, desta forma penso eu que a figura do pai é essencial para o desenvolvimento da criança. Agente não nasce sabendo ser pai, assim como não se nasce sabendo ser mãe, acredito que só irei ter essa sensação real do que é ser pai quando carregar meu filho no colo, olhar para ele e perceber que aquele pequeno que acaba de nascer é alguém que irei amar pelo resto da minha vida, que vou ser responsável economicamente por ele, que vou ajudá-lo a aprender diversas atividades: caminhar, tomar banho, falar, comer, entre outros, querer ser um grande amigo para meu filho. Eu não preciso estar casado com uma mulher para vivenciar a paternidade, posso acompanhar e ajudar meu filho nas diversas fases de sua vida”.

Pretende vivenciar a paternidade sozinho ou com seu parceiro?Comente.

“Eu quero ter um filho, ser o pai dele e estar presente nas diversas fases de sua vida, assim como pretendo construir futuramente um lar com meu parceiro, com a pessoa que vou estar me relacionando. Mas não pretendo envolver meu parceiro neste meu projeto de vida que é a paternidade. Até porque não sei se o meu futuro parceiro estará com o desejo de vivenciar a paternidade. Então, se perguntas como pretendo vivenciar a paternidade digo que sozinho, pois sei que isto me fará feliz, realizado como homem, mas afirmo que isto é um projeto meu, além disso, considero que meu filho não vai morar comigo e sim com a mãe dele”.

Como pretende ser pai?

“Primeiro queria dizer que é do meu desejo ter um filho biológico, sei lá, sonho que alguém tenha a minha genética, quem não sonha? Quem sonha ter um filho parecido consigo, aliás, é a primeira pergunta ou observação quando alguém tem um filho: com quem se parece: com o pai ou com a mãe?Eu tenho esse desejo, ter um filho meu mesmo, não pretendo adotar, não está nos meus planos, e também não pretendo assumir filhos provenientes de relacionamentos anteriores (caso o meu parceiro futuro tenha). Informo que antes de assumir minha orientação sexual namorava com mulheres, tive relação sexual 4 mulheres, minha última namorada conviver com ela 6 meses, terminamos, hoje ela sabe que sou gay, não ficou nenhuma mágoa, ela ainda não casou e uma vez ela me disse que se não casar até os 32 anos e ainda não tiver filho ela gostaria de engravidar de mim, perguntei se era sério ela respondeu que sim, então pretendo ter um filho com mulher sim, sendo que a criança iria morar com a mãe, mas teria responsabilidade pela criança, eu iria acompanhar as diversas fases de sua vida”.

Utilizará métodos artificiais para alcançar a paternidade?

“Não, porque gostaria que a mãe do meu filho fosse alguém que eu conhecesse, e não uma pessoa desconhecida como é o caso de uma pessoa que utiliza os meios da barriga de aluguel, considero que um filho deve ser proveniente de uma relação entre duas pessoas que se conhecem, por exemplo, a minha ex-namorada que hoje é minha amiga considero uma pessoa muito especial na minha vida e com certeza futuramente eu gostaria de ser pai do filho dela. Caso não conseguisse que nenhuma mulher fosse a mãe do meu filho, preferiria não utilizar outros meios para se alcançar a paternidade”.

Quais as principais dificuldades que considera encontrar para vivenciar a paternidade?

Ser gay não é algo ao natural. Querer ser pai e ser gay soa estranho para a sociedade. As pessoas pensam que ser gay é vestir saia, andar desmunhecando, falar fino, querer assumir atitudes de mulher. Claro, há homens que se satisfazem, se sentem bem incorporando os traços femininos. Cada um deve ser feliz do jeito que acha melhor. Mas esse não é o meu caso, pois me considero bem masculinizado. Considero que as dificuldades enfrentadas no que diz respeito à vivência da paternidade está relacionado com o próprio preconceito da sociedade. Poderia receber comentários negativos tipo “como um gay pode querer ser pai?”; “a criança precisa da presença do pai e da mãe!” ; um pai gay não seria um bom exemplo para o seu filho”; o pai que é gay pode contribuir para influenciar na orientação sexual de seu filho”; “ o gay pode se aproveitar sexualmente da criança”; o que não é verdade, parece que as pessoas pensam que o homossexual é um perigo para as crianças, para as pessoas, como se fosse um germe que causa mal, por exemplo não me considero assim, já me considerei estranho, diferente, com complexo de inferioridade, mas agora me sinto como se não fizesse nada de ruim, nem para mim e nem para ninguém. Não penso só em sexo, e muito menos me aproveitar de crianças; sou uma pessoa comum semelhantes a outras (me refiro aos heterossexuais), uma homem com sentimentos, que quer amar, ser amado, construir algo do lado de alguém, que quer ser respeitado em suas escolhas, atitudes e ações, aliás é o que todo mundo quer, não é?também posso ter as dificuldades naturais de vivenciar a paternidade, pois ninguém nasce sabendo ser pai, mas o convívio com a criança e o amor que depositamos para ela vai fazendo agente aprender a lidar com as situações do dia-a-dia, acho que se você perguntar para um pai se ele tem dificuldades em ser pai ele vai responder que sim, pode ser desde dificuldades econômicas até mesmo de relacionamento com o filho, ter dificuldades na relação pai-filho é muito normal, aliás em qualquer relacionamento.Tenho também receio de como meu filho poderá reagir quando perceber que seus pais não convivem no mesmo ambiente como na maioria das famílias, pois falei que quero ter um filho com uma mulher e a criança morar com ela, mas se por acaso a mãe me dar a criança para criar farei isso com a maior tranquilidade, mas neste caso morarei apenas eu e a criança, não colocarei alguém que estou me relacionando para conviver comigo, não até a criança ficar maior e eu puder conversar com ela para ela entender minha orientação sexual, tenho receio que a criança sofra por não ter os pais juntos convivendo no mesmo ambiente, mas também considero que se os dois (mãe e pai) darem carinho, atenção, e ter uma boa relação de amizade com seu filho isso poderá ser superado.

Você revelará sua orientação sexual para seu filho?

“Isso é muito relativo, depende da idade da criança, acho que mas cedo ou mais tarde meu filho vai perceber que sou diferente de outros homens, que não namoro com mulheres, que tenho um companheiro, mas deixaria ele ficar com uma idade maior, mas se por acaso ele perguntasse mais cedo com certeza de uma maneira bem pedagógica eu revelaria para ele que sou gay, mas claro iria trabalhar isso de uma forma que ninguém sofresse, por exemplo diria para ele que isso nada mudaria a nossa relação, que ele continuaria sendo o grande amor da minha vida, e que nossa relação de pai e filho não se enfraqueceria por causa disso, mas posso esperar diversas reações, por exemplo se ele ficasse assustado, com medo, decepcionado, triste eu iria entender perfeitamente, pois muitos da minha família reagiram assim, quando saí do armário, então digo que posso esperar diversas reações da criança, mas acho que com o tempo isso seria modificado, o amor entre pai e filho é muito maior que tudo isso, com certeza!”

Considera que há diferença entre ser pai de uma criança do sexo feminino e uma criança do sexo masculino? Comente.

“Não, para mim é a mesma maneira de ser pai, não importa se é do sexo masculino ou do feminino, o amor é o mesmo quando se refere à paternidade!”

ANEXO F

A entrevista com PERSEU

Perseu 36 anos, atualmente mora com uma tia, uma prima e uma sobrinha, tem uma família composta por 6 irmãos e sua mãe. É formado em biologia bacharelado pela Universidade Federal do Pará (UFPA), atualmente está solteiro. Em relação à sua família confessou que já teve diversos conflitos em virtude de sua sexualidade, mas considera que atualmente tem uma boa relação com seus familiares, informa que os mesmos não demonstram discriminação com ele ou o desrespeitam por ser homossexual.

O pai de Perseu é falecido, o entrevistado confirmou que o mesmo não foi presente em sua vida, o rapaz tinha 29 anos quando o seu pai faleceu, e não tinha nenhuma relação de amizade e afinidade com ele, o seu pai saiu muito cedo de casa, tinha outra família, Perseu conta que sentiu muito a ausência física, econômica e afetiva de seu pai, que nunca era carinhoso com seus filhos. Disse que certa vez foi procurar seu pai junto com seu irmão, pois sentia falta dele e não foi bem tratado por seu genitor, sendo que seu pai gritou com ele e seu irmão, a partir deste dia afirma que alimentou um sentimento de raiva pelo seu pai.

A relação com sua mãe é bem melhor, afirma que apesar dela ter trabalhado bastante e ser ausente em vários momentos sempre que tinha tempo sabia muito demonstrar o carinho e atenção para os filhos, e isso se repete até nos dias de hoje, pois segundo o entrevistado tem uma ótima relação com sua genitora, mesmo após ter relado sua orientação sexual, “parece que nos tornamos mais amigo”.

Afirma que durante a sua infância se sentia diferente de seus irmãos homens, percebeu isto por volta dos 6 anos de idade, principalmente nas brincadeiras de meninos, não se sentia a vontade, com naturalidade, tinha dificuldade para se socializar com outros garoto, por esse motivo acabou criando o seu próprio mundo de brincadeiras, relata que era muito sozinho, não gostava de se relacionar com as crianças de sua idade. Na infância não falava muito, considerava-se tímido,

introspectivo, escutava mais, todos o consideraram comportado, não sentia prazer em brincar com outros meninos de sua idade.

Lembra que durante a infância se esforçou para brincar com os meninos, mas sempre era frustrante, não se sentia bem, não era algo natural, sempre se envergonhava, confessa que sentia que essas brincadeiras não faziam parte de seu universo. Durante o início da vida escolar diz que conviveu com a implicância de alguns alunos da escola onde estudava, pois os mesmos perceberam que o comportamento de Perseu não era comum a de outros garotos.

Afirma que percebeu que era gay aos 8 anos de idade, pois um acontecimento fez desencadear os seus desejos homossexuais, afirma que a homossexualidade é pré determinada , a pessoa já nasce para ser homossexual, fez uma ligação com a questão genética. Sua primeira experiência foi com um primo de 14 anos, o mesmo foi morar com a sua família e confessa que o mesmo se aproveitou dele, por ser maior de idade e ser “malicioso”, como Perseu era bem novo não entendia muito o que acontecia, verbalizou sobre violência sexual contra a criança, considera que sofreu isso. No ato com seu primo não houve espécie de penetração, apenas estímulos, toques, sendo que seu primo dizia que o que faziam era segredo entre eles e que não era para Perseu contar para ninguém. O primo deixou de morar com a família de Perseu, desde esse momento o entrevistado não teve mais contato com seu primo, mas considera que após esse episódio com o primo houve conflitos internos, as cenas, sensações e desejos vividos com o primo nunca mais saíram de sua memória, e o desejo de viver isto novamente com uma pessoa do mesmo sexo aumentou com o tempo e com seu desenvolvimento. Informou que reprimiu bastante seus desejos, por medo, vergonha, pois sentia que isso não era comum para a sociedade, mas depois refletiu que estava se enganando, pois tinha a sensação que o que sentia iria acompanhá-lo pelo resto de sua vida.

Isto aumentou bastante na adolescência, mas camuflava bastante seus desejos por pessoas do mesmo sexo *“tinha medo e vergonha das pessoas descobrirem a minha verdade, não me sentia bem com essa situação”*.

A sua primeira relação sexual com homem foi aos 32 anos, afirma que namorou com meninas, mas nada sério. Durante o seu desenvolvimento na

adolescência relata que sua família não desconfiou o ensinou a sua homossexualidade, afirma que quando revelou para seus parentes sobre sua orientação sexual este processo foi conflitante. Diz que aos 32 anos começou a se relacionar e namorar com um rapaz de sua mesma idade, e o seu relacionamento começou a ficar sério chegando ao ponto de não ser mais possível esconder a sua relação, por isso acabou revelando a verdade sobre a sua orientação sexual para sua família, considera que seu romance foi um momento para amadurecer a sua aceitação em relação à sua homossexualidade, decidiu que queria ter um relacionamento com outro homem, pois antes não se sentia bem, tinha preconceitos consigo mesmo, não era capaz de se relacionar com homens, se sentia enojado, afetava sua masculinidade, quando começou a namorar para valer afirma que às vezes se pegava pensando “poxa, como posso tá namorando com homem?”, suas primeiras experiências sexuais não se sentia bem, mas depois que o sentimento do gostar surgiu estas ações foram se tornando menores e começou a se aceitar, sendo que não deixa de frisar que suas sessões de psicoterapia também o ajudaram bastante a aceitar sua própria identidade e subjetividade.

Perseu confirmou que quer construir família, em ter uma companhia para construir algo no futuro, algo em comum, acredita na estabilidade entre homens, mas para isso é necessário encontrar alguém com os seus mesmos objetivos de vida, sabe que no mundo gay é muito difícil encontrar fidelidade entre os casais, mas há as exceções, casais que conseguem uma boa convivência e relação de companheirismo e cumplicidade.

Relatou que quer alguém do seu lado futuramente para ser seu companheiro, amigo, para dar e receber carinho, como qualquer casal, acredito nesta possibilidade de construir família com alguém do mesmo sexo que o seu, e se esta relação ficar com bastante estabilidade pode-se cogitar a possibilidade de filhos para aumentar a família, pois é natural do ser humano a questão de sentir o desejo de vivenciar a parentalidade. O entrevistado confirmou o desejo de ser pai e que gostaria de ter um filho biológico utilizando para isso de métodos artificiais, suas significações em relação à paternidade estão descritas a seguir:

Qual o significado de paternidade para você?

“A princípio considero paternidade sinônimo de direção, quando você se propõe a ter um filho você será um cuidador, não deve ser ausente, deve ganhar respeito desse seu filho, saber conduzir a vida deste ser que você se torna responsável, também se fazer presente, apesar de meu pai ter outra família era poderia ter sido presente na minha vida, a criança quando está em desenvolvimento precisa dos pais, precisa de alguém para se espelhar, hoje tudo que tenho de princípios e valores busquei por minha própria conta, nada foi de meu pai, ainda bem que cresci tenho bons valores como pessoa humana, esses vão ser repassados, para ser pai deve-se ter maturidade psicológica, para se passar valores para a criança, pois desde cedo ela aprende o que é certo e o que é errado, por isso ela precisa de alguém para direcioná-la com mais clareza em sua vida e o pai é muito importante, pois deve observar se seu filho está praticando atos corretos e errados e se forem errados corrigi-los”.

Como pretende alcançar a paternidade?

“Considero que para alcançar a paternidade deve estar apto para isso através da maturidade psicológica, estabilidade financeira e o modo como deve alcançar, principalmente quando não se é heterossexual. Considero que já tenho maturidade psicológica para ser pai, está faltando a estabilidade econômica que creio que logo irei alcançar, e depois disso vou procurar uma mulher, pois quero um filho biológico, que será por método artificial, ou então por sexo mesmo, para mim isto seria possível, os dois casos”.

Quais as dificuldades encontraria para vivenciar a paternidade?

“Acredito no questionamento dos filhos. Não ligo para a sociedade, o que ela vai pensar dos meus atos, das minhas ações. Considero que meu filho irá perceber que sou diferente, ele iria perguntar porque não tinha uma mãe e um pai”.

Você revelaria sua orientação sexual para seu filho?

“Com certeza, pois na minha vida escolhi não esconder a minha homossexualidade, não seria justo esconder de meu filho. Devo repassar valores para meu filho, principalmente no que diz respeito pelo outro pelas suas escolhas e vontades, se a sociedade o discriminar por ter um pai gay vou educá-lo para não sofre com isso, ele agirá de forma normal com essas agressividades preconceituosas. Eu revelaria para meu filho que era gay quando percebesse que ele o momento que ele tivesse alcançado a maturidade para entender minha orientação sexual”.

Considera que há diferenças em ser pai de um menino e uma menina?

“Considero que o sexo masculino é mais agressivo, o feminino é mais dócil, tenho a certeza que se tivesse uma menina como filha ela aceitaria minha orientação sexual com mais facilidade, agiria com maior naturalidade, diferente do menino, mas se a educação for sólida não terei problemas com nenhum dos sexos, principalmente se os conceitos do que realmente é uma família forem repassados adequadamente”.

“Considero que essa entrevista foi muito boa, serve para toda a sociedade conhecer as pessoas homossexuais, os modos de vida, saber que somos diferentes, mas há um ponto em comum: queremos uma forma de vida ideal que nos deixe confortável e felizes como qualquer outra pessoa, com parceiros, sem parceiros, com filhos ou sem filhos, é a possibilidade de conhecer os homossexuais e seus mundos”.